

VI CIEAM

VI CICLO INTERNACIONAL DE ESTUDOS ANTIGOS E MEDIEVAIS

XIV CICLO INTERNACIONAL DE ESTUDOS ANTIGOS E MEDIEVAIS



"DISCURSOS, IDENTIDADES E SEXUALIDADES"

15 A 18 DE JUNHO DE 2015



vicieam@yahoo.com.br

vicieam.wix.com/vicieam

www.facebook.com/vicieamunesp

PROGRAMAÇÃO E RESUMOS

VI Ciclo Internacional de Estudos Antigos e Medievais
XIV Ciclo de Estudos Antigos e Medievais
“Discursos, Identidades e Sexualidades



Afresco Pompeiano. Fonte: CANTARELLA, 1999.

15 a 18 de junho de 2015

Av. Dom Antonio, 2100. Bairro: Parque Universitário. 19806-900 - Assis, SP. Telefone: (18) 3302-580

DIREÇÃO DO CAMPUS

Prof. Dr. Ivan Esperança Rocha
Dra. Ana Maria Rodrigues de Carvalho

CHEFIA DO DEPARTAMENTO

Prof. Dr. Paulo Henrique Martinez
Dr. Áureo Busetto

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

Dra. Lucia Helena Oliveira Silva

COORDENAÇÃO GERAL DE EVENTOS

Dra. Andrea Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho Rossi
Prof. Dr. Ivan Esperança Rocha

APOIO

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES
Pró - Reitoria de Pós - Graduação – PROPEG
Contemporânea – Empresa Júnior de História

CAPA, DIAGRAMAÇÃO E REVISÃO

Uelisso Frederico da Cruz
Isadora Buono de Oliveira
João Pedro Roveri

REALIZAÇÃO

Faculdade de Ciências e Letras de Assis
Núcleo de Estudos Antigos e Medievais – NEAM
Departamento de História
Programa de Pós-Graduação em História
Sessão Técnica de Apoio ao Ensino Pesquisa e Extensão – STAEPE

COORDENAÇÃO GERAL

Dra. Andrea Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho Rossi
Prof. Dr. Ivan Esperança Rocha

COMISSÃO ORGANIZADORA

Dra. Andrea Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho Rossi
Prof. Dr. Ivan Esperança Rocha
Dra. Margarida Maria de Carvalho
Dr. Ruy de Oliveira Andrade Filho
Dr. Nelson de Paiva Bondioli - NWU (North-West University - África do Sul)

COMISSÃO CIENTÍFICA

Dr. Alessandro J. Beccari - UNESP
Dra. Ana Teresa Marques Gonçalves – UFG
Prof. Dr. Carlos Roberto de Oliveira - UNESP
Dra. Cláudia Penavel Binato - UNESP
Dr. Dominique Santos – FURB
Dr. Fernando Cândido da Silva – UFSC
Dra. Lourdes Conde Feitosa – USC
Dra. Luana Neres de Sousa - IFG
Dra. Márcia Lemos – UESB
Dr. Mário Jorge da Motta Bastos – UFF
Dr. Nelson de Paiva Bondioli - NWU (North-West University - África do Sul)
Prof. Dr. Pedro Paulo de Abreu Funari – UNICAMP
Dr. Rafael Campos - UNIPAMPA
Dra. Raquel Parmegiani – UFAL
Dra. Renata Biazotto Venturini – UEM
Dr. Renato Pinto – UFPE
Dr. Ronaldo Amaral – UFMS
Dr. Sérgio Feldman – UFES
Dra. Terezinha Oliveira – UEM

SECRETÁRIAS DO DEPARTAMENTO

Clarice Gonçalves
Regina Lúcia Gonçalves Truchlaeff

SECRETARIA DO EVENTO

Mayara Jaine dos Santos
Higor Alves Candido
João Pedro Roveri
Philippe Canineo Damilano
Flávio Henrique Martins Vernaschi
Uelisso Frederico da Cruz

EQUIPE DE TRABALHO

Isadora Buono de Oliveira
Nelson de Paiva Bondioli
Germano Esteves
Benedito Inácio Ribeiro Júnior
Milena Tarzia
Danieli Mennitti
Thiago Sampaio
Flavio Henrique Martins Vernaschi
João Pedro Roveri
Higor Alves Cândido
Mayara Jaine dos Santos
Philippe Canineo Damilano
Uelisso Frederico da Cruz
Gesiel Theodoro da Silva Neto

SUMÁRIO

Programação	6
Sessões de comunicação	12
Resumos das Conferências e Mesas Redondas.....	20
Minicursos.....	35
Resumos das comunicações.....	44

PROGRAMAÇÃO

DIA 15 DE JUNHO

Das 8h às 16h30:

Credenciamento no Evento dos Inscritos

Das 19h30 às 22h:

*Abertura do Evento – 30 anos de História do NEAM:
Relatos de Sua Trajetória*

Dra. Andrea Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho Rossi (UNESP)
Prof. Dr. Carlos R. Oliveira (UNESP)
Prof. Dr. Ivan E. Rocha (UNESP)
Prof. Dr. Pedro P. Funari (UNICAMP)
Prof. Dr. Sidinei Galli (UNESP)

DIA 16 DE JUNHO

Das 8h00 às 10h00:

Minicursos

Minicurso 10

Discursos, Identidades e Sexualidades: Algumas Considerações
Sobre A Educação Das Mulheres Romanas.
Profa. Dra. Renata Barbosa (*Pós-Doutoranda UEL*)

Minicurso 11

Rituais e Representações da Magia no Império Romano
Profa. Dra. Semíramis Corsi (*UFMS*)

Minicurso 12

Deicidas, usurários e aliados do demônio:
Os judeus no mundo tardo antigo e medieval
Dr. Sérgio Feldman (*UFES*)

Minicurso 13

A Prática da Pesquisa em História Medieval
Prof. Dr. Mário Jorge da Motta Bastos
(*UFF – NIEP-Prék – Translatio Studii*)

Minicurso 7

Édipo Rei: O Mito e seus Discursos
Profa. Maria Izabel Cavalcante Da Silva Albarracin
(*Mestranda – Universidade de Coimbra*)

Minicurso 8

A Construção da Imagem de Augusto: Fontes Textuais e Estatutária
Profa. Dra. Natalia Frazão José (*UNESP*)

Minicurso 5

Sexo e Sexualidade na Literatura Medieval
Profa. Me. Luciana de Campos
(*PPGL-UFPA/NEVE*)

Minicurso 3

Documentação Militar e Eclesiástica Na Antiguidade Tardia:

Perspectivas Político-Culturais (Sécs. Iv E V D.C).

Bruna Campos Gonçalves

Doutoranda em História – Unesp/Franca

Daniel de Figueiredo

Doutorando em História - Unesp/Franca

Das 10h15 às 12h15:

Mesa-Redonda 1: Discursos e Identidades na Antiguidade

Dr. Nicolas Cruz Barros (PUC-Chile)

Dr. Fernando Candido (UFSC)

Mediador: Dra. Andrea Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho Rossi (UNESP)

Das 14h às 16h:

Simpósios Temáticos

Das 16h às 16h30:

Coffee Break

Das 16h30 às 18h30:

Minicursos

Minicurso 1

Plautus and Slavery: Sexualities and Theater*

Profa. Dra. Amy Richlin (UCLA)

*Minicurso será apresentado em Inglês.

Minicurso 2

A Identidade Dos Primeiros Cristãos:

Dinâmicas, Conflitos e Resistências

Prof. Me. Alessandro Arzani

(Doutorando UFRGS)

Minicurso 4

Identidades e Sexualidades da

Era Viking e Mitologia Nórdica

Prof. Dr. Johnni Langer

(UFPB/NEVE)

Minicurso 9

Heresias na Idade Média: Historiografia e Fontes

Profa. Me. Patrícia Antunes

Profa. Claudia Trindade de Oliveira.

Minicurso 14

Arqueología, una aproximación científica al pasado del hombre

Professora Marcela Zapata-Meza

Centro de Investigación en Culturas de

la Antigüedad Proyecto Arqueológico Magdala

Das 20h às 22h:

Mesa-Redonda 2: Discursos e Identidades no Medieval

Dr. Ronaldo Amaral (UFMS)

Dra. Adeline Rucquoi (Paris)

Dr. Sérgio Feldman (UFES)

Mediador: Dr. Ruy de Oliveira Andrade Filho (UNESP)

DIA 17 DE JUNHO

Das 8h00 às 10h00:

Minicursos

Minicurso 10

Discursos, Identidades e Sexualidades: Algumas Considerações
Sobre A Educação Das Mulheres Romanas.
Profa. Dra. Renata Barbosa (*Pós-Doutoranda UEL*)

Minicurso 11

Rituais e Representações da Magia no Império Romano
Profa. Dra. Semíramis Corsi (*UFSM*)

Minicurso 12

Deicidas, usurários e aliados do demônio:
Os judeus no mundo tardo antigo e medieval
Dr. Sérgio Feldman (*UFES*)

Minicurso 13

A Prática da Pesquisa em História Medieval
Prof. Dr. Mário Jorge da Motta Bastos
(*UFF – NIEP-Prék – Translatio Studii*)

Minicurso 7

Édipo Rei: O Mito e seus Discursos
Profa. Maria Izabel Cavalcante Da Silva Albarracin
(*Mestranda – Universidade de Coimbra*)

Minicurso 8

A Construção da Imagem de Augusto: Fontes Textuais e Estatutária
Profa. Dra. Natalia Frazão José (*UNESP*)

Minicurso 5

Sexo e Sexualidade na Literatura Medieval
Profa. Me. Luciana de Campos
(*PPGL-UFPA/NEVE*)

Minicurso 3

Documentação Militar e Eclesiástica Na Antiguidade Tardia:
Perspectivas Político-Culturais (Sécs. IV e V D.C).
Bruna Campos Gonçalves
Doutoranda em História – Unesp/Franca
Daniel de Figueiredo
Doutorando em História - Unesp/Franca

Das 10h15 às 12h15:

Mesa-Redonda 3: Discursos e Identidades na Antiguidade Tardia

Dra. Margarida Maria de Carvalho (UNESP)
Dra. Erica C. Morais da Silva (UFES)
Dra. Márcia Lemos (UESB)
Mediadora: Dra. Ana Teresa Marques Gonçalves (UFG)

Das 14h às 16h:

Mesa-Redonda 4: Discursos e Identidades na Idade Média II

Dr. Mário Jorge da Motta Bastos (UFF)
Dra. Raquel Parmegiani (UFAL)
Dra. Eleonora Dell'Elicinie (Argentina)

Mediação: Dra. Terezinha de Oliveira (UEM)

Das 16h às 16h30:

COFFEE BREAK

Das 16h30 às 18h30:

MINICURSOS

Minicurso 1

Plautus and Slavery: Sexualities and Theater*

Profa. Dra. Amy Richlin (UCLA)

*Minicurso será apresentado em Inglês.

Minicurso 2

A Identidade Dos Primeiros Cristãos:

Dinâmicas, Conflitos e Resistências

Prof. Me. Alessandro Arzani

(Doutorando UFRGS)

Minicurso 4

Identities and Sexualities da

Era Viking e Mitologia Nórdica

Prof. Dr. Johnni Langer

(UFPB/NEVE)

Minicurso 9

Heresias na Idade Média: Historiografia e Fontes

Profa. Me. Patrícia Antunes

Profa. Claudia Trindade de Oliveira.

Minicurso 14

Arqueología, una aproximación científica al pasado del hombre

Professora Marcela Zapata-Meza

Centro de Investigación en Culturas de

la Antigüedad Proyecto Arqueológico Magdala

Das 20h às 22h:

Mesa-Redonda 5: Discursos na e sobre a Antiguidade

Dra. Marcela Zapata-Meza (UNAM - México)

Dra. Ana Teresa Marques Gonçalves (UFG)

Dr. Guilherme Gontijo (UFPR)

Mediador: Prof. Dr. Ivan Esperança Rocha (UNESP)

Dia 18 de junho

18 DE JUNHO

Das 8h00 às 10h00:

MINICURSOS

Minicurso 10

Discursos, Identidades e Sexualidades: Algumas Considerações

Sobre A Educação Das Mulheres Romanas.

Profa. Dra. Renata Barbosa (Pós-Doutoranda UEL)

Minicurso 11

Rituais e Representações da Magia no Império Romano

Profa. Dra. Semíramis Corsi (UFSM)

Minicurso 12

Deicidas, usurários e aliados do demônio:
Os judeus no mundo tardo antigo e medieval
Dr. Sérgio Feldman (UFES)

Minicurso 13

A Prática da Pesquisa em História Medieval
Prof. Dr. Mário Jorge da Motta Bastos
(UFF – NIEP-Prék – Translatio Studii)

Minicurso 7

Édipo Rei: O Mito e seus Discursos
Profa. Maria Izabel Cavalcante Da Silva Albarracin
(Mestranda – Universidade de Coimbra)

Minicurso 8

A Construção da Imagem de Augusto: Fontes Textuais e Estatutária
Profa. Dra. Natalia Frazão José (UNESP)

Minicurso 5

Sexo e Sexualidade na Literatura Medieval
Profa. Me. Luciana de Campos
(PPGL-UFPA/NEVE)

Minicurso 3

Documentação Militar e Eclesiástica Na Antiguidade Tardia:
Perspectivas Político-Culturais (Sécs. IV e V D.C).
Bruna Campos Gonçalves
Doutoranda em História – Unesp/Franca
Daniel de Figueiredo
Doutorando em História - Unesp/Franca

Das 10h15 às 12h15:

Mesa-Redonda 6: Traduções, Discursos e Identidades

Dra. Joseanne Prezotto (UFPR)
Dr. Brunno Vieira (UNESP - Araraquara)
Mediação: Dr. Alessandro J. Beccari

Das 14h às 16h:

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS

Das 16h às 16h30:

COFFEE BREAK

Das 16h30 às 18h30:

MINICURSOS

Minicurso 1

Plautus and Slavery: Sexualities and Theater*
Profa. Dra. Amy Richlin (UCLA)
*Minicurso será apresentado em Inglês.

Minicurso 2

A Identidade Dos Primeiros Cristãos:
Dinâmicas, Conflitos e Resistências
Prof. Me. Alessandro Arzani
(Doutorando UFRGS)

Minicurso 4

Identidades e Sexualidades da

Era Viking e Mitologia Nórdica
Prof. Dr. Johnni Langer
(UFPB/NEVE)

Minicurso 9

Heresias na Idade Média: Historiografia e Fontes
Profa. Me. Patrícia Antunes
Profa. Claudia Trindade de Oliveira.

Minicurso 14

Arqueología, una aproximación científica al pasado del hombre
Professora Marcela Zapata-Meza
*Centro de Investigación en Culturas de
la Antigüedad Proyecto Arqueológico Magdala*

Das 19h30 às 22h:

Encerramento: Discursos e Sexualidades

Dra. Amy Richlin (UCLA)
Dra. Lourdes Feitosa (USC)
Dr. Renato Pinto (UFPE)
Mediador: Dr. Fernando Cândido da Silva

A partir das 22h00:

*JANTAR FESTIVO POR ADESÃO**

* Não incluso no valor da inscrição

A descrição dos pratos:



- Prato principal 1: frango com molho de especiarias que recebe o nome de Tagine (coxas e sobre-coxa de frango cozido com alho, cebola roxa, açafrão, coentro, cominho, curry, erva-doce, anis-estrelado, cravo da Índia e canela em pau. O molho fica bem grosso pois é cozido lentamente no azeite de oliva e nas especiarias. Depois de pronto é salpicado por cima coentro fresco, cebolinha e salsa. (Na foto é o prato do meio que está na panela de barro).
- Prato Principal 2: Cous-cous de semolina de trigo. É o famoso cous-cous marroquino que é hidratado com água quente, sal e azeite de oliva. Por cima é regado um cozido de lentilhas temperado com a casca ralada de limão siciliano, cominho, cebola roxa finamente picada, alho amassado, folhas de louro e tomilho. É servida por cima do cous-cous e pode ser comida sozinha ou com o Tagine.
- Acompanhamentos: uma “salada” de berinjelas assadas temperada com nos-moscada, azeite, sal, cebola refogada e bastante cominho. Legumes (cenoura, pimentão, alho-poró, cebolas refogadas nas especiarias e no azeite. Pão de farinha de trigo branca e integral.
- Vinho ervado: vinho tinto temperado com erva-doce, anis, alfazema e cravo diluído com água e mel.
- Sobremesa: arroz doce com água de rosa e doce de semolina com passas e calda de flor de laranjeira.

SESSÕES DE COMUNICAÇÃO

TEMA: SEXUALIDADES E IDENTIDADES NA GRÉCIA ANTIGA

Coordenação:

Dr. Leandro Mendonça Barbosa (UCDB)

Dra. Luana Neres de Sousa (IFG)

Entre o Eros e Oikos: Gênero e sexualidade
na casa ateniense do século V a.C

Juliana Magalhães dos Santos

O discurso ideológico e a experiência social:
Status e mobilidade feminina em [Demóstenes] 59, contra Neaira.

Aline Saes Rodrigues

Crítica e metalinguagem na elegia erótica de
Propércio e na comédia de Aristófanes.

Elvis Freire da Silva

Paulo César de Brito Teles Júnior

Uma análise das mulheres espartanas na obra de Plutarco

Gaya Maria Vazquez Gicovate

Misoginia na Miologia Grega

Isadora Rabelo Nunes

Jacob Marissa Junior

A diferenciação dos sexos no mundo antigo

Jacob Marissa Junior

Isadora Rabelo Nunes

O Sileno sexualizado: O falo como poder sexual
nas representações artísticas da Ática

Leandro Mendonça Barbosa

Identidade e Sexualidade na Poesia de Teógnis de
Mégara e sua relação com os Banquetes

Atenienses do período clássico

Luana Neres de Sousa

O Mito de Édipo e sua representação trágica

Maria Izabel Cavalcante da Silva Albarracin

Endoxa e Phainomena na Ethica Eudemia

Mariane Farias de Oliveira

Aiskhrologia em Aristófanes

Paulo César de Brito Teles Júnior

Elvis Freire da Silva

A masculinidade de Penteu transvestida: uma análise
comportamental a partir da identidade de gênero

Waldir Moreira de Sousa Júnior

TEMA: MANIFESTAÇÕES TEATRAIS NA ANTIGUIDADE E MEDIEVO

Coordenação:

Dra. Elisana de Carli (UFSC)

Tempo e espaço em as Tesmoforiantes: estratégias de reconfiguração espaço-temporal e a importância do espectador na recepção da obra

Amanda de Carvalho Franz

Jane Kelly de Oliveira

A representação do feminino em Aristófanes: algumas considerações sobre a comédia Lisístrata (séc V a.C.)

Barbara Alexandre Aniceto

Corpo feminino de Lisístrata e sua importância no desenvolvimento do enredo – um exercício de análise semiológica

Jane Kelly de Oliveira

Relações possíveis entre tragédia e prática jurídica na Atenas do século V a.C.

Milena Tarzia Barbosa da Silva

TEMA: DISCURSOS E IDENTIDADES ENTRE CELTAS E GERMANOS

Coordenação:

Dr. Dominique Santos (FURB)

Dr. Nelson de Paiva Bondioli (North-West University)

A formação da identidade Irlandesa e sua apropriação cristã pelo livro das invasões da Irlanda

Diego Souza da Rosa

Bretão, Romano Cristão: a questão da identidade na Bretanha Pós-Roma

Helena Schütz Leite

Valerius Maximus: o discurso religioso e a construção da romanidade no período do século I E.C.

Isadora Buono de Oliveira

Germanos, guerreiros de Wotan ou raça Ariana? Etnia e nacionalismo na compreensão do passado germânico

Maurício da Cunha Albuquerque

TEMA: SEXUALIDADE, CORPO E GÊNERO: OLHARES SOBRE A HISTÓRIA ANTIGA

Coordenação:

Dra. Lourdes Conde Feitosa (USC)

Dr. Renato Pinto (UFPE)

A construção da sexualidade cristã frente ao “outro” em 1º Coríntios

Ailton dos Santos Manso

“É possível modificar as relações de gênero

modificando somente as mulheres?”

Benedito Inácio Ribeiro Júnior

As relações entre senhores e jovens escravos
nos epigramas homoeróticos de Marcial

Diogo Moraes Leite

Augusto e as leis matrimoniais no poema
Carmen Saeculare, de Horácio

Erick Messias Costa Otto Gomes

Sexo, gênero e poder nas representações
do Imperador Romano Adriano

Filipe N. Silva

Estereótipos femininos em o Asno de Ouro de Apuleio

Lahís Moreno Gibelato

Morte e feminino na Consolatione

Ad Marciam de Sêneca

Luciane Munhoz de Omena

Júlio César e os “Ícones do mau comportamento”

Natália Ferreira de Campos

A representação do Corpo Feminino na Grécia Clássica:
Heródoto (V a.C) e a iconografia dos vasos áticos

Nathalia Monseff Junqueira

Ele acariciou-me no leito: erotismo, prazer e
sacralidade no culto à deusa mesopotâmica Inanna/Ishtar

Simone Aparecida Dupla

A atuação das matronas romanas no culto a fortuna Muliebres:
uma análise a partir de Ab Vrbe Condita de Tito Lívio

Suíany Bueno Silva

“Uma desgraça e estigma para a Grécia”:
a sexualidade de Alexandre Magno no filme Alexander (2004), de Oliver Stone”

Thiago do Amaral Biazotto

Quando (não se) há interesse pela “Rainha da Bitínia”.
Representações antigas e modernas das virilidades de Júlio César

Victor Henrique da Silva Menezes

“Corpo, Sexualidade e documentário:
representações cinematográficas do sexo na Pompéia Romana”

Victória Regina Vóros

Lourdes Conde Feitosa

Relações de Homophilía na Grécia Clássica:
apropriações de modelos homoafetivos helênicos na contemporaneidade

Viviane Kate Pereira Ramos

Dayane Azevedo Silva

Abstinência Sexual e Autoridade nas primeiras
comunidades Cristãs da província da Ásia

Pedro Luís de Toledo Piza

TEMA: EDUCAÇÃO E IDADE MÉDIA

Coordenação:

Dra. Terezinha Oliveira (UEM)

Princípios educativos na Idade Média: um estudo do manual de Dhuoda

Ana Paula dos Santos Viana
Sandra Regina Franchi Rubim

Influências da Patrística e da escolástica na evangelização e catequese da Europa Medieval

Maria Cleidiana Oliveira de Almeida

E Deus disse: faça-se o rei

Mariana Vieira Sarache
Terezinha Oliveira

E educação e as relações de poder no Reino Visigodo a partir do Bispo Isidoro de Sevilha (589-636)

Pâmela Torres Michelette

A relação entre o cavaleiro e a mulher sob a ótica de Raimundo Lúlio no livro da Ordem de Cavalaria (1272-1283)

Paula Carolina Teixeira Marroni
Terezinha Oliveira

Educação Medieval: a memória histórica e metodológica da pedagógica franciscana

Paula Ruas Ferreira

Erasmus de Roterdã: reforma sem ruptura

Paulo Donizéti Siepierski

TEMA: DISCURSOS, IDENTIDADES E SEXUALIDADES DURANTE O PRINCIPADO

Coordenação:

Dra. Renata Lopes Biazotto Venturini (UEM)

Dr. Rafael da Costa Campos (UNIPAMPA)

Plínio, o jovem saúda seus caros amigos e familiares

Renata Lopes Biazotto Venturini

Narrativa Histórica e Biografia: a vida de Galba

Adriele Andrade Ceola
Renata Lopes Biazotto Venturini

Os Judeus segundo Justino Mártir

Alessandro Arzani

As relações entre Marcial e Juvenal: observações sobre o clientelismo (séculos I e II d.C)

Amanda Giacom Parra

Um diálogo com os ausentes:
representação, gênero e feminino em Roma
Danieli Mennitti

Pão e Circo: a política da Dinastia Flaviana
sob os olhos da cultura material moderna e a literatura revisitada
Esther Salzman Castellano

De Otávio a Augusto: a criação da imagem do
Imperador Júlio – Claudiano na obra de Lúcio Floro (séculos I e II d.C)
Natália Frazão José

O afastamento de Tivério César Augusto (14-37 d.C.) de Roma para
Capri – um marco de inflexão política durante seu principado
Rafael da Costa Campos

Cultura e Educação das mulheres romanas no século de Augusto
Renata Cerqueira Barbosa

O Epigrama em Marcial
Thais Aparecida Bassi Soares
Renata Lopes Biazotto Venturini

**TEMA: PROBLEMAS DE TRADUÇÃO DOS CLÁSSICOS GREGOS E LATINOS:
ASPECTOS TEÓRICOS E PRÁTICOS NA VERSÃO DE TEXTOS RELACIONADOS À SEXUALIDADE,
EROTISMO E QUESTÕES DE GÊNERO**

Coordenação:

Dra. Claudia Binato (UNESP-Assis)
Dr. Alessandro Beccari (UNESP-Assis)

Projeto “tecendo o manto de Penélope”:
a cultura clássica na sala de aula a partir da obra Odisseia
Daniel Aparecido de Souza
Valéria Aparecida da Cruz Mello

Uma questão de tradução: poesia grega e sua versão em português
Luiz Carlos André Mangia Silva

TEMA: SEXUALIDADES E IDENTIDADES NA ANTIGUIDADE TARDIA E MEDIEVO

Coordenação:

Dra. Semíramis Corsi Silva (GLEIR/UNESP - Franca)
Ma. Luciana de Campos (PPGL/UFPB/NEVE/GIEM/CEIA)

Menstruum: empoderamento ou profanação?
A ambivalência do sangue menstrual nas crenças medievais
Andressa Furlan Ferreira

As múltiplas identidades existentes no exército romano da antiguidade
tardia (séc IV d.C): um estudo da obra de Amiano

Marcelino Bruna Campos Goncalves

Práticas de lectura y escritura de la elite pagana tardorromana. El caso del emperador Juliano y su correspondencia con el filosofo Jamblico, dentro del marco de una comunidad interpretación

Cristian Oscar Astellano

A querela sobre as mulheres no reino castelhano (séc XV)

Danielle Oliveira Mércuri

Cosmologia e Identidade na Escandinávia da Era Viking

Johnni Langer

Reflexões sobre o conceito de Identidade Religiosa na Galiza do século VI

Juliana Bardella Fiorot

O tratado do amor cortês e as relações entre os sexos na perspectiva da análise do discurso

Ligia Cristina Carvalho

Identities e sexualidades na literatura escandinava medieval

Luciana de Campos

Rito, mito e memória no mundo escandinavo pré-cristão

Munir Lutfe Ayoub

Representando Xamãs e feiticeiras na Europa Setentrional: uma comparação entre a literatura Islandesa medieval e o relato Lapponia de Johann Scheffer

Pablo Gomes de Miranda

O Império Romano do sofista filóstrato: fronteiras e identidade grega nas viagens para a Índia da "Vida de Apolônio de Tiana" (século II d.C.)

Semíramis Corsi Silva

Identidade Cristã Nicena e sexualidades na antiguidade tardia a partir de um discurso Agostiniano de fins do século IV

Wendell dos Reis Veloso

TEMA: TEMÁTICA LIVRE

Coordenação:

Dr. Ricardo Gião Bortolotti
(UNESP/Assis)

Notas sobre o sentido comum em Tomás de Aquino e Arendt

Ricardo Gião Bortolotti

O desempenho de Plínio, o Jovem, em três contendas testamentárias: as defesas de Arrionilla, Junius Pastor e Attia Virola

Dominique Monge Rodrigues de Souza

Lactância das epístolas de São Jerônimo

Douglas Raphael Machado Gobato

Renata Lopes Biazotto Venturini

A “Linguagem comum” entre as entidades associativas na Judeia do século II a.C
Fernando Mattioli Vieira

As facções do circo: entendendo sua participação social e política no império romano
Francisco Fontanesi Gomes

Algumas considerações sobre a seção do poema de Rerum Natura dedicada à procissão de Magma Mater em Roma
Maria de Nazareth Eichler Sant’Angelo

Os Imperadores Pagãos: História, religiões e a entrada do cristianismo no Império Romano
**Nathany Andrea Wagenheimer Belmaia Amador
Monica Selvatici**

A Pístis de Platão: problematização da estrutura dramática dos diálogos
Rafael Virgílio de Carvalho

Caça às feiticeiras: o medo em relação à mulher e a grande perseguição
Talita da Costa Plum

A presença do mito pagão nas igrejas escandinavas do séc XII
Valmir Azevedo dos Santos Junior

Moedas romanas na Escandinávia: ressignificações e funções
Vítor Bianconi Menini

TEMA: IGREJA, SOCIEDADE E PODER NA IDADE MÉDIA

Coordenação:

Prof. Dr. Mario Jorge da Motta Bastos
Profª. Dr. Raquel de Fátima Parmegiani

A escolástica na historiografia da ciência
Amélia de Jesus Oliveira

O confronto político do Bispo Gudmundr com os Godar, na Islândia do século XIII
André Araújo de Oliveira

A escrita como Instrumento Hierocrático: as nuances da escrita inquisitorial de Bernard Gui (1261:-1331)
André Pereira Rocha

O Episcopado na Galiza: paradoxos entre a religiosidade popular e o cristianismo oficial
Cláudia Trindade de Oliveira

As astúcias do diabo: feitiçaria na Idade Média e no Malleus Maleficarum sob o ponto de vista Foucaultino (século XV)
Crislayne Fátima dos Anjos

Uma análise político-religiosa e administrativa da atuação do Imperador Teodósio II nos concílios de Éfeso I (43) e Éfeso II (449) a partir ds Acta Conciliorum Oecumenicorum
Daniel de Figueiredo

O caminho da almas: o imaginário ligado ao além no Prognosticum Futuri Saeculi, de Julião de Toledo (642-690 d.C.)
Germano Miguel Favaro Esteves

Constantino I na historiografia e na cultura material: as relações de poder entre estado e igreja da antiguidade tardia ao medievo
Jefferson Ramalho

As representações dos Vândalos na obra de Gregório I (590-604)
João Paulo Charrone

Aspectos da religiosidade popular expressos nos Semor Ad Populum de Cesário de Arles (século V e VI)
Thiago Fernando Dias

RESUMOS DAS CONFERÊNCIAS E MESAS REDONDAS

Todas as Mesas serão realizadas no Anfiteatro Antônio Merisse

Das 19h30 às 22h:

*Abertura do Evento – 30 anos de História do NEAM:
Relatos de Sua Trajetória*

Prof. Dr. Ivan E. Rocha (UNESP/Assis)

Dra. Andrea Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho Rossi (UNESP)

Prof. Dr. Carlos R. Oliveira (UNESP)

Prof. Dr. Pedro P. Funari (UNICAMP)

Prof. Dr. Sidinei Galli (UNESP)

Conferência de Abertura: “30 anos de História do NEAM: Relatos de sua Trajetória”

Título: “30 ANOS DO ACERVO DE HISTÓRIA ANTIGA DA FCL-ASSIS”

Prof. Dr. Ivan E. Rocha (UNESP/Assis)

O NUCLEO DE HISTÓRIA ANTIGA E MEDIEVAL (NEAM) do curso de História da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP/Assis comemora 30 anos de criação e inclui dentre suas atividades a composição de um acervo bibliográfico com aproximadamente 2000 títulos, constituído por contribuições pessoais e sugestões de aquisição por parte de seus membros, mas também por materiais ligados especificamente a pesquisas de professores e alunos de graduação e pós-graduação vinculados ao NEAM. Na última década somou-se a esse acervo físico, a assinatura de renomadas bases de dados nacionais e internacionais que incluem milhares de publicações em revistas eletrônicas nas áreas de História Antiga, Arqueologia, Antropologia e outras afins, criando oportunidades ímpares de acesso que anteriormente dependia de deslocamentos físicos e de elevados recursos financeiros.

Mesa-Redonda 1: Discursos e Identidades na Antiguidade

Mediadora: **Dra. Andrea Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho Rossi**
(UNESP/Assis)

“ Identidad romana y discurso: Eneida de Virgilio y Res Gestae de Augusto”.
Dr. Nicolas Cruz Barros (PUC-Chile).

Mi interes en esta presentacion radica en el estudio del discurso sobre la identidad romana elaborada en el momento final de la crisis de la Republica romana y el establecimiento del sistema imperial. Este discurso fue elaborado por el circulo

imperial romano recién llegado al poder, esto es, por el emperador Augusto y algunas de las figuras más cercanas a él. En su elaboración tuvieron una gran importancia los poetas, especialmente Virgilio. Los contenidos transmitidos apuntaron a rescatar el pasado romano anterior al siglo I a.C. y destacar el cultivo de aquellas virtudes que habían engrandecido a Roma, indicando que su reposición resultaba fundamental para el nuevo período de la historia que se iniciaba luego de las guerras civiles. La identidad romana aparecía unida de manera indisoluble con el pasado que había tenido lugar y el futuro debía surgir cautelando dicha relación.

Hacia finales de las guerras civiles que afectaron a Roma, y en medio de los cambios que se generaron a partir del establecimiento del sistema de Principado, el emperador Augusto convocó a sus cercanos (poetas, principalmente) para que relacionaran la novedosa experiencia política romana que se estaba implementando con la tradición romana. Entre los artistas que respondieron a esta convocatoria estuvo Virgilio quien coincidió y redactó su poema *Eneida*, obra que logró tender los puentes entre el pasado y el presente romano, destacando que no existía tensión o contradicción entre uno y otro tiempo, y que por el contrario el régimen de Principado y el emperador Augusto eran una de las concreciones de aquello que estaba inscrito en la historia romana desde el inicio de su historia.

El emperador Augusto, unos treinta años después de que se diera a conocer el poema virgiliano, terminó de escribir sus memorias sobre lo que había sido –desde su punto de vista, por cierto– su gobierno sobre la ciudad de Roma, su vasto imperio y la forma en que había establecido un orden mundial en el que el Imperio romano jugaba un papel central y recibía los reconocimientos de todos los grandes reinos que quedaban fuera de sus fronteras. Estas memorias políticas, breves y precisas, conformaron una inscripción que ha llegado hasta nosotros bajo el título de *Res Gestae Divi Augusti*, y abarcan desde el año 44 a.C., momento en que Julio César fue asesinado y Augusto ingresó a la vida política en Roma, hasta poco antes de la muerte del Emperador el año 14 d.C. El texto de la inscripción contiene una serie de coincidencias conceptuales con el poema virgiliano del año 19 a.C. Augusto sostiene que su gobierno constituyó una restauración del sistema político romano (república) y de las virtudes y valores que los romanos habían forjado a través de los siglos y que constituían su máxima fortaleza y reserva para la construcción de su presente y de su futuro.

Virgilio terminó por dar forma a un personaje ya presente en la cultura romana tal como lo era Eneas. Pero, fue él quien desarrolló en profundidad algunas de sus características y lo dotó de otras que no se habían indicado hasta el momento. Así, un príncipe troyano (asiático), derrotado en la Guerra de Troya, sobreviviente de la masacre que significó el último capítulo de dicho conflicto, terminó por convertirse en un proto-

romano, esto es, en un paradigma de aquellos valores que los romanos reclamarían como suyos de manera distintiva. Pero Eneas, y ya en el tiempo de Virgilio la cronología establecía ciertas exigencias, había vivido por lo menos unos trescientos años antes de la fundación de la ciudad. De modo tal que Eneas terminaba por ser quien había establecido una estirpe que, con el paso de los siglos –algunos difíciles–, había dado nacimiento a los romanos. Un héroe distante en el tiempo pero no en su significado y alcances. La figura de Eneas ponía a Roma en contacto con la historia más antigua e importante de la que griegos y romanos tuvieran memoria; Roma era una parte de la historia del mundo, esto es, de aquella que se iniciaba con Troya y los troyanos. La construcción de la identidad romana buscó establecer la conexión recién descrita más que relacionar al pueblo que había llegado a conquistar un gran imperio con la Italia de los primeros tiempos.

La característica central del Eneas que Virgilio terminó por conformar fue la piedad. En contraposición con los héroes griegos de la *Iliada*, él no fue un gran comandante (al modo de Aquiles) ni tuvo las capacidades que se derivan de un gran ingenio (al modo de Odiseo). Esto es algo que reconoce el propio Eneas cuando en el libro II de la *Eneida* narra los sucesos de aquella noche en que Troya fue destruida. Fue su piedad lo que lo llevó a ocuparse de salvar a su padre y a su hijo en medio de la destrucción (*pietad filial*) y reconocer el mando de su padre mientras se mantuvo con vida durante el viaje. En otro contexto fue que Eneas incorporó un elemento nuevo y central de la piedad como es su dimensión cívica, esto es, aquella que se expresaba en espacio público y lo constituía. Ambos aspectos de la piedad venían a confirmar y profundizar aquella de tipo religioso (para con los dioses) que lo había caracterizado desde el inicio. La piedad cívica fue el tema central de la última parte del libro VI de la *Eneida*, ocasión en la que Virgilio narra la visita de Eneas al mundo de los muertos donde terminó por encontrar a su padre de Anquises, convertido en una suerte de *princeps* en ese lugar. Anquises mostró a su hijo el futuro de Roma, el que coincidía con los resultados que tendrían en el largo arco de tiempo los padecimientos que Eneas y los suyos afrontaban en el largo viaje buscando llegar hasta las tierras de Italia.

La visión sobre el futuro de Roma que pudo observar Eneas estuvo compuesta por una serie de figuras históricas de Roma que vivirían varios siglos más adelante participando en algunas de las situaciones decisivas de la historia romana. El efecto poético se basaba en un escritor que, desde su presente se instalaba en el pasado más remoto para luego, desde ahí, repasar los actores sobresalientes de Roma en el tiempo. Finalmente, el poeta extendió su galería de personajes hasta su propio momento de escritor. El punto central radicó en el hecho de que los personajes figuraron más en cuanto a las virtudes que representaron en su tiempo y que transmitieron a las futuras

generaciones, que en cuanto individuos que realizaron acciones individuales. De acuerdo a este discurso, las virtudes romanas, tales como la piedad, la entrega al ejercicio de la política, la sobriedad, el desapego a los bienes materiales, la disciplina, entre otros, fueron implementadas a lo largo de la historia y llegaron a convertirse en la esencia de la romanidad.

En un determinado momento Virgilio, repitiendo un recurso, se extiende hasta los tiempos del emperador Augusto, a quien incluye en la lista de los romanos ilustres, compartiendo las virtudes más profundas de Roma. Este emperador romano sería un Nuevo Eneas que ha devuelto la paz a Roma luego de las guerras civiles y ha restaurado el culto a los dioses, entendida como la garantía de la eternidad romana. En este sentido, el discurso de la *Eneida* es uno que relaciona la recuperación de la grandeza de Roma con la piedad mantenida y constante a los dioses.

Augusto en sus *Res Gestae* sostuvo haber representado y encarnado el paradigma de la romanidad que terminara de construir Virgilio. Su obra fue la de la recuperación del consenso político, la reimplantación de los valores republicanos que habían engrandecido a Roma, la revitalización del *mos maiorum* y el impulso para reponer el culto a los dioses en la actividad diaria de la ciudad.

“Naquele tempo não havia rei em Israel”: o discurso da sexualidade em Juízes 19-21 e sua produtividade colonial

Dr. Fernando Cândido (UFSC)

Virgens, concubinas e vagabundos são alguns dos personagens que perfazem a narrativa que finaliza o livro bíblico dos Juízes (capítulos 19-21). Entretanto, tal narrativa não parece almejar, em seu primeiro sentido, qualquer discurso sobre a sexualidade bíblica *per se*. Seu ponto principal – tal como evidenciado pela introdução (19,1) e conclusão (20,25) – é registrar a ausência da realeza em um tempo permeado por guerras, crueldades e atos burlescos. Se assim for, seria preciso avaliar a sexualidade como mais um recurso retórico que sustenta, de maneira fetichista e estereotipada, interesses fundamentalmente coloniais no interior do sistema textual do Livro de Juízes: após tantos ‘juízes-salvadores’ suscitados por Yhwh, as tribos de Israel teriam cedido, finalmente, às ‘prostituições cananeias’? Sem rei, poderia ter Israel uma identidade/unidade? Entre guerras masculinas e mulheres retalhadas, como a narrativa (des)organiza os modos de produção e reprodução? Tais questões nos remetem, em especial, para a audiência masculina do texto – convidada a refletir seriamente sobre a eficácia da realeza na organização social – e é desde aqui que gostaríamos de

investigar a produtividade colonial de Juízes 19-21 em suas muitas histórias de violência sexual.

Mesa-Redonda 2: Discursos e Identidades no Medievo

Mediador: Dr. Ruy de Oliveira Andrade Filho (UNESP)

“O si mesmo como outro”. A natureza do autor e do indivíduo a luz da literatura hagiográfica medieval

Dr. Ronaldo Amaral (UFMS)

A teoria literária ofereceu uma contribuição definitiva ao conhecimento histórico, sobretudo se coadunada com uma discussão propriamente epistemológica sobre o conhecimento histórico; isto é, sobre sua natureza e possibilidades de apreensão enquanto pretérito. Partimos aqui, portanto, do pressuposto que todo conhecimento histórico constitui-se precisamente em uma representação do passado a qual o texto mais que do constitui-la por si e em si mesma, como a única História possível, a encerra enquanto representação. Daqui que o texto histórico cobra seu papel de primeira importância, pois todo o conhecimento possível do passado, enquanto testemunho literário, nele se constitui enquanto representação e dele emerge para ser de novo rerepresentado. Daqui partiremos, em consonância ao tema proposto a essa mesa, “Discurso e identidade na Idade Média”, a propor um *modus operandi* por meio do qual uma fonte literária medieval pode ser apreendida como fonte histórica, ao considerar precisamente conceitos antropológicos e literários, como o indivíduo e o autor, como de natureza histórica e historiográfica.

Fundamentos de la identidad hispana en la Edad Media

Dra. Adeline Rucquoi (Paris)

A principios del siglo VII, las *Laudes Hispaniae* de Isidoro de Sevilla presentaron la Península ibérica como una tierra aparte, imagen del paraíso, perfecta y envidiada por los demás, adornada con cualidades específicas. A lo largo de los siglos siguientes, los españoles mantuvieron esa convicción de ser diferentes y de tener una evolución propia, independiente tanto del Papado como de los imperios (bizantino y germánico) y de los reinos vecinos. Aunque resulte anacrónico hablar de "identidad" en la Edad Media, ya que la palabra no tiene entonces el sentido que se le dió en los siglos XIX y XX, existen sin embargo criterios elaborados en España en el siglo XI que permiten

acercarnos a lo que podía ser el sentimiento de identidad. Esos criterios fueron expresados por varios autores, y se hacen patentes también a la lectura de obras historiográficas, jurídicas o literarias. La mayor parte de esas obras, que toman por espacio el conjunto de la antigua *Hispania*, fueron producidas en Castilla y adoptadas/adaptadas por los demás reinos peninsulares, así como por los judíos y musulmanes que vivían en ellos. El discurso de Alfonso de Cartagena en el concilio de Basilea de 1434 muestra que el espíritu "identitario" de las *Laudes Hispaniae* seguía muy vivo ocho siglos después, en vísperas del descubrimiento de América. Intentaremos señalar los elementos más destacados de esa "identidad" hispana medieval.

REPRESENTAÇÕES DO SANGUE NAS RELAÇÕES CRISTÃS JUDAICAS NO OCIDENTE MEDIEVAL

Sergio Alberto Feldman (UFES)

Esta apresentação pretende refletir e comparar num espectro de média e longa duração, as representações do sangue nas relações cristãs judaicas num período de meio milênio, tendo como palco duas regiões e contextos. Iniciando no império Germânico no período das cruzadas (final do séc. XI e sec. XII e XIII) e se estendendo, inicialmente para as regiões próximas (reinos da França e da Inglaterra). As expressões mais marcantes seriam o *Kidush HaShem* (imolação humana pela santificação do Nome de Deus) do lado judaico, e as acusações de crime ritual e profanação das hóstias, do lado cristão. E num processo de migração de crenças e mitos pela rota transpirenaica, a sua chegada aos reinos ibéricos. Já no contexto ibérico a formatação de novas representações do sangue com a elaboração do conceito de pureza de sangue no bojo de uma luta de representações que visava excluir a ascensão de descendentes de conversos (sec. XIV e XV) e sua inserção em cargos eclesiásticos e a obtenção de títulos de nobreza. O amplo conjunto e o largo recorte temporal e espacial se fundamentam numa percepção de que os limites entre os dois grupos religiosos eram definidos a partir de conceitos de pureza ritual e/ou de nobreza e assim serviam para delimitar o sagrado e puro, do profano e impuro. Constrói-se assim uma cerca simbólica que separava os dois grupos, até mesmo depois que o minoritário aderiu ao majoritário.

Mesa-Redonda 3: Discursos e Identidades na Antiguidade Tardia **Mediadora: Dra. Ana Teresa Marques Gonçalves (UFG)**

**Vida e Morte do Imperador Juliano nos testemunhos de Libânio e Amiano
Marcelino (séc. IV d.C.)**

Dra. Margarida Maria de Carvalho (UNESP)

A vida e a morte do Imperador Juliano (361-363 d.C.) sempre foi alvo de especulação de muitos escritores e historiadores da Antiguidade Tardia à época contemporânea. As diversas vertentes sobre a morte de Juliano são originárias daqueles acontecimentos narrados por Libânio de Antioquia e Amiano Marcelino. Só o primeiro redigiu três versões sobre a morte do Imperador em suas *Orações a Juliano*, enquanto que Amiano Marcelino apontou uma interpretação em sua *Res Gestae* que, em alguns pontos, difere da de Libânio. Nessa palestra, pretendo mostrar e interpretar tais versões fazendo uma comparação entre elas. Ambos os autores registraram os acontecimentos da morte transformando tais eventos em uma memória viva do Príncipe filósofo. Enquanto memória, a própria morte daria vida para a construção da imagem de um herói.

Campo Intelectual e Relações de Poder na Antiguidade Tardia Dra. Márcia Lemos (UESB)

Pensar os intelectuais como uma criação do mundo contemporâneo, como se eles tivessem nascido a partir do século XIX com o caso *Dreyfus*, para Norberto Bobbio, seria um equívoco; para nós, restringiria a capacidade do historiador refletir sobre a escrita e seus agentes ao longo da história. Compreendemos, assim como o autor, que os intelectuais constituem um grupo extremamente heterogêneo, podem ser os “sábios”, os “doutos”, os *philosophos*, os literatos, *gens de lettre*, ou simplesmente escritores e clérigos que, sob nomes diversos, sempre existiram. No caso romano, os intelectuais constituíam um grupo restrito de homens que frequentavam escolas de retórica e filosofia e formavam círculos culturais e políticos. Neste sentido, o propósito desta comunicação é analisar a relação entre o campo intelectual e o poder no Império Romano da Antiguidade Tardia. Para iniciar tal reflexão, vamos analisar os epistolários de Ambrósio de Milão e Agostinho de Hipona.

Os espaços da justiça na Antiguidade Tardia: O uso do Dicastério e do Bouletério segundo Libânio de Antioquia Dra. Érica C. Morais da Silva (UFES)

Recentemente, os estudos sobre as cidades antigas têm sido recuperados por uma tendência de investigação da cidade pela sua topografia, pelo seu espaço urbano

naquilo que implica na compreensão do aspecto simbólico e material do espaço da cidade e as ressignificações e reutilizações do espaço, das construções e dos complexos arquitetônicos públicos e privados pelos diferentes grupos sociais. Isso é certamente verdade para o caso do contexto da Antiguidade Tardia onde se observa intervenções imperiais, episcopais e lideranças municipais e cidadinas numa luta de representações do espaço urbano e suas construções. Os espaços citadinos apresentavam mais de uma única função sendo utilizados e frequentados por diferentes grupos sociais que lhe atribuíam valores particulares e utilizam os espaços cada qual a partir da perspectiva político-cultural de cada um dos grupos membros de uma dada sociedade. Assim, um espaço tardo-antigo, à priori, concebido como lugar ‘cristão’ ou ‘pagão’ deve ser contextualizado a seu tempo e espaço para melhor compreendermos seus usos, suas funções, e a expectativa de (res)significação pretendida ou efetiva construída ou em construção por um dado grupo social. Dado esses aspectos, o caso do estudo da cidade antiga de Antioquia de Orontes, metrópole da província da Síria, não é uma exceção. O espaço urbano antioqueno é alvo de várias disputas simbólicas e materiais, de ressignificações e reutilizações. A representação do espaço urbano nas obras de Libânio tem sido algo que, recentemente, tem fomentado bastante contribuições ao nosso conhecimento sobre a cidade de Antioquia. Não obstante, ainda nos parece lacunar uma compreensão acerca de alguns elementos do espaço urbano antioqueno que se relaciona às práticas jurídicas, aos espaços relacionados ao âmbito da justiça. Assim, nos propomos refletir no tempo desta apresentação sobre alguns elementos acerca dos espaços do exercício de práticas jurídicas antigas segundo Libânio de Antioquia dada a importância, em particular, de aprisionamentos em massa como podemos observar no caso específico do Levante das Estátuas ocorrido em 387 d.C.

Mesa-Redonda 4: Discursos e Identidades na Idade Média II
Mediação: Dra. Terezinha de Oliveira (UEM)

Expressões da identidade camponesa na sociedade alto-medieval europeia

Mário Jorge da Motta Bastos
(UFF – NIEP-Marx-Prék – Translatio Studii)

Realidade social intrínseca e fundamental às sociedades pré-capitalistas até que o advento da sociedade burguesa fez com que “tudo que era sólido se desmanchasse no ar!”, os campesinatos constituem hoje uma força social dinâmica em especial em

diversos países periféricos do mundo, alvos principais da concentração fundiária e da disseminação do agronegócio e um dos principais opositores do processo insidioso de submissão ao capital. Ora, compete aos historiadores das sociedades pré-capitalistas as iniciativas voltadas a uma perspectivação histórica das formas de organização e sociabilidades camponesas, estabelecendo, na longa duração, as diversas, ricas e complexas experiências históricas de estruturação das sociedades de base agrária, das formas de dominação sofridas e de resistência desenvolvidas pelos campesinatos ao longo da História. Constituir-se-á, então, uma “história do mundo camponês” que desvele o seu protagonismo histórico, fundamente a sua ação no tempo presente e apoie os seus anseios de futuro. Objetivamos, pois, nesta apresentação, esboçar algumas das principais expressões da identidade camponesa na sociedade alto-medieval europeia, contexto marcado por diferenciações internas e manifestações diversas de dominação, autonomia e resistência social.

A arte da tradução: controvérsias culturais, linguísticas e dogmáticas na obra *Apologia contra Rufino de São Jerônimo*.

Raquel Parmegiani

(Universidade Federal de Alagoas – UFAL)

A escrita de comentários bíblicos na Europa de fala latina, na Alta Idade Média, foi sensivelmente influenciada por toda uma produção textual cristã grega produzida nos dois primeiros séculos d. C. Autores latinos do século III em diante, traduziram muitas das obras produzidas por cristãos do Patriarcado de Alexandria e Antioquia, e é inegável a influência destas traduções na produção exegética que se seguiu nos séculos posteriores, na Igreja do Ocidente. Com efeito, é sobre a prática da tradução e do trabalho de exegese nos séculos IV e V a. C. que esta fala pretende se debruçar. Partindo da obra de São Jerônimo, *Apologia contra Rufino*, investigaremos o sistema cultural que permeia a atividade do tradutor e do comentarista bíblico, práticas que a nosso ver, estão estreitamente relacionadas neste período. Buscaremos refletir sobre os limites, as negociações, as adaptações culturais que estão inerentes elas, visto que incluem questões como: a relação entre cultura grego-romana e cristã, domínio por parte dos escritores eclesiásticos sobre sistemas linguísticos dispares como latim, grego e hebraico; formação intelectual como geradora de debates religiosos.

“Las políticas del cuerpo: antropología, tiempo y naturaleza en Isidoro de Sevilla”

Eleonora Dell’ Elicine

Universidad de General Sarmiento/ Universidad de Buenos Aires

En “De rerum Natura” -obra compacta y breve que Isidoro redacta alrededor de 613 en respuesta a un poema que le dedica el Rey Sisebuto- el sevillano categoriza al cuerpo como un “microcosmos”, idea que le permite enlazar en idéntica serie al cuerpo, al tiempo y a la naturaleza toda, los tres elementos básicos de la creación. Para reforzar esta asociación, el obispo incluye en su texto un dibujo célebre ordenado en círculos concéntricos. Así considerado el cuerpo connota de modo positivo, diferenciándose esta postura de lo que va a asentar el mismo Isidoro en textos posteriores como *Sententiae* y también de lo que venían afirmando sus referentes principales, san Pablo y Agustín. ¿Por qué este pensamiento esperanzador acerca del cuerpo? ¿Es que acaso Isidoro desarrolla concepciones diferentes, conforme la situación? Y en tal caso ¿qué contextos explican las diferentes posiciones isidorianas? Para la siguiente exposición, proyectamos apoyarnos en “De rerum Natura”, las “Sentencias” y las “Etimologías”.

Das 20h às 22h:

Mesa-Redonda 5: Discursos na e sobre a Antiguidade

Mediador: Prof. Dr. Ivan Esperança Rocha (UNESP)

“La antigua ciudad de Magdala... “¿La Pompeya de Israel?”

Marcela Zapata-Meza

(UNAM-México)

En verano del 2009 arqueólogos de la Autoridad de Antigüedades de Israel descubren una sinagoga del siglo I en la antigua ciudad de Taricheae (Magdala) en la región de Galilea al norte de Israel. A raíz de esto la Universidad Anáhuac México sur en convenio con el Instituto de Investigaciones Antropológicas de la UNAM recibieron, por primera vez, licencia para realizar trabajos en el campo de la Arqueología Bíblica. Este proyecto, por los hallazgos realizados (sinagoga, baños rituales, áreas domésticas y de producción, áreas de trabajo relacionadas con la pesca) está considerado como el más relevante en 50 años dentro del campo de la Arqueología Bíblica y de Medio Oriente; además de ser una oportunidad extraordinaria de conocer la vida en Galilea durante el siglo I dado que es el único pueblo que será excavado en su totalidad y expuesto al público.

Os Cristãos e a Vontade Humana: Relendo a *Hamartegenia* de Prudêncio

Dra. Ana Teresa Marques Gonçalves

(UFG)

De Aurélio Prudêncio Clemente nos chegaram vários poemas, elaborados ao longo do IV século d.C., nos quais opera o proselitismo cristão e instrui os conversos a se aproximarem duma vida adequada para os cristãos. No poema que nos chegou com o título grego *Hamartegenia*, o autor disserta sobre a noção de pecado, a ação punitiva e contemplativa de Deus e a possibilidade de certo livre arbítrio para os cristãos. Propomos analisar este poema, em consonância com outras obras prudentinas, repensando o espaço que Prudêncio reserva para a vontade humana no desenvolvimento das ações cristãs, para que os convertidos não incorram na prática do pecado, a partir da definição do que seria pecado na concepção estruturada por Prudêncio.

Entre elegia e lírica - a experiência de traduzir Propércio e Horácio.

Guilherme Gontijo Flores

(UFPR)

Na literatura antiga a atenção dada aos gêneros poéticos foi muito intensa, de modo que cada um deles precisava ser firmado segundo expectativas de conteúdo (temas, tópicos, abordagem, personagens-tipo, etc.) e de forma (metro, elocução, registro, etc.), tanto para o autor quanto para o leitor/ouvinte. Para o tradutor contemporâneo de poesia romana, recriar essas diferenças, muitas vezes sutis, é parte fundamental para a manutenção de uma pluralidade de poéticas do passado no presente que se queira também poética em tradução. Pretendo portanto, como tradutor das *Elegias* de Propércio e das *Odes* de Horácio, apresentar alguns desafios em comum, bem como as maiores diferenças na recriação dessas duas poéticas coetâneas porém diversas.

Das 10h15 às 12h15:

Mesa-Redonda 6: Traduções, Discursos e Identidades

Mediação: Dr. Alessandro J. Beccari

Sexto Empírico contra os Gramáticos: questões de tradição e tradução

Dra. Joseane Prezotto

(UFPR)

Contra os Gramáticos é um texto escrito pelo filósofo cético pirrônico Sexto Empírico por volta do século II d.C. Compõe uma obra maior, *Contra os Professores*, dedicada ao ataque de seis disciplinas (*mathemata*) centrais na vida intelectual dos gregos antigos: gramática, retórica, geometria, aritmética, astronomia e teoria

musical. Além de expressão do posicionamento filosófico sextiano, esses textos são importante fonte de informação histórica sobre o desenvolvimento dessas áreas, principalmente durante o século I a.C., período a que Sexto normalmente se refere. Lembremos, no entanto, que, se entendemos ‘gramática’ como o conjunto de prescrições e regras que convencionam o uso considerado correto de uma língua escrita ou falada, veremos que esta disciplina não existiu de forma independente na Grécia Antiga. Tal tipo de abordagem da língua foi um subproduto de áreas com objetivos mais abrangentes, tais como a retórica, a poética, a lógica ou dialética. E descreve apenas uma das preocupações tardias da área então denominada *Gramática*, cujo empreendimento amplo relacionava-se, no período helenístico, ao estudo da literatura, mais especificamente, com a correção, edição, exegese e valoração do cânone literário. Sexto Empírico divide a Gramática ‘completa’ em três partes (M 1. 91): ‘técnica (*to tekhnikon*), ‘histórica’ (*to historikon*) e específica (*to idiaïteron*), que trata do concernente a poetas e escritores’. Em minha fala, irei abordar questões relativas à interpretação desses termos, bem como daqueles usados por Sexto para definir seu escopo, em vista das dificuldades de transmitir, na tradução, as especificidades de seu emprego naquele contexto. Interessa-me discutir a inevitável transversalidade entre o uso ‘tradicional’ de alguns desses termos, ou seja, sua continuidade e, em alguns casos, sua ressignificação, e o papel exercido pela tradição de recepção, na modernidade, das discussões gramaticais ou filosóficas que eles supõem.

Amores ovidianos dos irmãos Castilho: notas sobre recepção e tradução de poesia erótica no Segundo Reinado

Dr. Bruno Vieira
(UNESP - Araraquara)

Procurarei oferecer uma análise das anotações sobre o erotismo greco-romano da “Grinalda ovidiana”, um longo comentário aos Amores de Ovídio que foi publicado no Rio de Janeiro no ano de 1858 como anexo à tradução parafrástica do poeta romântico português Antônio Feliciano de Castilho. Essas eruditas anotações filológico-culturais editadas por José Feliciano de Castilho, irmão do tradutor, constituem um documento sólido da presença da literatura erótica latina na cena literária do Segundo Reinado e revelam como o homem do séc. XIX interpretava as manifestações do erotismo presentes nas obras da Antiguidade Clássica. Embora José Feliciano de Castilho redunde muitas vezes no biografismo e em reflexões que

chamaríamos hoje de anacrônicas, ele expressa também um conhecimento de cultura clássica e um apuro filológico que merecem ainda um digno reconhecimento

Das 19h30 às 22h:

Encerramento: Discursos e Sexualidades

Mediador: Dr. Fernando Cândido da Silva

"Slaves Onstage in the Roman Republic:
Actors, Drag, and the Sexual Use of Slaves"

Dra. Amy Richlin
(UCLA)

Historians of slavery generally believe that Roman slaves left little to express their feelings and ideas about their experience. In fact they left quite a bit; historians can find in the remains of the comic plays by Plautus and his contemporaries much that testifies to the experience of the bottom layers of central Italian society in the 200s BCE. Acted, and sometimes improvised, by slave and lower-class actors, for mixed audiences, the plays attest to the brutalities of slavery -- not only to beatings, as is well known, but also to sexual abuse. Following the ideas of James C. Scott in *Domination and the Arts of Resistance*, I will argue that, in Roman comedy, the hidden transcript comes into public view.

Numerous female characters in the play are young girls, probably in their early teens, who have been kidnapped and sold into the sex trade; these characters are hoping their parents will come to rescue them, and in seven of Plautus's twenty plays, this is what happens. Other female characters are prostitutes who have no such hopes. A few male characters, too, were kidnapped into slavery as children. In the audience sat many people who had lost their families in the constant warfare throughout the Mediterranean in the 200s. The actors were playing to an audience to whom these fantasies were deeply meaningful.

At the same time, many characters in the plays are male slaves, some defined as *pueri* -- adolescent boys -- and they, too, are the object of sexual attention onstage. There are many jokes about the sexual use of slaves by their owners, often made by slaves who taunt each other with their status as objects. Since all the female parts were played by male actors, and since the actors themselves were available for sexual use, both taunts and desires are refracted onstage and between the stage and the audience in complicated ways.

These plays are important not only to ancient and medieval historians, but to all historians of sexuality and historians of slavery. Ancient sexuality was constructed

through slavery, and these plays restore an enormous fund of first-person statements about how that worked and how that felt: slave voices.

Ainda eunucos e o “travesti” de Catterick: uma pós-reflexão

Dr. Renato Pinto

(UFPE)

Há alguns anos foram publicados estudos a respeito da descoberta de alguns esqueletos no cemitério de período romano em Catterick, Inglaterra. Determinados como masculinos, os esqueletos estavam adornados com joias e adereços comumente associados aos enterramentos de corpos tidos como femininos. De fato, tais itens funerários são, muitas vezes, usados para o “diagnóstico” do gênero do morto. A presença de ornamentos deste tipo em corpos masculinos levou os arqueólogos à conclusão de que se tratavam de “travestis”, ou, talvez, *galli*, seguidores eunucos da deusa Cibele. Grande parte da repercussão midiática ganhou tons sensacionalistas e sinalizou a necessidade de uma análise mais cuidadosa do papel do arqueólogo na divulgação de seu trabalho para o grande público e do impacto de suas interpretações para grupos minoritários de nosso tempo. O pressuposto compromisso científico dos relatórios e o papel social esperado do arqueólogo geram, aqui, um campo delicado, por vezes, sinuoso e controverso. Um caminho inicial poderia ser a apresentação de estudos mais detalhados a respeito da diversidade sexual na Antiguidade e da maneira como a cultura material associada ao tema é exposta nos meios de comunicação e nas coleções dos museus. Algum tempo após as primeiras publicações sobre o “travesti” de Catterick, procurar-se-á por uma nova reflexão à luz de recentes debates sobre a interpretação de estudiosos do passado e as preocupações atuais de grupos minoritários ligados à diversidade sexual e de gênero.

Dra. Lourdes Madalena Gazarini Conde Feitosa (USC)

Nas últimas décadas, a sexualidade tem aflorado como tema de interesse, discussão e pesquisa em áreas como a História, a Antropologia, a Psicologia, a Sociologia, Arqueologia, dentre diversas outras ciências. Há um constante interesse e esforço em compreender as variadas práticas e experiências sexuais em um momento em que as identidades de gênero desconectam-se do biológico e a diversidade sexual torna-se multifacetada, em que conceitos como hetero, homo, bi e transexual integram um universo cada vez mais complexo e desafiador. Embora os estudos sobre a

sexualidade venham desenvolvendo-se com mais intensidade desde a década de 1960, não sobejam discussões sobre o grau de influência biológica ou cultural, social e histórica nessas definições, sem um consenso sobre a questão. O objetivo aqui não é o de propor soluções para tão complexo debate, mas discutir outras experiências históricas da Antiguidade sobre modos e sentidos de se relacionar com o próprio corpo e a sexualidade, que poderão estimular reflexões a respeito de nossas próprias acepções em relação aos temas de gênero e sexualidade.

MINICURSOS

Minicurso 1

16/06 a 18/06 das 16:30 à 18:30

Local: Sala de reuniões do departamento de História

PLAUTUS AND SLAVERY: SEXUALITIES AND THEATER*

Profa. Dra. Amy Richlin

(UCLA)

*Minicurso será apresentado em Inglês.

Ancient historians often say that there is no evidence from slaves themselves about their experience of slavery. In my new work, I argue that in fact there is a great deal of evidence in what remains of Roman comedy from the 200s BC, mainly the plays of Plautus. As C. W. Marshall showed in his book, *Stagecraft and Performance of Roman Comedy* (2006), the plays were partly improvised by the actors; scholars generally agree that the actors were slaves, or men of very low social standing. It is clear that Roman comedy (the *palliata*) began to develop early in the 200s BC, so that the plays reflect the circumstances of those years: a world at war, in which mass enslavement was common, and the Italian peninsula was full of people displaced by war -- refugees as well as slaves and freed slaves; many people of hybrid background. These people formed the audience as well as the actors and writers of the *palliata*. In these circumstances, it is not surprising that the plays are full of the experiences of slaves, and that slaves are central characters in the plays; these characters have a great deal to say about their sexual use by owners, and the threat of sale into the sex trade is a major plot point in many of the plays. Moreover, since men played all the parts, there is a major element of drag in the plays. In our minicurso, we will read Plautus's play *Persa*, discuss some of the sexual issues that arise in the plays, and go on to consider why the history of the sexual use of slaves is fundamental to an understanding of ancient sexuality. We will also practice a role-playing exercise useful for teaching undergraduates about Roman comedy in historic context.

Minicurso 2

16/06 a 18/06 das 16:30 à 18:30

Local: Sala 7 do prédio de História

A IDENTIDADE DOS PRIMEIROS CRISTÃOS: DINÂMICAS, CONFLITOS E RESISTÊNCIAS

Prof. Me. Alessandro Arzani

(Doutorando UFRGS)

Os cristãos têm um protagonismo especial na história do Ocidente e as pesquisas e análises sobre o surgimento e a expansão da religião cristã apresentam um cenário rico em

contrastes e desafios. Se ao empregamos o termo “cristãos”, hoje, nos referimos genericamente a um vasto número de pessoas com crenças relativamente comuns e relativamente diversas que si identificam sob este nome, semelhantemente o nome cristão pode ocultar uma variedade de crenças e contrastes nos primeiros séculos de nossa Era. A princípio, os seguidores de Jesus enfrentaram atritos com os próprios judeus. O acolhimento dos não judeus ao grupo acrescentou-lhes um caráter diversificado e proporcionou o desafio de superação de antigas tradições judaicas, além de abrir margem para novas perspectivas culturais. O desenvolvimento da mensagem cristã é marcado por uma base judaica e diversos elementos do rico quadro cultural do Império. A relação dos cristãos com o Império Romano passa de um período de relativa tolerância, com algumas perseguições e condenações locais nos séculos I e II, para uma situação muito complicada no III. Nestes três primeiros períodos é possível contemplar o nascimento de uma religião que parte primeiramente da organização em pequenos grupos dedicados a reflexão e prática de suas crenças e se expande em números, territórios, complexidade e variedade de ideias. Longe de uma estrutura bem definida e de alguma suposta linearidade no desdobramento deste período inicial, encontram-se núcleos com ideias divergentes e contraditórias pensando e repensando suas crenças. Neste cenário aparecem gnosticismo, práticas mágicas, marcionismo e montanismo, entre outros. Dentro deste contexto plural, estabelecem-se jogos de forças em torno da afirmação da identidade dos grupos e ainda do que significaria ser “cristão”. Neste curso vamos discutir as dinâmicas, os conflitos e as resistências em torno da identidade cristã no desenrolar dos três primeiros séculos.

Minicurso 3

16/06 a 18/06 das 08:00 à 10:00

Local: Anfiteatro Antônio Merisse

DOCUMENTAÇÃO MILITAR E ECLESIASTICA NA ANTIGUIDADE TARDIA: PERSPECTIVAS POLÍTICO-CULTURAIS (SÉCS. IV E V D.C).

Bruna Campos Gonçalves

Doutoranda em História - Unesp/Franca

Daniel de Figueiredo

Doutorando em História - Unesp/Franca

A proposta do minicurso é apresentar formas de abordagens utilizadas pela moderna historiografia no tratamento dos documentos textuais produzidos nos séculos IV e V d.C. referentes as questões militares e eclesiásticas. Existem diferentes tipos de documentos que retratam os acontecimentos militares e eclesiásticos no período. A análise desses artefatos discursivos abrangerá as condições de produção, circulação e transmissão deles, de modo a ensinar perspectivas de análises mais abrangentes no plano político-cultural e militar.

Programa:

- **1º dia:** Apresentação da diversidade da produção escrita na Antiguidade Tardia que aborda temas político-religiosos e militares.

- **2º dia:** Discussão sobre os textos com abordagem militar produzidos no século IV d.C.: Res Gestae (Amiano Marcelino), Epitoma Rei Militaris (Vegécio) e De Rebus Bellici (Autor Anônimo).
- **3º dia:** Análise do gênero epistolar nas controvérsias teológicas do século V d.C.: estilos de escrita, tipos de cartas, conservação, recepção, transmissão, redes de sociabilidade e jogos epistolares.

Minicurso 5

16/06 a 18/06 das 08:00 à 10:00

Local: Mini auditório do CEDAP

SEXO E SEXUALIDADE NA LITERATURA MEDIEVAL

Profa. Me. Luciana de Campos

(PPGL-UFPB/NEVE)

Apesar de ter sido omitida durante muitas décadas das pesquisas dos medievalistas, a sexualidade é um tema muito presente em diversas narrativas literárias da Idade Média. Ela pode ser apresentada como o tema principal de determinadas narrativas, como servir de pano de fundo para muitas histórias, tanto moralizantes quanto críticas, ou mesmo alegóricas e ter grande influência do cotidiano social. Por meio destas narrativas literárias, pode-se entender melhor tanto a vida sexual de homens e mulheres, quanto as ideologias religiosas e sociais que permearam suas práticas. As principais fontes literárias (corpus) que utilizaremos para análise são as narrativas do Táin Bó Cooley ou A razia da vacas de Cooley (narrativa de base oral irlandesa compilada no século XIII) e os Fabliaux (escritos nos séculos XII e XIII na França e também de base oral). Nossa metodologia de análise das práticas sexuais representadas nessa literatura é a perspectiva da história das mulheres, como Jacques Rossiaud, Kaplish-Zuber, e especialmente, a obra de Georges Duby e Jacques Le Goff.

Conteúdo programático:

- Introdução ao tema da sexualidade Medieval
- A sexualidade nas literaturas de base oral da Idade Média Central
- A sexualidade na literatura folclórica medieval

Minicurso 9

16/06 a 18/06 das 16:30 à 18:30

Local: Sala 8 do prédio de História

HERESIAS NA IDADE MÉDIA: HISTORIOGRAFIA E FONTES

Profa. Me. Patrícia Antunes

Profa. Claudia Trindade de Oliveira

Ante ao quadro da complexa ortodoxia e os conservadorismos clericais de certos membros da Igreja Católica Romana durante o período do Medievo, alguns movimentos surgem como um alento em um combate pela fé. Mais do que isso, faz-se necessário pensar a história desses movimentos, então considerados como heresias, a partir das relações entre o poder espiritual e o poder secular. Desse modo, os movimentos heréticos surgem como aspecto do renascimento religioso dessa época e como subproduto das mudanças culturais, sociais e econômicas do período. Diante disso, o presente minicurso tem a intenção de suscitar algumas reflexões sobre tais grupos a partir da discussão de algumas fontes e da historiografia relacionada ao tema, levando-se em consideração que nessa sociedade unitarista e por excelência cristã, a exclusão da Igreja significava a própria marginalização social.

Programa:

- Aspecto conceitual: discussão sobre o significado etimológico do termo heresia, bem como de suas diferentes conotações no decurso da história.
- Heresias no Medievo: breve apresentação dos principais grupos heréticos do período e suas características.
- Historiografia: apresentação das diferentes perspectivas de estudo relacionadas ao tema.
- Fontes: discussão de algumas fontes e suas origens.

Minicurso 4

16/06 a 18/06 das 16:30 à 18:30

Local: Mini auditório do CEDAP

IDENTIDADES E SEXUALIDADES DA ERA VIKING E MITOLOGIA NÓRDICA

Prof. Dr. Johnni Langer

(UFPB/NEVE)

O tema da sexualidade na Escandinávia da Era Viking tem recebido ampla divulgação midiática por meio do sucesso da série televisiva Vikings do History Channel. O propósito básico deste curso é fornecer elementos analíticos para o estudo das práticas sexuais tanto no mundo nórdico quanto da Europa Setentrional na Alta Idade Média, como a Inglaterra Anglo-Saxônica. Nossas principais fontes primárias são as crônicas históricas como a obra de Saxo Grammaticus, Snorri Sturlusson e as inúmeras sagas islandesas. Também analisaremos a sexualidade escandinava presente nos mitos, preservados essencialmente na Edda Prosaica e Edda Poética, ambos do século XIII. Para a Era Viking, utilizaremos inscrições rúnicas e imagens disponíveis em monumentos pintados da ilha de Gotland. Como principal metodologia utilizaremos as pesquisas de Judith Jesch, Carol Clover, entre outros pesquisadores.

Conteúdo programático:

- O panorama social: família, casamento e condição feminina no mundo germano-nórdico alto medieval
- Sexo e cotidiano na Escandinávia da Era Viking
- A sexualidade na mitologia nórdica

Minicurso 7

16/06 a 18/06 das 08:00 à 10:00

Local: Sala 11 do prédio de História

ÉDIPO REI: O MITO E SEUS DISCURSOS

Profa. Maria Izabel Cavalcante Da Silva Albarracin

(Mestranda – Universidade de Coimbra)

Determinar a origem de um mito é uma tarefa praticamente impossível. Seu lugar no passado é sempre impreciso, e as modificações que sofre com o tempo o tornam cada vez mais parte de uma história que parece sempre ter pertencido ao imaginário e às tradições de uma cultura. Sobre a perenidade dos mitos, afirma Claude Levi-Strauss que apesar de um mito referir-se sempre a acontecimentos que têm seu lugar no passado, o valor inerente a esse mito provém da estrutura permanente que esses acontecimentos constituem.

Apesar de ter sido representado na tragédia de Sófocles, provavelmente entre 427 e 425 a.C., o mito de Édipo possui uma tradição muito anterior, tendo sido mencionado na Odisseia 11.271-280, no século XI a.C. Ainda no século VIII a.C., o tema é tratado na Edipoia, extenso poema que não nos chegou completo, mas sobre o qual temos conhecimento.

O tratamento do tema de Édipo também não se esgota na magnífica tragédia sofocleana, mas a partir daí constitui um importante legado da recepção mítica e da tradição clássica. Nossa proposta para esse minicurso, que pretende explorar a recepção do mito edípico na literatura, nas artes plásticas e no cinema, divide-se três sessões de duas horas cada, como vemos a seguir:

Sessão 1:

- Nessa primeira sessão, discutiremos a questão mito x tragédia. Trataremos do enredo do mito edípico e de algumas de suas diferentes versões literárias ao longo da história.

Sessão 2:

- Nessa sessão trataremos da presença do mito de Édipo na arte antiga, sobretudo na cerâmica, tapeçaria e em mosaicos, e falaremos da recepção do mito na arte ocidental mais recente (a partir do século XVI).

Sessão 3:

- Discorreremos sobre Pier Paolo Pasolini e sobre sua versão cinematográfica para o mito de Édipo, analisando elementos cênicos e particulares ao filme Edipo Re (1967).

Minicurso 8

16/06 a 18/06 das 08:00 à 10:00

Local: Sala de reuniões do departamento de história

A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE AUGUSTO: FONTES TEXTUAIS E ESTATUTÁRIA

Profa. Dra. Natalia Frazão José
(UNESP)

Este minicurso propõe-se a discutir como a imagem do Imperador Augusto é construída no decorrer dos séculos I a.C. a III d.C., período que abrange parte da estrutura política romana conhecida como Principado. Para tanto, faremos uso de autores antigos como Veléio Patérculo, Plutarco de Queroneia, Suetônio, Lúcio Floro e Dião Cássio; personagens de arcos cronológicos distintos, que se inseriram na sociedade romana de maneira diversas e que, por sua vez, redigiram obras de caráter diversificados. Assim, temos como objetivo demonstrar as similaridades e diferenças em seus discursos sobre Augusto, salientando como suas obras auxiliaram na legitimação tanto deste Princeps como de toda estrutura política do Principado Romano. Por conseguinte, procuraremos destacar como estas narrações assemelham-se às criações artísticas esculturais sobre este mesmo Imperador, demonstrando características similares àquelas narradas pelos autores antigos já citados.

Minicurso 10

16/06 a 18/06 das 08:00 à 10:00

Local: Sala 7 do prédio de História

DISCURSOS, IDENTIDADES E SEXUALIDADES: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO DAS MULHERES ROMANAS.

Profa. Dra. Renata Barbosa
(Pós-Doutoranda UEL)

No que se refere ao estudo das mulheres romanas e sua educação, sabemos que as nossas fontes, especialmente as literárias, são relativamente ricas em referências às mulheres da elite, em comparação com as mulheres das camadas menos favorecidas. No entanto, as limitações das fontes literárias devem ser observadas, uma vez que elas contêm informações, principalmente fragmentárias e anedóticas sobre as mulheres, recaindo muitas vezes no excepcional, o que nem sempre pode ser considerado como representativa das mulheres da elite em geral. Isso torna arriscada a generalização e não permite conclusões definitivas sobre, por exemplo, o número de mulheres educadas dentro das famílias da elite ou o nível exato de sua educação. Na interpretação de qualquer passagem em particular, as regras do gênero, o preconceito e o propósito do autor, assim como público-alvo, devem ser mantidos em mente,

tanto, que muitas provas consistem em comentários tendenciosos em favor ou contra a educação das mulheres e louvando ou criticando as mulheres educadas. Felizmente, o argumento com base nos textos literários pode, em alguns casos, ser verificado pela evidência epigráfica ou arqueológica; no entanto, muitas vezes não pode ir além de formular probabilidades, e muito do que se segue é, portanto, de natureza conjuntural. Nesse sentido, a proposta do minicurso é apresentar e discutir com os participantes, algumas fontes literárias que apresentam informações sobre as matronas romanas e sua formação educacional, principalmente no que tange aos discursos, identidades e sexualidades.

Palavras-chave: Mulheres romanas, Educação, Literatura, Discursos.

Minicurso 11

16/06 a 18/06 das 08:00 à 10:00

Local: Sala 8 do prédio de História

RITUAIS E REPRESENTAÇÕES DA MAGIA NO IMPÉRIO ROMANO

**Profa. Dra. Semíramis Corsi
(UFSM)**

As práticas compreendidas como magia englobam diversos tipos de fenômenos que têm como natureza comum a pretensão em mudar o curso natural dos eventos mediante a utilização de rituais, procedimentos, objetos e forças sobrenaturais. Os antigos romanos não se isentaram desta crença generalizada. As evidências arqueológicas e literárias das épocas romanas mostram que havia praticantes de diversos tipos de magia, no Império Romano. De uma forma geral, durante o período do Principado, houve uma distinção entre práticas de magia populares consideradas maléficas e charlatãs – goetea – e outra magia incorporada em rituais de deuses da religião oficial romana e parte de estudos filosóficos sistematizados, a teurgia. O objetivo deste minicurso é abordar algumas problemáticas da magia no período do Principado Romano (final do século I a.C. e séculos I, II e meados do III século d.C.) por meio do marco jurídico (Tábua Sétima das Lei das Doze Tábuas, Lex Cornelia de sicariis et veneficis e Sentenças de Paulo), das evidências arqueológicas e da documentação textual (processos contra praticantes de magia e literatura). Utilizaremos uma bibliografia especializada sobre o tema, além de análises sobre os defixiones e os papiros com imprecações mágicas encontrados em território do Império neste período e análises sobre textos como os de Horácio, Ovídio, Petrônio, Apuleio e Filóstrato. Buscaremos com isso apresentar e debater sobre a ambiguidade da magia nas representações do período, sobre o gênero dos praticantes de magia nas práticas e nas representações e as relações da magia com questões de poder no contexto.

Palavras-chaves: Império Romano, Magia, Representações, Rituais.

Minicurso 12

16/06 a 18/06 das 08:00 à 10:00

Local: Sala 9 do prédio de História
**DEICIDAS, USURÁRIOS E ALIADOS DO DEMÔNIO: OS
JUDEUS NO MUNDO TARDO ANTIGO E MEDIEVAL**

Dr. Sérgio Feldman
(UFES)

Utilizando a historiografia geral e nossas pesquisas de uma década e meia, pretendemos analisar a formação da imagem judaica no Ocidente Cristão, através do olhar da História Cultural contraposta com algumas obras tradicionais, alternando interpretações e comparando, quando possível, algumas vertentes historiográficas sobre o tema. O trabalho será complementado com o uso de textos documentais breves, especialmente os relacionados com a demonização dos judeus. Objetivamos analisar o imaginário do judeu, com as seguintes ênfases: a) a imagem moldada pela Cristandade ocidental; b) as polêmicas entre os Padres da Igreja e os judeus (sec. IV a VII) / entre os dominicanos e os judeus (sec. XIII e XIV); c) a demonização do judeu na cultura européia.

Conteúdos (3 módulos de 2 horas) - total 6 horas

1º módulo:

- Os judeus no mundo antigo e na Antiguidade Tardia
- O pergaminho ou livro de Ester: micro modelo de relações.
- Os judeus no mundo helenístico: caso de Alexandria.
- Os judeus no Império Romano até Constantino.
- O Império cristão e os cidadãos de credo judaico
- O Codex Theodosianus e o status da minoria judaica
- S. Agostinho, S. Gregório Magno e outros.

2º módulo:

- A imagem dos judeus na literatura, no direito e na teologia.
- S. Isidoro de Sevilha: apologética anti judaica na Antiguidade Tardia
- A Lex Visigothorum: os judeus sob uma monarquia bárbara
- Projeções da lei no Medievo. Reflexões sobre os judeus.
- As Cruzadas e os judeus. Os Papas do século XII e XIII.
- Os mendicantes e os judeus: os séculos XIII e XIV
- O Juízo Final e o destino dos judeus
- Os judeus e o Diabo: mitos medievais de longa duração

3º módulo:

- Os judeus na Península Ibérica medieval
- Os reis e os judeus na “Reconquista cristã”: séculos XI a XIII
- Relações entre as três religiões no âmbito do período. Análise de caso: Castela.
- Debates teológicos na Península Ibérica: casos de Barcelona (Aragão)

- O ocaso do judaísmo sefardita: as conversões forçadas (1391)
- Os conversos e sua participação no projeto de conversão:
- Debates teológicos na Península Ibérica: Tortosa (Aragão)
- A questão da pureza de sangue: Toledo (1449) até a restauração da Inquisição
- A expulsão dos judeus dos reinos ibéricos (1492 -1497)

Minicurso 13

16/06 a 18/06 das 08:00 à 10:00

Local: Sala 10 do prédio de História

A PRÁTICA DA PESQUISA EM HISTÓRIA MEDIEVAL

Prof. Dr. Mário Jorge da Motta Bastos

(UFF – NIEP-Prék – Translatio Studii)

Ementa: Métodos e Técnicas de pesquisa em História. Correntes de interpretação e controvérsias historiográficas no campo da História Econômica, Social, Política e Cultural. O Projeto de Pesquisa. A produção do conhecimento em História Medieval.

Objetivos: O curso objetiva estabelecer um panorama geral e atualizado dos campos primordiais da pesquisa em História, caracterizando as suas principais linhas de rumo, as controvérsias e polêmicas dominantes, bem como os conceitos centrais que fundamentam a mais recente produção historiográfica. Objetiva, ainda, propiciar aos alunos o contato com metodologias e técnicas diversas de pesquisa em História visando, em especial, à elaboração do projeto de pesquisa e o seu desenvolvimento, com ênfase na área de História Medieval.

I. Introdução:

I.1. História e paradigmas rivais

I.2. Especialização e “visão de conjunto”

II. Territórios do Historiador

II.1. História e Ciências Sociais;

II.2. A História “Adjetivada”

III. Métodos e Técnicas de Pesquisa

III.1. O Projeto e a Pesquisa

III.2. A produção do conhecimento em História Medieval.

Minicurso 14

16/06 a 18/06 das 16:30 à 18:30

Local: Sala 9 do de prédio de História

ARQUEOLOGÍA, UNA APROXIMACIÓN CIENTÍFICA AL PASADO DEL HOMBRE

Professora Marcela Zapata-Meza

Centro de Investigación en Culturas de la Antigüedad Proyecto Arqueológico Magdala

1. Introducción: ¿Qué es y cómo se hace arqueología?

2. Una radiografía de la superficie de la tierra: Prospección Geofísica (técnicas y beneficios).
3. Cirugía de la superficie de la tierra: Metodología y técnicas de excavación.
4. Estudio y diagnóstico: Análisis de materiales.
5. Integración de datos



RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES

Tema:

Sexualidades e Identidades na Grécia

Local: Sala 7 do prédio de história

O DISCURSO IDEOLÓGICO E A EXPERIÊNCIA SOCIAL: STATUS E MOBILIDADE FEMININA EM [DEMÓSTENES] 59, CONTRA NEAIRA.

Aline Saes Rodrigues

(FFLCH/USP - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo)

Nesta comunicação pretendo apresentar uma análise crítica da retórica grega presente no discurso forense 59 Contra Neaira, inserido no Corpus Demosthenicum, mas com provável autoria de Apolodoro. A partir disso, pretende-se uma investigação do feminino e sua pluralidade em Atenas no século IV a.C, explorando a visão e o ideário masculinos acerca das mulheres e do controle de sua sexualidade, implícitos no discurso e nas leis atenienses ali expostas, para explicitar a experiência social do cotidiano: diferentes posições éticas e status envolvendo mulheres, seus papéis sociais e sua mobilidade diante das dicotomias ateniense/não ateniense, legítima/ilegítima.

Em conformidade com pesquisas mais recentes - que avaliam se o imaginário da mulher ateniense reclusa ao oikos não seria fruto de construções ideológicas recentes e modernas - procuramos situar nossa pesquisa no sentido de afastar-se de uma interpretação historiográfica tradicional que, retratando apenas os ideais culturais

atenienses, não se preocupava com a experiência social, os usos desses ideais e as alterações sofridas na prática cotidiana.

Pretende-se, através da análise da documentação textual em *Contra Neaira*, atentar para as transgressões comportamentais femininas, evidenciando suas ações fora dos limites "impostos" pelo modelo idealizado na sociedade ateniense, o da *mélissa*. O discurso forense 59 de Apolodoro, *Contra Neaira*, tem suscitado discussões desde a Antiguidade, com Dionísio de Halicarnasso, e nos abre portas acerca das atitudes, tanto legais quanto comportamentais, tomadas em relação às mulheres em Atenas, assim como suas exceções e contraposições, tendo a trajetória de Neaira como exemplo primeiro.

Portanto, seguindo uma análise interdisciplinar envolvendo História e Antropologia Social, comum aos estudos de gênero atuais, procuramos indícios de que o ideal feminino reproduzido pelos autores antigos - e defendido no julgamento de Neaira - não concordava com a realidade, repleta de uma complexidade social em que as leis atenienses não eram seguidas à risca e, portanto, precisavam ser reforçadas nas cortes através da retórica e do convencimento.

CRÍTICA E METALINGUAGEM NA ELEGIA ERÓTICA DE PROPÉRCIO E NA COMÉDIA DE ARISTÓFANES

Elvis Freire da Silva

(UFC - Universidade Federal do Ceará)

Paulo César de Brito Teles Júnior

(UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais)

Sexto Propércio é um poeta elegíaco romano que teria escrito entre 29 e 16 a.C., tendo como principal objeto de sua poesia o amor, que aparece na figura de sua musa Cíntia. Partindo em defesa de sua elegia amorosa, na qual o amor é encarado como uma espécie de doença, Propércio renuncia a outras formas de poesia, transformando Cíntia numa metáfora da própria elegia erótica. Sob essa ótica, a elegia properciana realiza, especialmente nos livros I e II, corpus de nosso estudo, uma crítica dos gêneros literários. Tal poesia essencialmente metapoética aproxima-se do teatro de Aristófanes, comediógrafo do século V a.C. que pôs em palco uma série de reflexões sobre a ilusão teatral, criando uma verdadeira crítica literária. O objetivo deste trabalho é, assim, investigar os recursos utilizados por ambos os autores, um na elegia erótica e outro no teatro cômico, para chegar a essa crítica e, ao mesmo tempo, discutir sua natureza metaliterária. Para isso, tomaremos duas comédias de Aristófanes, *Tesmoforiantes* (411 a.C.) e *Paz* (421 a.C.) e os livros I e II de Propércio, analisando inicialmente a forma dos

gênero cômico e elegíaco e sua relação com o Eros. Em seguida, partiremos para as metáforas literárias e míticas usadas nas duas obras para referir-se, ao mesmo tempo, ao amor e à literatura. Por fim abordaremos a crítica literária per se, presente em ambas as obras. Apoiaremos-nos, sobretudo, nas obras de Maria de Fátima Sousa (*Crítica do teatro na comédia antiga*, 1967) e de Theodore D. Papanghelis (*Propertius: a Hellenistic poet on love and death*, 2009) Tomando como foco a estrutura e a linguagem das obras de Aristófanes e Propércio, procuraremos neste trabalho apresentar a importante contribuição desses autores para a crítica literária antiga e atual.

UMA ANÁLISE DAS MULHERES ESPARTANAS NA OBRA DE PLUTARCO

Gaya Maria Vazquez Gicovate

(USP - Universidade de São Paulo)

Nesta comunicação tenho por objetivo apresentar algumas considerações a partir da minha pesquisa de iniciação científica, a qual almeja observar as mulheres de Esparta presentes na obra biográfica de Plutarco sobre generais espartanos dos séculos V e IV a. C. A partir de discussões a respeito das representações da memória coletiva de uma sociedade, um grupo ou um indivíduo, pretendo apresentar algumas ideias relacionadas à construção da identidade feminina. Para isso, ressaltarei a opinião de Simone de Beauvoir, a qual aponta que a memória em torno da identidade do gênero feminino na história pode ter influenciado as mulheres a não se orgulharem de sua condição feminina. Uma das identidades construídas sobre o gênero feminino na Antiguidade é o modelo das mulheres "abelhas" atenienses, que se apresenta a partir da ideia de honra e vergonha - principalmente vergonha sexual - criando o modelo de mulher cuja sexualidade e interação pública foi reprimida e negada. Essa construção identitária foi selecionada pela moral vitoriana e burguesa para legitimar o papel "normal" do gênero feminino. Logo, tenho como objetivo analisar o caso das espartanas e o papel do gênero feminino em Esparta em oposição a esta construção de memória atencêntrica sobre o gênero feminino.

Uma grande parte da bibliografia sobre as mulheres espartanas indica que estas, além de receberem educação, participavam do gerenciamento do oikos e da produção agrícola, nas constantes ausências masculinas. Inclusive, há evidências de que elas chegaram a deter dois quintos das propriedades agrícolas. Alguns autores apontam que o poder econômico delas possibilitou participação política, fazendo com que se tornassem elementos de tensão social. Desta forma, é possível avaliar que em Esparta as mulheres estariam mais inclusas ao corpo político e cívico. Além disso, certa licença

sexual das espartanas pode ser percebida, como por exemplo, no caso do envolvimento de Alcibíades com uma rainha de Esparta.

Utilizo como fonte as biografias de Lisandro, Agesilau, Ágis III e Cleômenes II, da obra *Vidas Paralelas*, de Plutarco. A partir de uma metodologia pautada pela seleção de passagens nas quais as mulheres de Esparta aparecem dentro da obra, analiso alguns trechos para observar como o autor relaciona a polis, suas características, sua historia, suas mulheres e o modelo feminino espartano. Uma das hipóteses é que a produção plutarquiana pode ter sofrido influências de algum modelo feminino romano, dotado de mais direitos em relação ao modelo ateniense. A visão de Plutarco apresenta distanciamentos do modelo mulher-abelha, possivelmente por ele ter vivido durante o domínio romano sobre o Mediterrâneo Antigo. Neste sentido, pretendo apresentar, como exemplo, algumas interpretações de trechos sobre as mulheres de Esparta, presentes em algumas biografias plutarquianas, e minhas considerações iniciais sobre o tema.

MISOGINIA NA MITOLOGIA GREGA

Isadora Rabelo Nunes

Jacob Marissa Júnior

(UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"- Campus Assis)

Essa comunicação tem por objetivo apontar como a mitologia grega era um reflexo daquela sociedade e partindo desse pressuposto, entender qual era o papel social das mulheres e como elas eram representadas. Marginalizadas na esfera político-social e tratadas como inferiores pela sociedade do período cabiam a elas aceitarem a posição social que lhes eram impostas. Mais do que apenas entender o feminino, pretendemos mostrar como a mitologia serviu de influência para os três grandes filósofos gregos: Platão, Aristóteles e Sócrates. A partir dessa constatação, notamos que o pensamento filosófico atual, ainda com diversas características misóginas, pode ser entendido como reflexo do passado: se Aristóteles se referia à mulher como naturalmente inferior ao homem, já no século XX, Schopenhauer defende que ela está inserida num limbo entre a criança e o homem. Desse modo, a comunicação pretende analisar esse papel "secundário e passivo" das mulheres que é representado nas mitologias e na filosofia gregas, e através desse material se propor a pensar a historiografia de outra maneira, tomando o cuidado para analisar os diferentes contornos da questão com as devidas reservas e de forma contextualizada a uma determinada época e civilização.

A DIFERENCIAÇÃO DOS SEXOS NO MUNDO ANTIGO

Isadora Rabelo Nunes

Jacob Marissa Júnior

(UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"- Campus Assis)

Essa comunicação tem como objetivo abordar a sexualidade na Antiguidade e a identificação do homem e da mulher baseando-se na teoria do "modelo de sexo único" de Thomas Laqueur e em contribuições de outros autores com relevante conhecimento sobre o tema, que buscaram explicar como o modo de se pensar as relações entre os sexos modificou-se através dos séculos e provocou alterações no comportamento humano. Mais que uma curiosidade, as transformações das relações entre os sexos se tornaram uma das questões sociais mais importantes das últimas décadas. A partir da leitura do trabalho de Thomas Laqueur (2001), podemos pensar o sexo e a sexualidade como fatores inteiramente modelados pelo contexto histórico e social. Em seu livro *Inventando o Sexo - Corpo e Gênero dos Gregos a Freud*, o autor traz à tona o modelo de sexo único, baseado em escritos médicos e filosóficos que remontam à época dos médicos hipocráticos até finais do século XVIII: ao contrário da representação bipolar que conhecemos hoje (masculino e feminino), a mulher era vista como cópia imperfeita e inferior do corpo masculino. Seus órgãos sexuais eram os mesmos que dos homens, entretanto, não conseguiam desenvolver-se plenamente devido à falta de calor vital. Delimitando o assunto à Antiguidade Clássica, é possível constatar que a natureza inferior das mulheres era usada para justificar a distribuição de tarefas e até mesmo o papel que se esperava delas durante relações sexuais e na concepção. Laqueur afirma que o "modelo de sexo único" foi estruturado para valorizar a afirmação extraordinariamente cultural do patriarcado. Visava preservar não apenas a ordem, mas a própria existência da civilização, ligando o sexo ao poder e apresentando o homem como medida de todas as coisas.

O SILENO SEXUALIZADO: O FALO COMO PODER SEXUAL NAS REPRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS DA ÁTICA

Leandro Mendonça Barbosa
(UCDB - Universidade Católica Dom Bosco)

O que se pretende com este trabalho é perceber como a representação fálica - uma constante em diversos aspectos da arte grega - foi inserida nos contextos de Sileno, divindade participante do cortejo dionisiaco e que possuía, dentre outras características, uma sexualidade latente. Desde o período arcaico esta criatura já é representada itifálica, possuindo um aspecto ao mesmo tempo em que jocoso altamente sexualizado. Neste artigo abordaremos a relação da sexualidade fálica de Sileno com o poder sexual masculino inerente a sociedades patriarcais como a de Atenas. Entender a representação fálica como elemento deste patriarcado, e como este se insere na questão de Sileno, é primordial. Para nossas análises lançaremos mão do drama satírico *Ciclope*, escrito no século V a.C. por Eurípides, e de imagens produzidas na Ática entre os séculos VI e V a.C.

IDENTIDADE E SEXUALIDADE NA POESIA DE TEÓGNIS DE MÉGARA E SUA RELAÇÃO COM OS BANQUETES ATENIENSES DO PERÍODO CLÁSSICO.

Luana Neres de Sousa
(IFG - Instituto Federal de Goiás)

O objetivo deste trabalho é analisar os aspectos identitários presentes na obra de Teógnis referentes aos relacionamentos homoeróticos masculinos praticados em Mégara no período arcaico, sobretudo nos versos dirigidos ao jovem Cirnos. Pretendemos ainda identificar e analisar a relação existente entre os banquetes aristocráticos atenienses do período clássico e os ideais políticos e amorosos de Teógnis impressos nos *Theognidea*.

O MITO DE ÉDIPO E SUA REPRESENTAÇÃO TRÁGICA

Maria Izabel Cavalcante da Silva Albarracin
(UC - Universidade de Coimbra)

O mito de Édipo é sem dúvidas um dos mais populares no mundo ocidental. O enredo que a maioria de nós conhece teve outras muitas versões no curso da história, sendo a versão sofocleana a mais difundida. O tema foi muito explorado nas tragédias. Entre textos completos, fragmentos e testemunhos, grandes nomes da antiguidade clássica deram voz ao mito edípico em diferentes versões: Ésquilo (*Laio*, *Édipo*, *Sete*

Contra Tebas, A Esfinge), Sófocles (Antígona, Édipo Rei, Édipo em Colono), Eurípedes (Antígona, Édipo, Fenícias), Sêneca (Édipo Rei, Fenícias). Embora possamos afirmar que, basicamente, o enredo do mito de Édipo seja imutável em alguns de seus aspectos - como o alerta do oráculo sobre o destino de Édipo, o abandono do bebê, a adoção pelo rei de Corinto, o assassinato de Laio, o confronto com a Esfinge, o incesto, a peste de Tebas - diferentes versões difundidas ao longo do tempo atualizaram episódios e motivações. A riqueza de aspectos exploráveis em um mito como esse não se esgota, sendo fecundo terreno para o desenvolvimento de variados estudos e adaptações. Entre elementos trágicos de parricídio, incesto e cegueira auto-inflingida, Édipo é o herói que transita entre o destino e o poder. É uma figura absolutamente humana, que ora se apresenta como vítima de sua própria inocência, e ora se revela vítima de sua própria ambição. Sua atitude heroica é diversas vezes decisiva no curso da tragédia, o que inclui o ato de exilar-se de Corinto na tentativa de escapar à sina de assassinar seu pai e casar-se com sua mãe, o enfrentamento da Esfinge, a determinação em encontrar o assassino de Laio e findar a agonia do povo tebano diante da peste que o assolava e inclusive a cegueira auto-inflingida. O que propomos é analisar as representações trágicas do mito edípico através das obras de Ésquilo, Sófocles, Eurípedes e Sêneca, evidenciando características, aproximações e distanciamentos entre elas.

ENDOXA E PHAINOMENA NA ETHICA EUDEMIA

Mariane Farias de Oliveira

(UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Na *Ethica Eudemia*, um dos tratados de Aristóteles que apresenta sua filosofia moral, encontramos no início da obra um capítulo dedicado ao método que será utilizado na investigação. É prescrito neste capítulo que devemos partir daquilo que nos aparece (*phainomenois*) a fim de clarificar esses elementos para obtermos avanço na busca definicional (EE I 6, 1216b30-31). No entanto, se compreendermos "*phainomenois*" literalmente, como manifestações da experiência sensível, a passagem torna-se de difícil interpretação. Este trabalho visa analisar os conceitos-chave de *endoxa* e *phainomena*, bem como a noção de pontos de partida de uma investigação, que permitem uma leitura razoável da passagem metodológica do capítulo 6 do primeiro livro da *Ethica Eudemia* de Aristóteles, visando, assim, compreender seu método com relação ao tratado e, de maneira mais geral, com relação à ética.

AISKHROLOGIA EM ARISTÓFANES

Paulo César de Brito Teles Júnior

(UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais)

Elvis Freire da Silva

(UFC - Universidade Federal do Ceará)

Nas peças de Aristófanes, comediógrafo grego do século V a.C., o tema da aiskhrologia, ou seja, da licenciosidade, da obscenidade, recebeu uma projeção importante. Podemos relacionar este tópico da comédia aristofânica ao ritual que era oferecido a Dioniso, deus do teatro, e à noção de fertilidade. À essência do dionisíaco, temos a morte, representada pela tragédia, e a ressurreição, representada pela comédia. Dioniso é, assim, um deus que morre e que renasce, surgido através do hino uníssono dos ditirambos, cantos que, em honra ao deus, celebravam a euforia, a fecundidade, a renovação. Na concepção caricatural da comédia, o indício de uma certa liberdade podia ganhar uma maior expressividade que, ao atingir o exagero cômico, permitia que a libertinagem atingisse um nível mais elevado. Vemos em Aristófanes que a sexualidade alcança uma concepção mais aberta, mais descontraída, um tanto distante dos princípios da convenção social. Cabe ressaltar que a concepção de obscenidade que os gregos tinham era diferente da que temos hoje: o sexo era tido como algo divertido, isento das conotações negativas de culpa de nossa sociedade, e o obsceno podia se manifestar de modo mais escrachado e grosseiro. Nosso objetivo é apresentar como o tema da aiskhrologia se manifesta em Aristófanes, procurando destacar quais são os elementos que estão ligados a ele nas peças do comediógrafo. Partindo da concepção de "structure érotique" proposta na obra de Pascal Thiery (Aristophane: Fiction e Dramaturgie, 1986) e do estudo de Maria de Fátima Sousa e Silva ("Nomos e Sexo na comédia de Aristófanes", Humanitas, 2005), demonstraremos como o humor torpe e cáustico de Aristófanes assegurava, para além do obsceno e do vulgar, uma densidade notável à composição cômica.

A MASCULINIDADE DE PENTEU TRANSVESTIDA: UMA ANÁLISE COMPORTAMENTAL A PARTIR DA IDENTIDADE DE GÊNERO.

Waldir Moreira de Sousa JR

(USP - Universidade de São Paulo)

A discussão a respeito das motivações comportamentais de Penteu na peça *As Bacantes* de Eurípides não raro aborda questões de identidade e de sexualidade. Segal

(1984; 1997), por exemplo, observa que há nesse personagem uma manifesta crise de identidade, sendo que seus atos poderiam conotar uma possível atração sexual pelo deus Dioniso, que se apresenta em Tebas humanamente disfarçado como o "estrangeiro". Csapo (1997), neste sentido, referir-se-á a um obstinado apego de Penteu para com o aspecto feminino desse deus. Para Ormand (2003), a questão a respeito da identidade de gênero é posta quando Penteu se veste de mulher, o que possivelmente conotaria uma feminilidade reprimida. Nesta comunicação, gostaria de propor uma abordagem diferente. Pretenderei analisar Penteu e suas ações a partir especificamente de sua caracterização masculina. Assim, minha análise seguirá o seguinte movimento indagativo: 1) podemos afirmar que Penteu se apresenta hipermasculinizado antes, durante e depois de seu encontro com Dioniso? 2) Tal "hipermasculinização" seria de alguma forma responsável pela perseguição que Penteu promove contra o deus, explicitamente descrito como efeminado?

Entre o Eros e Oikos: Gênero e sexualidade na casa ateniense do século V a.C

Profª Mª Juliana Magalhães dos Santos
(PPGH-UFF/NEREIDA/CAPES)

Este trabalho possui o objetivo de refletir a dinâmica do gênero feminino e as expressões de sexualidade na casa (óikos) ateniense do século V através da influência do Eros. Entre a prostituta e a mulher bem nascida, a potência erótica transmuta sua influência através dos espaços privados, conduzindo a sexualidade para o prazer e a preparação para o casamento. Os usos do prazer feminino se destacam por suas condições específicas, que expõem o papel feminino na cidade ateniense perante a comunidade clássica devido a sua singularidade espacial. Do andrón a área de circulação comum e os comodos femininos, a presença feminina deixa sua marca como força social cotidiana em ambientes privados sob os "olhares" da conduta pública, através de preocupações filosóficas e de oradores.

Tema:

Manifestações Teatrais na Antiguidade e Medievo

Local: Sala 8 do prédio de História

TEMPO E ESPAÇO EM AS TESMOFORIANTES: ESTRATÉGIAS DE RECONFIGURAÇÃO ESPACIO-TEMPORAL E A IMPORTÂNCIA DO ESPECTADOR NA RECEPÇÃO DA OBRA.

Amanda de Carvalho Franz
Jane Kelly de Oliveira
(UEPG - Universidade Estadual de Ponta Grossa)

O propósito deste estudo foi identificar as estratégias utilizadas por Aristófanes para a construção espácio-temporal na comédia *As Tesmoforiantes*. Com base no que Revermann diz em seu livro *Comic Business: Theatricality, Dramatic Technique, and Performance Contexts of Aristophanic Comedy* (2006, p.107) "Não há teatro sem espaço" e é por isso que buscamos identificar os espaços narrados nesta comédia de Aristófanes. Toda e qualquer narrativa tem como necessidade a construção de espaço e de tempo. É com base na definição de espaço e tempo dramático encontrada no *Dicionário de Teatro de Patrice Pavis* (1999) que buscamos, em *As Tesmoforiantes*, os elementos que Aristófanes inseriu nesta comédia para indicar ao espectador a semantização e a resemantização espácio-temporal do enredo. Pavis (1999) nos explica que o espaço dramático caracteriza-se pelo espaço ficcional, construído a partir da imaginação do espectador em relação à atuação, às relações entre os atores e à evolução do enredo. Destacamos que, para o espaço dramático ser construído e ter sentido ao espectador, não há necessidade, essencialmente, de um espaço cênico (real) muito bem elaborado. No que diz respeito ao tempo dramático, isto é, o tempo da ficção, também definido por Pavis (1999), verificamos que este não corresponde ao tempo cênico, ou seja, o tempo real. Os elementos narrativos, cênicos ou performáticos utilizados pelo comediógrafo serão inseridos no enredo, de forma estratégica, sendo que o público alvo é o motivo pelo qual determinada estratégia será utilizada. Pavis (1999) chama isto de convenção cênica, isto é, um contrato firmado entre autor e espectador. O contrato impõe que o comediógrafo utilize elementos conhecidos pelo seu público, a fim de que este compreenda e reconheça o que está em cena. Este contrato tem como finalidade a concretização da essência do drama: o entretenimento, o humor, a comunicação e, enfim, a crítica. Uma vez identificados tempo e espaço dramático narrados na comédia em análise, pudemos verificar que Aristófanes lança mão de elementos narrativos e cênicos para auxiliar seu espectador na apreensão do enredo, bem como, do espaço e do tempo ficcional delimitado na peça.

A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO EM ARISTÓFANES: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A COMÉDIA LISÍSTRATA (SÉC. V A.C.)

Bárbara Alexandre Aniceto

(UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Campus Franca)

Muitos autores defenderam que a presença feminina nos enredos de Aristófanes expressava apenas o tom de comicidade das obras, preocupadas em ridicularizar a imagem da mulher grega. A atuação feminina em suas comédias foi concebida como circunscrita ao espaço privado, às funções familiares e apresentada pela historiografia através da insígnia negativada do papel feminino na Antiguidade. Nessa comunicação, procuramos lançar outro olhar sobre a representação do feminino nas comédias aristofânicas, em especial Lisístrata (411 a.C.). Olhar que está diretamente calcado pelo suporte teórico de gênero, uma vez que vislumbramos, no enredo cômico citado, a ênfase no aspecto atuante do feminino.

CORO FEMININO DE LISÍSTRATA E SUA IMPORTÂNCIA NO DESENVOLVIMENTO DO ENREDO - UM EXERCÍCIO DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA.

Jane Kelly de Oliveira

(UEPG - Universidade Estadual de Ponta Grossa)

Aristófanes, importante comediógrafo do século V a.C, em sua comédia Lisístrata, põe em cena um grupo de mulheres gregas de várias cidades-estado que chantageiam seus maridos com uma greve de sexo para que eles, durante a assembleia, façam um acordo de paz e ponham fim a Guerra do Peloponeso. Esta comédia tem grande parte de seus versos ocupados pela participação do coro e, neste artigo, por meio da semiologia teatral, vamos analisar o papel do coro no desenvolvimento narrativo do enredo.

RELAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE TRAGÉDIA E PRÁTICA JURÍDICA NA ATENAS DO SÉCULO V A.C.

Milena Tarzia Barbosa da Silva

(OAPEC - OAPEC ENSINO SUPERIOR)

O corpo do direito de Atenas, no século V a.C., era composto por um conjunto de práticas e leis comuns ao ambiente cívico e institucionalizou-se por intermédio dos Tribunais. Também a tragédia - que fora mais que um novo gênero literário de vocábulo técnico-jurídico, mais que concurso de poesias, mais que celebração ritual em honra a Dioniso - é cívica, enquanto instituição criada pela mesma Πολις. Como manifestação institucional, a tragédia segue regras e objetivos numa disposição dialógica semelhante a dos Tribunais, presidida pelo arconte. A proposta da presente investigação é a de

analisar quais signos da poesia trágica podem remeter ao direito no período citado, dando especial enfoque ao Areópago. A obra trágica se dispõe como encenação teatral de um universo heroico que deixa de ser paradigmático e transmuta-se em problemático. Paradoxal como a linguagem jurídica, tal reprodução consiste na identificação de um limite, e tudo alcança pela imagem e pelo argumento agônico; mas, simultaneamente, tal imitação se impõe como um silente tribunal coletivo, em que a audiência, na ritualística, aprende mais sobre si mesma. Nessa pedagogia do combate emotivo das palavras (μύθος), a tragédia não julga: é local de encontro em que se movem potencialmente as leis e que contribui para auxiliar na formação do ἦθος grego do período clássico. É possível, pois, uma compreensão mais aprofundada do drama e de sua recepção pelo cidadão ao debruçarmos o olhar sobre as práticas jurídicas dos tempos clássicos, já que a dualidade ou tensão entre opostos que se desenrola na ação processual que se pretende resolvida no Tribunal ateniense, é semelhante ao limite irresolúvel dos palcos da ação dramática. Ambas as práticas ainda seguiam a tradição mítico-religiosa, desenvolveram-se no mesmo local, o espaço público, e acabaram por cambiar influências e alterar valores.

Tema:

Discursos e Identidades entre Celtas e Germanos

Local: Sala 9 do prédio de História

A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE IRLANDESA E SUA APROPRIAÇÃO CRISTÃ PELO LIVRO DAS INVASÕES DA IRLANDA

Diego Souza da Rosa

(UFPEL - Fundação Universidade Federal de Pelotas)

Durante a Baixa Idade Média (séc. XI a XV), acentuou-se, nas regiões de origens celtas e germânicas já cristianizadas, o processo de transcrição das tradições orais mitológicas destes povos para os códices, como é o caso das islandesas Eddas Prosaicas, escritas no século XIII por Snorri Sturluson e do Lebor Gabála Éirenn (Livro das Invasões da Irlanda), sendo este último, o objeto de estudo aqui utilizado. O Livro das Invasões da Irlanda é não apenas um, mas um compilado de textos influenciados por escritos do final da Antiguidade Clássica e início da Baixa Idade Média.

Este compilado de textos de origem monástica, também escritos durante o século XIII, abordam de forma mitológica, o início e desenvolvimento da sociedade da ilha durante um período remoto da antiguidade, utilizando bases cristãs como a criação

do mundo e o dilúvio, e abordando a processos migratórios de povos divinos e humanos da Ásia Central, Grécia, Oriente Médio, Germânia e Espanha. Tal obra também relata as batalhas entre esses grupos, com ênfase nos conflitos destes entre si e contra os Fomores, caracterizados como criaturas monstruosas que habitavam o fundo do mar.

Deve-se usar a perspicácia ao examinar esta obra para fins de analisar a antiguidade na ilha, pois embora ela nos ofereça uma boa visão panorâmica da tradição oral celta que remonta dos tempos pagãos de até o século V d.C, está imbuída de tradição cristã medieval. Do mesmo modo, o Livro das Invasões da Irlanda é importante para o estudo da formação da identidade irlandesa e da apropriação cristã dos mitos celtas contidos na ilha.

BRETÃO, ROMANO, CRISTÃO: A QUESTÃO DA IDENTIDADE NA BRETANHA PÓS-ROMA

Helena Schütz Leite

(FURB - Universidade Regional de Blumenau)

A partir da historiografia específica nos estudos sobre a Ilha Britânica, percebemos que uma de suas características principais é a diversidade cultural. Em uma região consideravelmente pequena, grupos étnicos distintos realizaram a ocupação do território, criando culturas e identidades variáveis de acordo com determinados espaços e tempos históricos. Alguns historiadores concordam que a identidade Bretã surge, em um primeiro momento, devido à invasão e colonização romana. No entanto, é apenas quando a Bretanha lida com a incursão de povos germânicos que essa identidade se reafirma e cria raízes. O presente artigo visa compreender a formação da identidade bretã em meio a este período de grande transição que é denominado por Christopher Snyder como "Brittonic Age", perpassando pelo período da Bretanha romana até as primeiras incursões saxões. Para isso, utilizaremos como fonte São Gildas, monge britânico, escritor de *De Excidio et Conquestu Britanniae*, obra que possui diversas problemáticas, porém continua sendo de extrema importância para os estudos da Bretanha. Utilizaremos também as mais relevantes descobertas arqueológicas para essas relações de identidade, pois tais fontes tornam-se necessárias ao estudarmos um período com poucos documentos históricos contemporâneos.

VALERIUS MAXIMUS: O DISCURSO RELIGIOSO E A CONSTRUÇÃO DA ROMANIDADE NO PERÍODO DO SÉCULO I E.C.

Isadora Buono de Oliveira

(UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"- Campus Assis)

Esta comunicação visa discorrer sobre a perspectiva do discurso religioso e a construção de identidade presentes na obra *Factorum et dictorum memorabilium* de Valerius Maximus. Nesta perspectiva, busca-se analisar a relação entre a Religião Romana e seu papel de delimitação da cidadania romana presente na constituição da romanitas. O entendimento dessa relação buscar-se-á através da análise discursiva da obra de Valerius Maximus. A forma pela qual a obra trata a Religião é desenvolvida com premissas históricas e também detém intenção educativa. Procura-se abordar preliminarmente, a compreensão da identificação do conceito de cidadania romana estabelecida do período de Tibério, tendo em vista a relação entre o ideal de Romanidade vinculados à difusão de novos cultos e perspectivas de práticas religiosas, principalmente o "Culto Imperial". Dessa forma, identifica-se a importância de relacionar a perspectiva discursiva da obra com o contexto e expressões religiosas durante a instituição do Principado Romano. Por fim, perceber a identidade romana inerente ao conceito de romanitas nas práticas religiosas presentes na fonte.

GERMANOS, GUERREIROS DE WOTAN OU RAÇA ARIANA?: ETNIA E NACIONALISMO NA COMPREENSÃO DO PASSADO GERMÂNICO

Maurício da Cunha Albuquerque

(UFPEL - Fundação Universidade Federal de Pelotas)

Os estudos sobre os povos do norte da Europa, tal qual suas lendas, sagas, heróis e demais elementos que caracterizam o mundo nórdico (ou germânico, como é preferido por alguns), têm recebido cada vez mais atenção, tanto no ambiente acadêmico quanto em meios voltados ao entretenimento. Mediante esta crescente demanda e o número cada vez maior de estudantes interessados na temática, é imprescindível que o acadêmico brasileiro tenha em mente as diferentes fases, concepções e abordagens (muitas delas impregnadas de valores étnicos e nacionalistas) por quais estes estudos passaram ao longo dos séculos, por muitas vezes, servindo de "combustível intelectual" para ideologias extremistas e grupos, tanto de caráter religioso quanto político, que, ainda hoje, disseminam ideias de teor altamente preconceituoso e xenófobo, com base em interpretações fictícias e romanceadas do passado germânico (muitas delas já refutadas há décadas).

Sob este prisma observaremos a origem deste passado imaginário, que teve seu início a partir da redescoberta dos escritos de Tácito, no final do séculos XV. Do ponto

de vista dos humanistas alemães, a "nação" alemã nascera no século I, com a famosa vitória de Armínio sobre Quintilius Varus na floresta de Teutoburg, o que não apenas fornecera certo vigor (orgulho) nacional como também trouxera aos alemães a noção de uma antiguidade, uma alternativa ao universo clássico, mediterrâneo, reivindicado fortemente por italianos e outros povos falantes de línguas neolatinas.

Este conceito, de uma antiguidade alemã será reforçado no século XIX, com a germanística e novas abordagens no estudos linguísticos. Os estudos filológicos, aliados ao forte espírito nacionalista da Alemanha em unificação, passaram a englobar outros povos antigos e medievais (godos, saxões, francos, escandinavos, etc) como sendo germânicos, por tanto, sendo, de algum modo, antepassados do povo alemão. O método filológico interpretava toda e qualquer semelhança linguística como sendo resultado de uma origem em comum, logo vestígios de poemas épicos, canções e histórias de heróis mitológicos passaram a serem interpretados como vestígios da tradição germânica, sendo a Alemanha como a nação que melhor representaria esta "essência".

O fascínio das elites acadêmicas europeias por origens nacionais que remontassem a antiguidade ou a alta idade média produziu um novo conceito de identidade coletiva, pautado na etnia. Esta nova visão das sociedades, inspirada em um passado imaginado, causara uma inversão de valores, identidades e autopercepções que já se faziam presentes há séculos, de forma que o nacionalismo étnico conseguira não apenas estabelecer laços fortes (mais ideológicos do que históricos) da uma nação (ou povo) com o passado, mas também alterar valores culturais ao bel prazer das agendas políticas ou dos anseios das elites intelectuais.

Tema:

Sexualidade, corpo e gênero: olhares sobre a História Antiga

Local: Sala 10 do prédio de História

A CONSTRUÇÃO DA SEXUALIDADE CRISTÃ FRENTE AO "OUTRO" EM 1º CORÍNTIOS.

Ailton dos Santos Manso

(UEL – Universidade Estadual de Londrina)

O presente trabalho tem como objetivo fazer um estudo sobre a construção da identidade da sexualidade cristã frente ao "outro" nas cartas destinadas a comunidade

de Corintos do século II d.C. Para o presente trabalho, será usado como fonte primária de estudo, o texto bíblico de 1º Coríntios capítulo 7, de suposta autoria do apóstolo Paulo de Tarso. Será utilizado como referencial teórico os estudos sobre identidade proposto por Stuart Hall, os conceitos sobre sexualidade e o corpo por Michel Foucault, os estudos historiográficos sobre o tema da sexualidade já abordados por Peter Brown e Paul Veyne e os conceitos de identidades presentes nos trabalhos de Chevitarese e Cornelli. Nesse sentido, o trabalho tem como objetivo mostrar como as diferentes identidades existentes a época ajudaram a formar uma nova identidade sexual cristã, tendo como parâmetro para essa diferenciação e construção, o "outro", materializado nas figuras das crenças pagas e judias.

"É POSSÍVEL MODIFICAR AS RELAÇÕES DE GÊNERO MODIFICANDO SOMENTE AS MULHERES?"

Benedito Inácio Ribeiro Junior

(UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"- Campus Assis)

Esta comunicação apresentará algumas considerações sobre os estudos acerca do masculino e das masculinidades na sociedade romana antiga, em específico em finais da República e durante o Principado. Desse modo, a comunicação será dividida em dois eixos: em primeiro lugar, discutiremos a possibilidade de construção de uma história dos homens e das masculinidades a partir de uma leitura feminista das relações de gênero; e, num segundo momento, buscar-se-á refletir como autores antigos e modernos deram diversos significados aos modos de ser e de representar o homem romano. Objetiva-se, com isso, pensar formas de historicizar as experiências humanas no passado e no presente, produzindo maneiras de existir mais democráticas e mais felizes.

AS RELAÇÕES ENTRE SENHORES E JOVENS ESCRAVOS NOS EPIGRAMAS HOMOERÓTICOS DE MARCIAL

Diogo Moraes Leite

(FFLCH/USP - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo)

Marco Valério Marcial, epigramatista latino do século I de nossa era, em seus mais de mil e quinhentos epigramas, apresenta uma grande variedade de temas, muitas vezes apresentando uma crítica mordaz aos costumes de sua época. Dentre estes

temas, nos ocupamos dos epigramas que tratam do que contemporaneamente denominamos homoerotismo.

A historiografia sobre sexualidade no mundo romano apresenta a relação sexual homem-mulher ou homem-homem em um contexto de legitimação de poder e dominação. Ao cidadão romano era permitido que mantivesse relações com escravos jovens desde que mantivesse papel ativo, ou, como define WALTERS (1998), os homens romanos são "penetradores impenetráveis". Desta forma, uma relação homoerótica poderia ser socialmente aceita ou intolerável, dependendo do status social e das relações de poder envolvidas; podendo assim, no contexto epigramático, figurar como motivo para vitupério ou ser um elemento para um encômio.

Neste trabalho apresentaremos alguns epigramas de Marcial, em tradução nossa, que têm esta temática, a do amor do senhor pelo seu jovem escravo, mas nos centraremos nos poemas em que há a intenção de encômio. De elocução mais elevada, esses epigramas buscam no mito referências para as relações entre senhores e seus jovens escravos, sendo a relação de Júpiter com Ganimedes seu principal modelo; outras personagens mitológicas, porém, também são evocadas, como Hércules e Hilas, Apolo e Jacinto, Aquiles e Pátroclo.

AUGUSTO E AS LEIS MATRIMONIAIS NO POEMA CARMEN SAECULARE, DE HORÁCIO

Erick Messias Costa Otto Gomes
(UFG - Universidade Federal de Goiás)

Nesta comunicação, abordaremos o processo de legitimação do imperador romano Otávio Augusto, através do qual foram construídas e difundidas imagens a respeito de sua pessoa e de suas reformas em Roma. Foram vários os mecanismos usados para formar e disseminar essas imagens, como as esculturas, as pinturas e as obras de poetas, dentre os quais se destaca Horácio (65-8 a.C.). Horácio construiu sua fama como poeta após relacionar-se com Mecenas e, através deste, com Augusto, haja vista que, desde então, manteve uma relação próxima à domus imperial. Horácio tem uma trajetória marcada por sua ascensão enquanto poeta, cujo ponto culminante é o convite de Augusto para escrever o poema *Carmen Saeculare*, em 17 a.C., que seria recitado por um coral durante a realização dos Jogos Seculares. Neste poema, é ressaltado a importância dos valores romanos para a manutenção da pax, além de fazer referências as leis matrimoniais augustianas. Nesse sentido, o objetivo desta comunicação é compreender o poema horaciano no contexto de legitimação do princeps, bem como destacar a importância das leis matrimoniais nesse processo.

Dessa forma, iremos abordar a política augustiana de ressignificação do mos maiorum romano, em especial no que se refere à família.

SEXO, GÊNERO E PODER NAS REPRESENTAÇÕES DO IMPERADOR ROMANO ADRIANO

Filipe N. Silva

(UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

Revisitar as tradições interpretativas sobre gênero à época imperial romana significa se deparar com uma dicotomia de ordem estritamente sexual concebida sob termos de atividade/passividade. Com efeito, aquele (ou aquela) que submete, domina e conduz outrem, assim como no sexo, está diretamente relacionado ao domínio masculino. Por conseguinte, a submissão a algo ou alguém, restringe e reduz o indivíduo ao âmbito do feminino que, em última instância, será associado ao que há de inferior. Paradigma naturalizado, generalizado e reproduzido amplamente pela historiografia sobre gênero no Império Romano, trata-se de um modelo explicativo que raramente considera o caráter discursivo das fontes que lhe embasam. Tendo por objetivo aferir a aplicabilidade historiográfica do referido arquétipo, esta comunicação recorre às representações (antigas e modernas) do imperador romano Adriano com o fito de, por um lado, exprimir a importância e os possíveis limites epistemológicos desses conceitos para a escrita da História Antiga. Por outro lado, pretende-se sugerir novas possibilidades para uma análise de gênero do personagem em questão a partir de outras fontes e métodos.

ESTEREÓTIPOS FEMININOS EM O ASNO DE OURO DE APULEIO

Lahís Moreno Gibelato

(UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"- Campus Assis)

A historiografia sobre o mundo romano apresenta uma mudança significativa a partir de meados do século XX, em que houve a emergência de novas propostas e novos enfoques: "frutos de questionamentos epistemológicos que as Ciências Humanas têm enfrentado desde a década de 1960" (FUNARI; GARRAFFONNI, 2008, p. 102), levando a uma constante revisão de conceitos consagrados e à crítica de modelos interpretativos de cunho normativo. Dentre os novos temas os "estudos de gênero" têm aumentado substancialmente. De acordo com Margareth Rago (1998, p. 90), o estudo de gênero foi atualmente definido como o estudo da "construção social e cultural das

diferenças sexuais" e não deve ser simplificado, ou apenas como sinônimo de "mulheres".

A literatura enquanto fonte documental também apresentou um fôlego revigorado a partir das novas temáticas de pesquisa. Entretanto, não devem ser vistas como um reflexo imediato da realidade, principalmente em obras satíricas, como no caso de *O Asno de Ouro* de Apuleio. Ao contrário, devem ser analisadas como produto de um determinado escritor, inserido em seu próprio tempo e classe social. Embora não possa ser caracterizada como simples descrição do real, toda obra literária não deixa de ter ligações com o universo em que foi produzida.

É nesse contexto que se insere essa pesquisa que tem como pretensão a produção de uma dissertação de mestrado. Dentro da obra *O asno de Ouro*, o autor romano do século II d.C., Apuleio, adota o artifício literário da metamorfose, para fazer com que o protagonista Lúcio um observador incógnito de realidades sociais muitas vezes distantes do universo aristocrático. Apresentando representações de mulheres seguindo estereótipos maximizados, que seriam dignos da ironia do autor.

Enquanto temática, a mulher tem sido uma categoria cuja ironia e o humor masculino são amplamente direcionados. A necessidade de extrapolar elementos do real para basear sua sátira que "leva os autores latinos a exagerarem e caricaturarem as características negativas das mulheres que descrevem" (SILVA, 2001, p. 40). Seriam esses mesmos exageros que "denunciam" as intenções dos autores no texto. Do mesmo modo, pode-se aplicar essa análise à obra de Apuleio, dado que em *O Asno de Ouro* as personagens femininas estão em sua maioria associadas a três estereótipos: a mulher adúltera, a assassina e a feiticeira.

A narrativa satírica "brinca com os costumes" (SILVA, 2001, p. 52), usa o exagero e o estereótipo para criticar determinadas características consideradas próprias do gênero feminino e que provocam um desconforto por parte dos autores a ponto de sentirem a necessidade de ironizá-las. Estas sátiras estão relacionadas aos valores sociais ao qual pertence o autor, e que provavelmente são compartilhados, ao menos parcialmente com seu público. Os estereótipos femininos apresentados estão ligados ao temor que possam representar a esse autor da aristocracia, exacerbando características para compor a crítica social pretendida.

MORTE E FEMININO NA CONSOLATIONE AD MARCIAM DE SÊNECA

Luciane Munhoz de Omena

(UFG - Universidade Federal de Goiás)

Recentes estudos têm apontado um contínuo crescimento de análises sobre a maneira como as pessoas morrem, tratamento dos corpos, tipos de sepulturas, local de deposição no sítio, artefatos, construções identitárias em sarcófagos e relevos, além da paisagem funerária. Sêneca construiu imagens da morte a partir de um eixo central: a condição do cidadão aristocrático na corte romana, que morre, em termos simbólicos, à medida que deixa de participar da vida em coletividade. Passa, em outras palavras, a não compartilhar das coisas comuns à comunidade. Na percepção de Sêneca, a morte social estaria vinculada às práticas de exílio, à morte voluntária, à ausência dos rituais fúnebres e à exacerbação do luto prolongado; já que a morte social vinculava-se ao temor de destruição, reduzindo, de fato, o indivíduo ao esquecimento. Ao levarmos em consideração a relevância das representações mortuárias no Mediterrâneo Ocidental e Oriental, analisaremos, em termos históricos, a experiência social da morte e os comportamentos femininos aristocráticos em relação ao luto prolongado na *Consolatione ad Marciam* de Sêneca, à medida que engloba a forma como os mortos na aula imperial romana, à época do Principado de Calígula, passam a ser lembrados ou, dependendo das circunstâncias, condenados ao esquecimento.

JÚLIO CÉSAR E OS "ÍCONES DO MAU COMPORTAMENTO"

Natália Ferreira de Campos

(UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

O objetivo da comunicação é o de estabelecer relações entre a antiguidade romana e as narrativas produzidas sobre ela na contemporaneidade, utilizando-se principalmente do conceito de "usos do passado". De que forma o passado, no caso, a antiguidade romana, é apropriado e reinterpretado a partir da ótica do presente. Para isso, será usado como estudo de caso o documentário, "Ícones do Mau Comportamento: Júlio César", produzido pelo canal History Channel em 2009. Hoje, mais do que nunca, o cinema e a indústria cultural como um todo são os grandes responsáveis pela disseminação de uma idéia de antiguidade. E porque escolher justamente esse documentário para ser tratado? As narrativas tradicionalmente associadas à César costumam ser quase que na sua totalidade laudatórias. Ele é provavelmente um dos personagens mais famosos da antiguidade. Portanto, é interessante e peculiar que César tenha sido escolhido para fazer parte dessa série ao lado de figuras como Nero, Calígula e Genguis Khan. Por ser uma visão não ortodoxa fica mais fácil de perceber as estruturas narrativas utilizadas para construir uma visão específica da história e perceber essas construções. Isso porque, algumas narrativas estão tão naturalizadas,

que é difícil vermos esses mecanismos, pois parecem ser o único ponto de vista possível. Nesse documentário, a sexualidade, em especial a de César, tem lugar de destaque, sendo usada como o fator mais importante para a compreensão do seu caráter e da sua biografia. A partir desse ponto, será discutida quais as estratégias narrativas utilizadas pelo documentário, as leituras feitas por ele das fontes antigas e sua relação com a construção de uma história específica da antiguidade e da sexualidade romana e dos indivíduos que fizeram parte dela, que acabam por dizer muito mais sobre o presente que sobre o passado que pretendem revelar.

A REPRESENTAÇÃO DO CORPO FEMININO NA GRÉCIA CLÁSSICA: HERÓDOTO (V A.C.) E A ICONOGRAFIA DOS VASOS ÁTICOS

Nathalia Monseff Junqueira

(UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

A representação das mulheres na Antiguidade perpassa as mais diferentes fontes históricas, como os textos escritos e a cultura material. Pensando nessas possibilidades de fontes para o estudo do corpo feminino na Grécia Clássica, buscaremos mostrar como essas mulheres, que estão atuando nas diversas esferas da sociedade grega são percebidas pelos seus contemporâneos na maneira como são retratadas em diferentes discursos produzidos nesse período. Para isso, optamos por analisar a obra Histórias, escrita por Heródoto de Halicarnasso no V a.C. em que encontramos importantes passagens a respeito das mulheres no mundo antigo, e as representações de mulheres na cerâmica ática do IV e V a.C. participando de diferentes atividades tanto na esfera privada quanto na pública da sociedade grega. A partir dos estudos de gênero e da História Cultural, demonstraremos que havia um padrão de representação das mulheres durante o VI e V a.C., evidenciando normas de conduta, vestimentas e comportamento que deveriam ser seguidas por essas mulheres. Entretanto, podemos perceber, nesses mesmos discursos, que outras práticas e comportamentos também eram desempenhados pelas mulheres gregas.

ELE ACARICIOU-ME NO LEITO: EROTISMO, PRAZER E SACRALIDADE NO CULTO À DEUSA MESOPOTÂMICA INANNA/ISHTAR.

Simone Aparecida Dupla

(UEPG – Universidade Estadual de Ponta Grossa)

A sexualidade na Antiga Mesopotâmia esteve relacionada ao mundo divino. As práticas sexuais das divindades se punham como modelo nas relações sociais e na interação entre os seres humanos e o mundo espiritual. Dessa forma, a hierogamia foi um dos elementos que compunham a perspectiva da categoria do sagrado nessa sociedade. Em relação a essa prática, conhecida também como casamento sagrado, a divindade de maior destaque foi à deusa Inanna/Ishtar, patrona da cidade de Uruk. De caráter múltiplo e dinâmico, essa divindade passou para a escritura da história conhecida por dois epítetos principais: deusa do amor e da guerra. Os mitos e os hinos onde essa deidade era protagonista trazem inúmeras referências às práticas sexuais. A literatura sobre Inanna/Ishtar era repleta de erotismo, de desejos velados ou explícitos, sua iconografia trazia cenas que demonstravam sua potência sexual e seu poderio bélico. As narrativas dessa divindade aproximavam elementos divinos e mundanos, externavam regras de cortejo e modelos comportamentais. Assim, o objetivo desse trabalho é apresentar algumas considerações acerca do sexo sagrado e sua prática enquanto ritual no culto à Inanna/Ishtar, relacionando as construções mitológicas iniciais e suas posteriores adequações aos contextos históricos e as ideologias reais e religiosas. As fontes utilizadas datam do final do terceiro milênio e do período Babilônico Antigo.

A ATUAÇÃO DAS MATRONAS ROMANAS NO CULTO A FORTUNA MULIEBRES: UMA ANÁLISE A PARTIR DE AB VRBE CONDITA DE TITO LÍVIO

Suiany Bueno Silva

(UFG - Universidade Federal de Goiás)

O objetivo desta comunicação é discutir a importância da participação feminina no culto à Fortuna Muliebres, destacando a relevância da prática ritualística como meio de interação entre a comunidade cívica e o espaço do sagrado. Assim sendo, analisaremos o episódio da guerra entre romanos e volscos liderados por Coriolano, a partir da narrativa liviana no livro II. Este episódio indica a intervenção das matronas romanas pela proteção da urbs ameaçada pelo conflito entre os exércitos; Logo, como recompensa por terem evitado o confronto as matronas obtém do Senado a aprovação para dedicarem um templo à Fortuna Muliebris, como modo de agradecimento pelas benesses recebidas, ou seja, pela obtenção da concordia na comunidade cívica. Assim sendo, pretendemos discutir os rituais - *relegere* -, como práticas que reestabelecem a vinculação com as divindades pela comemoração e ritualização dos laços entre homens e deuses, bem como representam o ideal de comportamento social que expressava, em

termos efetivos, a virtus de uma comunidade cívica em função da manutenção de suas relações com os deuses por meio da prática ritualística. Nesse sentido, o discurso liviano apresenta a religião como um espaço privilegiado para a construção de condutas cívicas que reverenciam a vinculação da comunidade com as divindades, não apenas pela obrigatoriedade, mas pela dimensão de afetividade e respeito para com os deuses. Logo, o estudo das práticas religiosas nos possibilita compreender a relação entre as crenças e as formas ritualísticas, como elementos essenciais para a promoção da concordia na urbs e, por consequência, o ordenamento social na comunidade cívica.

"UMA DESGRAÇA E ESTIGMA PARA A GRÉCIA": A SEXUALIDADE DE ALEXANDRE MAGNO NO FILME ALEXANDER (2004), DE OLIVER STONE."

Thiago do Amaral Biazotto

(UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

Lançado em meio às mais ferrenhas polêmicas, Alexander (2004), do cineasta americano Oliver Stone, despertou diversas reações adversas. Entre acusações de anacronismos e alusões ao cenário político estadunidense, causou particular comoção a forma como foi retratada a sexualidade do protagonista, a ponto de o ministro grego da cultura, Evangelos Venizelos, declarar que o filme seria "uma desgraça e estigma para a Grécia", retirando o apoio estatal à produção. Sendo assim, a comunicação discutirá o modo com um suposto "Alexandre bissexual", nos termos de Venizelos, aparece no filme, bem como algumas reações e críticas a ele. Esta discussão se pautará, em particular, pelas tomadas entre Alexandre e seu mais próximo companheiro, Heféstion, cujo relacionamento ambíguo - como um amor correspondido mas não consumado - são o principal mote para alguns críticos do filme que insistem em aplicados conceitos relativos à sexualidade moderna à Antiguidade. Na medida do possível, também será destacado o contexto da política norte-americana no interior do qual Oliver Stone produziu sua película, bem como suas possíveis relações com as representações de Alexandre feitas pelo diretor.

QUANDO (NÃO SE) HÁ INTERESSE PELA "RAINHA DA BITÍNIA". REPRESENTAÇÕES ANTIGAS E MODERNAS DAS VIRILIDADES DE JÚLIO CÉSAR

Victor Henrique da Silva Menezes

(UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

A imagem histórica de Júlio César raramente demanda grandes introduções. Tendo entrado para a História como o general responsável por profundas e marcantes mudanças no cenário político da Roma Antiga, no mundo hodierno muitas vezes ainda é considerado o protótipo de um líder ocidental. Representada em variados veículos artísticos e diferentes momentos históricos, a figura de César passou, por certo, por uma maior disseminação a partir de sua presença em obras cinematográficas e televisivas. Nessas, geralmente, foi apresentado como um grande estadista e militar, heterossexual, viril, e amante de matronas romanas e belas rainhas. Tais construções acerca do general falam mais do momento de produção dessas imagens que do César presente nas fontes antigas, que trazem alguns outros discursos a seu respeito, em particular no que concerne à sua virilidade. Um dos exemplos mais conhecidos é a alcunha dada a ele por Suetônio de "rainha da Bitínia", referente à sua suposta relação com o rei Nicomedes, e a sua caracterização como "Rômulo efeminado" pelo poeta Catulo. Percebe-se assim que nas produções cinematográficas e televisivas há um potencial silêncio ou tergiversação de algumas condutas sexuais de César narradas pelos antigos. Com tais pressupostos e pautada nos estudos dos usos e apropriações do passado, a comunicação terá como objetivo apresentar alguns dos discursos construídos na Antiguidade a respeito da virilidade de Júlio César, e compará-los às suas ressignificações nas produções cinematográficas e televisivas. Para tanto, será feita uma breve explanação de como o biógrafo Suetônio tratou dos rumores que diziam respeito às práticas sexuais e ações tidas como impróprias de César. Em seguida, discutir-se-á como os filmes e séries de TV ora escamoteiam, ora explicitam (ainda que só recentemente) uma possível oscilação da virilidade de César em alguns de seus comportamentos. Com tal intuito, serão trabalhadas algumas das cenas do filme Cleópatra (1963) e da série televisiva Spartacus (2010-2013).

"CORPO, SEXUALIDADE E DOCUMENTÁRIO: REPRESENTAÇÕES CINEMATOGRÁFICAS DO SEXO NA POMPÉIA ROMANA."

**Victória Regina Vóros
Lourdes Conde Feitosa**

(USC - Universidade Sagrado Coração)

Nas últimas décadas, questões como sexualidade e gênero, surgiram como temas de interesse em diversas áreas de estudos. Tais discussões estão inseridas num ambiente de grandes questionamentos a cerca das identidades assumidas pelo ser

humano. Torna - se, então, necessária a produção de trabalhos que busquem novos olhares sobre a sexualidade, que explicitem o caráter fluido deste e evidenciem que existem diversas formas de se viver o sexo. Estudos que tragam velhas assertivas sobre sexualidade apenas contribuem para que antigos preconceitos e chavões continuem em voga. Estimuladas por essas reflexões, nessa pesquisa desenvolvemos uma análise crítica do documentário "Sexo em Pompéia, erotismo na Antiguidade", produzido pelo canal History, em 2009.

Questionamos a versão apresentada sobre a sexualidade romana e apresentamos as discussões em torno do gênero cinematográfico documentário, a partir da discussão de obras historiográficas revisionistas sobre tais temas e de releituras de documentos arqueológicos da Pompéia romana. Com o avanço dos debates sobre os limites de um filme ficcional e não ficcional ou documentário, intensificam-se os argumentos favoráveis e contrários à ideia de sua representação do real. Existem duas linhas gerais de pensamento em relação a este gênero fílmico: um primeiro que verá distinções entre o documentário e a ficção e outra linha que define documentário e ficção como gêneros não distintos e vê como impossível a representação objetiva da realidade. A leitura que orienta a condução dessa iniciação científica é a de que o filme não ilustra nem reproduz a realidade, ele a reconstrói a partir de uma linguagem própria, produzida num determinado momento histórico. Um filme deve ser entendido como um produto cultural de qualquer sociedade e as suas informações precisam ser problematizadas e não aceitas como verdades acabadas, como afirmam Feitosa e Vicente (2012, p. 183). O filme traz várias assertivas sobre a sexualidade dos pompeianos, que puderam ser apreendidas a partir de pesquisas -inovadoras' que trouxeram descobertas arqueológicas -espantosas', que revelam o -submundo' de Pompéia. Aos telespectadores é sugerido que é através do sexo que os cidadãos romanos de Pompéia buscavam "poder e devassidão". Expõe-se também que "o objetivo do sexo em Pompéia era a visão de corpos submetidos para a satisfação de desejos" e a utilização do sexo público para a "manutenção do status social".

Consideramos que as interpretações apresentadas no documentário "Sexo em Pompéia, erotismo na Antiguidade", embora de produção recente, são baseadas em concepções tradicionais e podem ser repensadas a partir de novos olhares sobre a documentação arqueológica de cunho sexual. Por que então estas não teriam sido contempladas no documentário? Não estariam elas mais próximas ao universo contemporâneo do que da Antiguidade?

RELAÇÕES DE HOMOPHILIA NA GRÉCIA CLÁSSICA: APROPRIAÇÕES DE MODELOS HOMOAFETIVOS HELÊNICOS NA CONTEMPORANEIDADE.

Viviane Kate Pereira Ramos

Dayane Azevedo Silva

(UFCG - Universidade Federal da Paraíba - Campus II - C. Grande)

As relações de homophilia na Grécia Clássica foram analisadas ao longo do tempo através de conceitos e costumes modernos, resultando em leituras anacrônicas, por parte do segmento LGBT (Lésbicas, Gays, bissexuais e Transexuais), fundamentalistas católicos, protestantes e evangélicos, enquanto práticas homossexuais a fim de legitimar discursos contrários ou a favor das relações entre indivíduos do mesmo sexo. De acordo com as leituras formuladas por defensores da diversidade sexual, a homossexualidade existiu e era praticada sem reprovação pelos gregos antigos, para assim, legitimar as relações homossexuais na contemporaneidade. Em contrapartida, Católicos, Protestantes e Evangélicos radicais, defendem que a Grécia desse período histórico era imoral tomando como referência a noção de sexualidade herdada do pensamento judaico-cristã, ou ainda, afirmam que já no período clássico as relações entre iguais eram reprovadas, e até mesmo combatidas, e assim, buscam justificar historicamente a não aceitação das relações entre indivíduos do mesmo sexo.

ABSTINÊNCIA SEXUAL E AUTORIDADE NAS PRIMEIRAS COMUNIDADES CRISTÃS DA PROVÍNCIA DA ÁSIA

Pedro Luís de Toledo Piza

(FFLCH-USP)

Com o surgimento do cristianismo durante o século I d.C., um código moral mais estrito e radical que aquele presente entre a maioria das correntes judaicas conquista adeptos nas cidades mediterrânicas por meio da pregação dos apóstolos, sendo Paulo de Tarso o mais destacado dentre eles. Uma das características mais marcantes da moral básica presente nas várias correntes cristãs era a abertura à possibilidade de determinado fiel adotar uma vida de perpétua abstinência sexual, tendo em vista algum ministério ou a preparação individual para a chegada próxima do Reino de Deus. Essa possibilidade se manifestava concretamente por meio da figura de alguns apóstolos, como Paulo, que não só haviam renunciado à prática do sexo como encorajavam, na medida do possível, os novos fieis a fazerem o mesmo, se Deus lhes conferisse o dom para tanto. As palavras de Paulo a respeito do tema imprimiram às comunidades por ele fundadas (especialmente nas da província romana da Ásia, como a de Éfeso) a ideia de

que o cristão que conseguia manter-se celibatário encontrava-se em melhores condições de exercer um ministério eclesiástico, como o da evangelização. Concomitante a esse desenvolvimento ideal, encontrava-se a pleno vapor o processo de concentração da liderança cristã em torno de chefes de família escolhidos para exercer a função pastoral e paternal de bispo da comunidade, cuja principal qualificação deveria ser a posse de uma casa bem administrada. A tensão entre essas duas formas de conduta e liderança teria efeitos duradouros na organização do ofício episcopal e em sua relação com outras formas de autoridade em meio ao processo de institucionalização da Igreja.

CRISTIANISMO, SEXUALIDADE E PODER: UM ESTUDO COMPARADO DA CONDIÇÃO DOS CASADOS EM TEXTOS DE AGOSTINHO E JERÔNIMO

Fabiano de Souza Coelho

(UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

O presente trabalho irá demonstrar uma reflexão sobre a condição sexual dos casados em fragmentos de textos do monge Jerônimo e do bispo Agostinho, escritos entre os finais do século IV e início do século V d. C., em torno da controvérsia religiosa com o monge Joviniano. Fazendo uso do conceito de gênero e do método comparado de Marc Bloch, selecionamos alguns discursos da obra *Adversus Iovinianum*, Livro I, de Jerônimo, e *De Bono Coniugali*, de Agostinho para realizar tal análise.

Tema:

Educação e Idade Média

Local: Sala 11 do prédio de História

PRINCÍPIOS EDUCATIVOS NA IDADE MÉDIA: UM ESTUDO DO MANUAL DE DHUODA

Ana Paula dos Santos Viana

Sandra Regina Franchi Rubim

(UEM - Universidade Estadual de Maringá)

O objetivo deste estudo é explicitar, por meio do Manual de Dhuoda, como os homens medievais pensavam a educação e representavam suas relações sociais. Nesse sentido, destacamos, de início, que analisaremos nossa fonte sob a perspectiva

da História da Educação. Ao lê-lo, observamos a relação educacional estabelecida entre mãe (educadora) e filho (educando). Analisar este Manual é instigante, pois nos permite refletir essa relação como um projeto de educação. Isto porque, entendemos que o Manual constitui-se a maneira que esta mãe encontrou para se fazer presente na vida de seu filho, diante das adversidades em que se encontrava. Estamos nos referindo ao contexto político-social em que a autora viveu, o da crise do Império carolíngio e do surgimento das bases da sociedade feudal. Guilherme, o filho e destinatário do Manual de Dhuoda, foi apartado de seu convívio familiar por estas questões políticas, passando a viver na corte e a servir o seu senhor, Carlos, o Calvo (823-877). Em nosso entendimento, a autora tenta impedir que o filho transgrida alguma ordem (imperial ou divina), de forma a evitar que lhe ocorram fatalidades. Em razão de sua formação cristã, Dhuoda considera o rei como obra divina na terra; portanto, jurar fidelidade ao rei significa jurar fidelidade a Deus. Dhuoda percebe que o filho, para preservar sua existência, ou seja, conseguir a salvação do corpo e da alma, precisa incorporar seus ensinamentos. Do corpo, porque, ao selar sua fidelidade para com Carlos, o Calvo (823-877), ele conservaria sua vida; da alma, pois se manteria fiel a Deus, fonte de toda sabedoria e vitalidade para a época. Esclarecemos que nosso objeto abarca os princípios educativos que se faziam necessários à formação de Guilherme. Estes preceitos são importantes para se compreender que a educação do nobre é parte do processo de formação cristã e aristocrática, ou seja, é parte de uma totalidade: a sociedade feudal no século IX.

INFLUÊNCIAS DA PATRÍSTICA E DA ESCOLÁSTICA NA EVANGELIZAÇÃO E CATEQUESE DA EUROPA MEDIEVAL

Maria Cleidiana Oliveira de Almeida

(IFBA - Instituto Federal da Bahia)

O presente estudo teve por objetivo analisar a influência da memória cristã na educação institucional e não institucional na Idade Média, considerando a importância do pensamento da Patrística e da Escolástica para tal. Isto porque, neste período, a educação desenvolveu uma estreita união com a Igreja, com a fé e com as instituições eclesiais, as quais eram as únicas delegadas a educar, a formar e a conformar. Mediante uma breve análise historiográfica da Memória Coletiva Cristã, com ênfase na catequese, ficou evidente as notórias contribuições de teóricos que, em distintos períodos históricos, orientaram ações religiosas ou mesmo colaboraram com a

formulação de novas diretrizes para a Igreja. Dentre os pensamentos analisados, merecem destaque os de Santo Agostinho (354-430) e São Tomás de Aquino (1225-1274). Por hora, constatamos que a educação desenvolvida na Idade Média foi herdeira de uma memória catequética que se manteve presente desde os primeiros tempos da Igreja e que foi tomada de empréstimo por indivíduos que conseguiram, através dos tempos, perpetuar esses ensinamentos e transmiti-los às comunidades ligadas ao cristianismo. Memória essa que, mesmo em meio a tantos contextos e adaptações, não se diluiu, pelo contrário, foi alimentada pela coesão do grupo e fortalecida pelo sentimento de pertencimento cristão.

E DEUS DISSE: FAÇA-SE O REI

Mariana Vieira Sarache

Terezinha Oliveira

(UEM - Universidade Estadual de Maringá)

Este texto é resultado dos estudos provenientes da elaboração da dissertação de mestrado com tema referente à formação do VI rei de Portugal, D. Dinis. Tal tema é desenvolvido pela autora desde sua graduação com pesquisa de Iniciação Científica. Essa abordagem também decorre das leituras realizadas na disciplina de Instituições Medievais frequentada por cumprimento de créditos definidos pela instituição. Por se tratar do período Medieval decorrem-se as possibilidades de reflexões que são inúmeras em diversos termos de perspectivas, a que apresentamos tem como princípio o aspecto educacional da figura humana, na qual nossa personagem, o rei tem sobre sua educação princípios que são ensinados que serão transformados em deveres e poderes. A partir dessa reflexão, o rei, na leitura dos autores medievais apresentados, pode ser considerado uma '-divindade' na medida em que escolhe pela justiça. Esta breve reflexão faz parte da investigação pretendida sobre as influências sofridas pelo rei (que elegemos para estudo) no seu processo de preparação que ocorreu desde a tenra infância. Para isso tratamos das considerações sobre D. Dinis pelo olhar dos historiadores portugueses, como exemplo Ruy de Pina e os filósofos medievais, Salisbury e Ockham.

A EDUCAÇÃO E AS RELAÇÕES DE PODER NO REINO VISIGODO A PARTIR DO BISPO ISIDORO DE SEVILHA (589-636)

Pamela Torres Michelette

Nesta apresentação pretendemos analisar as relações de poder no reino visigodo pós conversão ao catolicismo niceísta (589) a partir do âmbito educacional e sob a perspectiva do bispo Isidoro de Sevilha (560-636). Em nossa perspectiva entendemos que os ambientes escolares são espaços de poder, que ultrapassavam a questão educacional, tocando nos âmbitos, políticos, econômicos, religiosos e etc. Neste sentido, a Igreja, como monopolizadora desta área no período abordado, terá a seu favor mais um elemento de reforço de sua autoridade. Se considerarmos, ademais, que o presente histórico no qual nosso personagem atuava se deu logo após a consolidação desta instituição no reino visigodo, nosso ponto de vista ganha ainda mais significado. Pois, a Igreja assumiu um papel de representação religiosa frente a todo o reino. Neste momento também ocorreu a diversificação dos quadros eclesiásticos com a entrada dos visigodos nesta instituição. Desta forma, ao mesmo tempo em que a Igreja conquistou relativa legitimidade e autonomia, ela se deparou, por outro lado, com a necessidade de manter a coesão dos seus membros e de se fazer presente perante a sociedade. Assim, compreendemos que o controle do campo educacional serviu como diretriz para o fortalecimento da supracitada instituição, bem como, da cristianização das populações (hispano romanas e visigodas) e da continuidade do clero.

A RELAÇÃO ENTRE O CAVALEIRO E A MULHER SOB A ÓTICA DE RAIMUNDO LÚLIO NO LIVRO DA ORDEM DE CAVALARIA (1272 - 1283)

Paula Carolina Teixeira Marroni

Terezinha Oliveira

(UEM - Universidade Estadual de Maringá)

Este trabalho tem por objetivo analisar as relações entre o cavaleiro e a mulher propostas por Raimundo Lúlio (1232 - 1316) em O Livro da Ordem de Cavalaria (1272 - 1283), na tentativa de compreender como este homem medieval observava, no curso do século XIII as relações sociais, as identidades e a relação entre homens e mulheres dentro do grupo dos aspirantes a cavaleiro. Partindo das formulações da História Social, são apresentadas brevemente vida e obra de Raimundo Lúlio, para em seguida analisarmos algumas passagens do Livro da Ordem de Cavalaria no qual Lúlio se refere à relação entre homens e mulheres. Concluimos, destarte, que Lúlio enfatiza a importância no equilíbrio do cavaleiro ao se relacionar com uma dama, que busca nele proteção e refúgio. Lúlio também tece considerações sobre a forma de se comportar para a mulher do cavaleiro

EDUCAÇÃO MEDIEVAL: A MEMÓRIA HISTÓRICA E METODOLÓGICA DA PEDAGOGIA FRANCISCANA.

Paula Ruas Ferreira

(UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - Vitória da Conquista)

O presente trabalho é resultado da pesquisa em andamento, cuja temática é A Formação dos Frades Menores no Convento São Francisco em Salvador - Bahia, no contexto da Restauração Alemã (1890 - 1910). A investigação se faz a partir de uma das vertentes do franciscanismo que é a memória histórica e metodológica da Pedagogia Franciscana pautada na Educação Cristã no período Medieval. Este trabalho, não visa simplesmente focar um episódio isolado da história da Igreja, seu monopólio da Educação, no seu posicionamento, personalismos e peculiaridades, mas num contexto mais amplo, conforme se deu o processo de discussões e debates no campo teórico-metodológico pautados nos ideais da Patrística e da Escolástica desde os primórdios do Cristianismo. A investigação estabelece analogias entre a formação pedagógico-religiosa dos Frades franciscanos, com a realidade das outras Ordens existente na época. Também evidencia a dificuldade dos Frades em cumprir a Regra original de Francisco de Assis (da imitação de Cristo na sua face de pobreza), como também a necessidade de preparar seus quadros para a evangelização, inerente aos impactos culturais no período do surgimento das Universidades, especialmente em Paris, berço da primeira escola franciscana.

ERASMO DE ROTERDÃ: REFORMA SEM RUPTURA

Paulo Donizeti Siepierski

(UFRPE - Universidade Federal Rural de Pernambuco)

Ao se aproximar o quinto centenário da Reforma Protestante (2017) é natural que todas as atenções se voltem para seu ícone máximo, Martinho Lutero. Entretanto, está se tornando consensual entre os estudiosos que a Reforma Protestante não deve ser vista como um evento mas como um processo de longa duração. De fato, pode-se dizer que a Reforma da Igreja começou já no século treze com as ordens mendicantes. Nesse sentido ganha expressão a figura de Erasmo de Roterdã. Ostracizado por séculos tanto por católicos como por protestantes, a partir de meados do século passado tem ascendido a posição de maior pensador na Europa renascentista, cujo papel como teólogo, filósofo, pedagogo e filólogo foi crucial para o desenvolvimento cultural europeu.

Como nenhum outro em sua época, Erasmo percebeu o potencial da invenção da tipografia por Gutemberg e soube se beneficiar dela para a produção e divulgação de seus escritos, tornando-se o autor/editor mais influente no início do século dezesseis. Este ensaio focará exclusivamente na contribuição de Erasmo como precursor da Reforma Protestante, embora tenha lutado por uma reforma sem ruptura com Roma. Assim serão analisadas especificamente em suas obras seu anticlericalismo, seu individualismo religioso e sua defesa da noção que a verdadeira religião consiste na devoção interior e não nos símbolos exteriores das cerimônias e rituais. Também será discutido o processo de publicação de seu Novo Testamento Greco-Latino em 1516, que para alguns foi o verdadeiro estopim do que seria a Reforma Protestante.

Tema:

Discursos, identidades e sexualidades durante o Principado

Local: Sala 4 do prédio de História

Plínio, o jovem saúda seus caros amigos e familiares

Profa. Dra. Renata Lopes Biazotto Venturini

(UEM - Universidade Estadual de Maringá)

Entre os documentos produzidos na Antiguidade Clássica, muitos figuram na forma de cartas. Enquanto gênero literário, ou como uma atividade reservada a alguns privilegiados, o uso de escrever cartas conheceu notável impulso entre escritores gregos e romanos. Em particular, os escritos de Caio Plínio Cecílio Segundo constituem um exemplo singular de correspondência. Apresenta um total de trezentas e sessenta e oito cartas, distribuídas em dez livros. Os princípios de composição que regem as cartas mostram que cada epístola é dedicada a um só tema. Embora não seja possível identificar uma unidade temática, ao longo da correspondência conhecemos Plínio o jovem, sua vida privada, suas propriedades, sua atuação na vida pública, seu círculo de relações pessoais. Diante de nossos olhos vemos desfilar uma série de amigos e familiares. São personagens vivas que permitem delinear o cotidiano romano ao longo dos séculos I e II da nossa era.

NARRATIVA HISTÓRICA E BIOGRAFIA: A VIDA DE GALBA

Adriele Andrade Ceola

Renata Lopes Biazotto Venturini

(UEM - Universidade Estadual de Maringá)

O presente trabalho tem como propósito apresentar uma breve discussão acerca das semelhanças entre as narrativas históricas, na obra Histórias de Cornélio Tácito e as biografias, na composição Vidas Paralelas de Plutarco, mais especificamente a Vida de Galba. Os respectivos pensadores são contemporâneos e viveram no primeiro século da nossa era. Embora se atribua o ano de composição das obras ao reinado de Trajano, elas se referem ao mesmo período, pois se centram nos anos de 68 e 69 d. C.. Tal período é conhecido como o ano da anarquia, visto que o imperador em questão, Galba e mais três outros passaram pelo poder, sendo eles, Otão, Vitélio e por fim Vespasiano. Político atuante de seu tempo, Tácito viveu entre os anos de 56 e 120 d. C.; de família provinciana aristocrática, exerceu os cargos de advogado e tribuno militar, questor, pretor, cônsul, procônsul, e foi governador da província da Ásia. Plutarco era proveniente da Queroneia localizada na região da Grécia e assim como Tácito, pertencia a uma família aristocrática local, viveu por volta dos anos de 45 d. C. e 120, e por mais que tenha recebido a cidadania romana tardiamente, por ser um pensador influente e reconhecido por suas aulas e palestras entre os notáveis romanos pelos diversos locais do Império, foi também um político de seu tempo, sendo embaixador da Acaia, superintendente e chefe da guarda edilícia, em sua cidade natal, foi beotarca, arconte na Queroneia, sacerdote permanente em Delfos, agonoteta dos jogos pítios e membro do conselho dos anfitriões. Tácito era historiador por excelência; adotando o estilo em prosa escrevia sobre temas políticos e militares, os quais representavam as narrativas históricas, já Plutarco escrevia histórias das vidas, no entanto, a vida de Galba representa diferenças quando comparada a outras de suas biografias, pois traz questões políticas e militares muito semelhantes às narrativas taciteanas.

OS JUDEUS SEGUNDO JUSTINO MÁRTIR

Alessandro Arzani

(UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Conhecido pensador cristão do II século, Justino Mártir fez uma defesa vigorosa das ideias cristãs. Os grupos cristãos se multiplicavam pelo território do Império Romano e apresentavam características distintas entre si. O movimento que havia iniciado entre os judeus, agora era composto em sua maioria por gentios. A interação com o judaísmo ainda se mantinha e com isso inúmeras divergências. Tanto em suas Apologias quanto em seu Diálogo com Trifão, Justino se empenhou em defender as ideias cristãs e combater os judeus. A complexidade das relações entre cristãos e judeus no Império

Romano exige atenção a cada caso e dispensa generalizações que ignoram a particularidade de inúmeros grupos representados sob o título de "cristianismo" e "judaísmo". Este breve artigo se detém sobre a análise da imagem construída por Justino sobre os judeus empregando uma exegese histórico-cultural e buscando compreender a função simbólica e discursiva de suas elaborações dentro do seu contexto social.

AS RELAÇÕES ENTRE MARCIAL E JUVENAL: OBSERVAÇÕES SOBRE O CLIENTELISMO (SÉCULOS I E II D.C)

Amanda Giacon Parra

(UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"- Campus Assis)

Dois autores importantes para o estudo do período do Principado em Roma são Marcial e Juvenal. Embora ambos tratem de assuntos variados há problemáticas em comum e o local dos fatos, nos dois casos, era a cidade de Roma. Marcial foi autor de epigramas e chegou a Roma por volta do ano 60. Sua morte ocorre por volta dos anos de 103 ou 104, sob o governo de Trajano. Juvenal, autor de sátiras, nasceu na década de 60 e morreu por volta do ano de 130 em Roma, sob o governo de Adriano.

Os dois poetas escreveram utilizando gêneros diferentes, o primeiro adotou o gênero epigramático, que tem como característica a brevidade, a liberdade de temas, geralmente com característica cômica ridiculariza pessoas e não tem intenção moralizante. Já as sátiras de Juvenal têm como característica a escrita em hexâmetros e nelas são tratados assuntos da ordem dos comportamentos e da moral.

Esta comunicação tem por objetivo fazer breves observações a respeito do tema clientelismo nos dois autores. O estatuto social de Marcial em Roma era o de cliente. Isso quer dizer que o autor tinha alguns patronos aos quais devia favores, pois tinha ajuda financeira e proteção. Alguns patronos conhecidos de Marcial eram: Arrúncio Estela, Plínio, o Jovem, Juvenal, Quintiliano e Frontino. Na obra de Marcial é possível perceber essas relações clientelistas e ainda a necessidade de adulação aos poderosos presente nos epigramas.

Já o estatuto social de Juvenal é mais difícil de precisar. Alguns autores supõem que ele fosse de uma classe média romana. Marcial o coloca como sendo um de seus patronos, portanto, as condições desse poeta provavelmente não seriam tão humildes como se possa pensar. Há trechos que podem indicar que ele não seria um homem sem recursos: ele nos fala de seu bem patrimonial (6, 57), fala que possuía uma mansão em Roma (12, 89), e uma propriedade rural em Tibur. É possível tecer, portanto, alguns

comentários a respeito das relações de clientelismo em Roma no período do Principado na visão desses dois autores que têm esse como um dos assuntos mais frequentes.

UM DIÁLOGO COM OS AUSENTES: REPRESENTAÇÃO, GÊNERO E FEMININO EM ROMA

Danieli Mennitti

(UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"- Campus Assis)

O presente trabalho visa analisar como as mulheres romanas são representadas dentro da literatura do Principado romano, no que se chama de Literatura Trajânica. As mulheres romanas foram tema de diversas obras literárias, sendo representadas de diversas formas. Entretanto, as representações contidas na literatura difundem determinados discursos acerca dessas mulheres, objetivando a construção de um imaginário e visão sobre as mesmas, porém com uma atitude e finalidade de dominação e poder. Em se tratando de mais um discurso que constrói e é construído pela sociedade, essa literatura vai trazer em seu enunciado os valores de uma sociedade patriarcal, cuja dominação é, obviamente, masculina. Há pouquíssimas e raras fontes cuja autoria é feminina, o que dificulta um estudo sobre como tal categoria se representava. As representações presentes na literatura trajânica sobre as mulheres são feitas predominantemente por homens, o que por um lado é um complicador, mas por outro permite entender os mecanismos dessa sociedade patriarcal e masculinista de legitimar certas identidades e deslegitimar outras, sempre trazendo em seu bojo a questão de gênero, ou mais, evidenciando a idéia de hierarquia de gênero e uma colonização desse feminino.

PÃO E CIRCO: A POLÍTICA DA DINASTIA FLAVIANA SOB OS OLHOS DA CULTURA MATERIAL MODERNA E A LITERATURA REVISITADA

Esther Salzman Castellano

(UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"- Campus Assis)

Essa comunicação visa compreender a política do pão e circo como parte do elemento constituinte do projeto político dos Flávios. O ponto de partida são os estudos de Paul Veyne na década de 1970, assim então desenvolver-se-á uma nova visão da dinastia flaviana a partir de novas fontes - arqueológica e numismática, partindo do princípio de que desde seus estudos, a Arqueologia avançou tecnologicamente, além de ganhar muito mais espaço como objeto/fonte de estudo. Para introduzir a dinastia

flaviana, é necessário recuar ao suicídio do Imperador Nero e a ausência de seu sucessor, levando ao período conhecido como "o ano dos quatro imperadores", onde, por fim, é apresentado o primeiro imperador da dinastia retratada neste trabalho: Vespasiano. O primeiro imperador flaviano carrega em sua história a reestruturação econômica de Roma e a renovação do senado, para além destes, o início da construção de um dos maiores legados romanos: o Amphitheatrum Flavium, mais conhecido como Coliseu. Tito e Domiciano foram sucessores de seu pai. No geral, a dinastia flaviana se reteve na reforma e construção de monumentos, além da melhoria na economia e política e conseguiu, sobretudo, atingir as camadas populares da sociedade. É com essas camadas populares que temos a introdução do Coliseu, uma vez que o entretenimento dos romanos era amplamente sensacionalista, apelando para os gostos das classes populares. Sua influência era um tanto quanto negativa, sendo vista como um elemento de degradação da moral e uma forma de entretenimento de mau gosto. O que antes era voltado para as elites, agora servia aos deleites das classes populares. Aí então o trabalho de Vayne, "O Pão e o Circo" se introduz, onde, resumidamente, temos a inserção da história tradicional do panis et circensis. Finley, em um trabalho divulgado em 1977, refutou essa ideia de que as classes subalternas seriam meros aproveitadores. A pobreza, o desemprego e a fome eram de uma extensão muito maior do que se possa estimar, e, segundo Favarsani, são motivos suficientes para tensão e revoltas. A partir desse estudo anterior serão introduzidas as novas descobertas da cultura material dos últimos quarenta anos, tendo a numismática como a principal fonte. Esse estudo é fortemente ligado a História, a Economia, a Arqueologia e a História da Arte. É a partir da iconografia destas moedas que se podem alinhar estudos e pensar de uma nova perspectiva a sociedade romana nos elementos que nos são apresentados. Chartier ressalta o quanto é imprescindível à interpretação dessa simbologia, chamada de signos do poder. Nathan Elkins é um dos estudiosos que possui breves análises sobre as moedas comemorativas a época da inauguração do Coliseu, mas ressalta que as mesmas ainda não foram submetidas a um estudo exaustivo, ou seja, ainda existem possibilidades em aberto. Entrelaçando com a numismática, também estão presentes neste estudo Suetônio, autor da biografia dos três flavianos e Tácito, importante historiador romano.

DE OTÁVIO A AUGUSTO: A CRIAÇÃO DA IMAGEM DO IMPERADOR JÚLIO - CLAUDIANO NA OBRA DE LÚCIO FLORO (SÉCULOS I E II D.C.).

Natalia Frazão José

(UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Campus Franca)

Augusto, para muitos o primeiro Imperador da Dinastia Júlio-Claudiana, constitui-se em um personagem constantemente analisado e, por conseguinte, é construído, reconstruído e reinterpretado inúmeras vezes. Sua vida, seus feitos, seus fracassos e vitórias são alvos de olhares múltiplos, oriundos de observadores diversos, tanto de seu próprio período, quanto em nossos dias atuais. Logo, deparamo-nos com uma multiplicidade de Augustos, frutos de épocas distintas e elaborados a partir de perspectivas diferentes. Desta forma, propomo-nos nesta apresentação a destacar parte de nossa pesquisa de doutoramento, concentrando-nos em como a imagem deste importante personagem romano é criada e representada no discurso de um emblemático escritor dos séculos I e II d.C.: Lúcio Annaeu Floro. Em outras palavras, como em sua obra "Epítome de Tito Lívio", Floro constrói seu discurso sobre este Imperador anos depois de seu governo, reutilizando-se, para tanto, de outros discursos, sem, contudo, deixar de criar suas próprias interpretações acerca do mesmo e de seu governo. Ainda, tentaremos salientar como o discurso floreano é fruto de seu próprio tempo e apresenta em suas linhas uma tentativa de legitimação da figura tanto do Princeps Augusto quanto da estrutura política na qual ambos encontram-se inseridos, o Principado Romano.

O AFASTAMENTO DE TIBÉRIO CÉSAR AUGUSTO(14-37 D.C.) DE ROMA PARA CAPRI - UM MARCO DE INFLEXÃO POLÍTICA DURANTE SEU PRINCIPADO

Rafael da Costa Campos

(Unipampa - Universidade Federal do Pampa)

Nosso intento é apresentar uma síntese das principais conclusões obtidas durante o doutoramento. Nesse sentido, consideramos que o afastamento do Princeps Tibério César Augusto de Roma para a ilha de Capri em 26 D.C. representou um marco de inflexão política durante o seu Principado. Uma vez que estabeleceu no arquipélago uma corte imperial e passou a de lá governar sem mais retornar para a capital imperial, Tibério estabeleceu um filtro de acesso à sua pessoa e ao cerne do poder decisório, influenciando decisivamente as interações entre a residência imperial e a aristocracia senatorial da Cidade de Roma. Tal fato foi paradigmático para a compreensão da importância da figura do Imperador durante um momento em que o Principado configurava-se processualmente sob forte experimentação política.

CULTURA E EDUCAÇÃO DAS MULHERES ROMANAS

NO SÉCULO DE AUGUSTO.

Renata Cerqueira Barbosa

(UEL – Universidade Estadual de Londrina)

O presente trabalho tem por objetivo levantar algumas questões a respeito da educação das mulheres na Antiguidade Clássica. No decorrer do primeiro século d.C., a cultura grega, apesar das tentativas para conter sua influência, assim como a vida de luxo e lazer a que foi associada, se espalhou por toda a sociedade romana e tornou-se um símbolo de status para os membros da elite. Estabelecimentos de ensino, tais como bibliotecas, aumentaram em número mostrando uma crescente valorização da educação e de atividades literárias entre as classes superiores. A Cultura grega também foi cultivada por um número crescente de mulheres da classe alta; as mulheres bem-educadas da família imperial. Como a educação era vista como um sinal de status social elevado, este comportamento foi imitado também pelas mulheres de ascendência mais modesta. No entanto, os autores do primeiro e segundo séculos d.C. mostraram vários preconceitos contra as mulheres instruídas: ridicularizando-as, duvidando de sua moral ou até mesmo de seu sexo. Sobre estas e outras questões relacionadas à educação e as mulheres romanas que este trabalho debaterá.

O EPIGRAMA EM MARCIAL

Thais Aparecida Bassi Soares

Renata Lopes Biazotto Venturini

(UEM - Universidade Estadual de Maringá)

Atualmente o epigrama é definido como um pequeno poema de teor satírico. Porém, nem sempre foi assim. O gênero tem suas origens na Grécia Antiga, como inscrição, utilizado em túmulos, vasos e monumentos. Contudo é o período helenístico que marca as diversas transformações que vão passar a caracterizar o epigrama enquanto literatura. Desenvolvem-se os temas satíricos e amorosos. Essas transformações vão influenciar diretamente a produção epigramática em Roma, especialmente quando nos referimos ao autor de maior destaque no gênero: Marco Valério Marcial.

Dele, preservou-se praticamente toda obra. Conhecido como o poeta do cotidiano, retratou em seus livrinhos, chamados por ele de "nugae" (coisa sem valor), as vivências da grande metrópole do mundo antigo. Políticos, matronas, prostitutas e estrangeiros, são a matéria prima da escrita de Marcial.

Neste estudo, serão apresentadas as principais características dos epigramas, contidas nos trabalhos do poeta. São quinze livros, totalizando mais de mil epigramas.

O "Liber Spectaculorum", primeira publicação de Marcial, data do ano 80 d. C. e foi escrito em homenagem a inauguração do Anfiteatro Flávio. Seguem-se "Xênia" e "Aphophoreta", também relacionados ao jogos, servindo como presentes aqueles que participam das festividades. No mais, destacam-se os doze livros do Epigrammata que contém a maior parte do trabalho de Marcial.

Tema:

Problemas de Tradução dos clássicos gregos e latinos: aspectos teóricos e práticos

Local: Sala de reuniões do departamento de História

PROJETO "TECENDO O MANTO DE PENÉLOPE": A CULTURA CLÁSSICA NA SALA DE AULA A PARTIR DA OBRA ODISSEIA.

Daniel Aparecido de Souza

(IFSP - Instituto Federal de São Paulo)

Valéria Aparecida da Cruz Mello

(CLQ - Colégio Luiz de Queiroz)

O presente trabalho visa apresentar as atividades desenvolvidas no projeto com alunos do 6º e 7º anos do Ensino Fundamental no Colégio Luiz de Queiroz (CLQ), localizado no município de Piracicaba - SP, durante os anos de 2013 e 2014. Ressalta-se que o trabalho é fruto do planejamento voltado ao trato de temas ligados à cultura clássica pelos professores de História e Língua Portuguesa. Ademais, consistiu na abordagem de temas clássicos a partir de dois disparadores: filmes contemporâneos retratando ou fazendo releituras de obras clássicas e a leitura da obra Odisseia de Homero. Por meio dos disparadores e de outros artifícios trazidos pelos professores, temáticas diversas acerca da vida na Grécia Antiga foram colocadas em pauta para discussão dos alunos. Acerca das atividades desenvolvidas, deseja-se - ainda- debater as dificuldades referentes à escolha de uma tradução de Homero para alunos do Ensino Fundamental, bem como dos riscos da utilização das releituras dos clássicos feitas pelo cinema. Por conseguinte, almeja-se apresentar parte dos resultados obtidos com a aplicação pedagógica. Nesse sentido, pretende-se mostrar como as pesquisas realizadas pelos alunos sob orientação docente possibilitou a ampliação dos conhecimentos sobre a cultura clássica. Por fim, objetiva-se apresentar algumas das produções realizadas pelos alunos no decurso de desenvolvimento do projeto proposto.

UMA QUESTÃO DE TRADUÇÃO: POESIA GREGA E SUA VERSÃO EM PORTUGUÊS

Luiz Carlos André Mangia Silva
(UEM - Universidade Estadual de Maringá)

A tradução de poesia clássica exige detalhada reflexão em relação a seus resultados. A distância cronológica, linguística e cultural que separa nossas letras das letras gregas impõe uma série de obstáculos ao tradutor de poesia grega. Há aspectos da poesia antiga impossíveis de serem recriados em vernáculo, seja pelo fato de que a poesia grega se ancora sobretudo na oposição entre vogais breves e longas (algo desconhecido em nossas letras), seja porque tal poesia apresenta uma série de subespécies, cuja prática também desconhecemos (a lírica coral, por exemplo, é uma espécie quase ignorada em língua portuguesa), seja ainda pelos aspectos culturais eventualmente desconhecidos por nossa época. Tais obstáculos, no entanto, em lugar de representarem um impedimento à atividade tradutória, podem ser superados na perspectiva da tradução criativa. Criativa porque procura não identidades entre texto-fonte e texto de chegada, mas porque busca equivalências, isto é, a recriação mais do gesto que do texto e do contexto originais. Nessa comunicação, apresentaremos e discutiremos um conjunto de poemas eróticos (procedentes da Antologia Palatina), cujas soluções em vernáculo procuram garantir alguma autonomia aos textos traduzidos. Entre os autores a serem discutidos, constarão Rufino e Estratão.

Tema:

Sexualidades e Identidades na Antiguidade Tardia e Medieval

Local: Anfiteatro Antônio Merisse

MENSTRUUM: EMPODERAMENTO OU PROFANAÇÃO? A AMBIVALÊNCIA DO SANGUE MENSTRUAL NAS CRENÇAS MEDIEVAIS

Andressa Furlan Ferreira

Graduada em Letras Inglês pela Universidade de Brasília (UnB)

“As impurezas da mulher” e “A mulher doente” são duas narrativas bíblicas que tratam de episódios relacionados ao que tardiamente, em um manuscrito aproximadamente do século XIV, foi chamado de “os segredos das mulheres”: a menstruação. Em um período no qual o funcionamento do corpo humano era pouco desmistificado, a menstruação era um fenômeno por vezes temido. Tendo em vista a teoria humoral que vigorava na época, acreditavam que a menstruação fosse um fluido sujo, resultado de um processo de purificação corporal, embora sua retenção fosse considerada como a causa de doenças, tais como afecções cutâneas, palpitação, sufocamento, câncer de mama e até mesmo morte (GREEN, 2005, p. 54). No século XIV, suspeitava-se de práticas mágicas realizadas com sangue menstrual. Béatrice de Planissoles, por exemplo, foi acusada e condenada em 1321 por heresia e feitiçaria; entre seus pertences, foram encontrados tecidos manchados com o sangue menstrual de sua filha, que haviam sido guardados com o propósito de uma “poção do amor”. A menstruação também era intrinsecamente relacionada ao âmbito sexual, tanto no que concerne ao prazer quanto à concepção da vida. Por terem-na associado a um pré-requisito para a gravidez, era comum tratados medicinais apresentarem medidas para provocar o sangramento, o que apontava para outra faceta deste fenômeno: a tão desejada fertilidade. Entretanto, a eliminação do sangue, mesmo que involuntária, era principalmente vista como uma violação aos limites corporais, de forma a relegar a mulher a uma condição marginalizada, senão suspeita (MATTEONI, 2009, p. 138-139), o que, por sua vez, acarretou em um caráter discriminatório para a figura feminina. Este trabalho, portanto, visa a abordar a ambivalência da menstruação a fim de tratar da complexa identidade feminina compreendida no período medieval. Segundo Monica Green (2005, p. 52) “menstruation was never invisible in medieval Western Europe – it was always a symbol of female difference (even if it occurred in men)”; assim, além de abordar o âmbito histórico da Medicina, discutir menstruação medieval é discutir identidade social e respectivas relações de poder na Idade Média.

AS MÚLTIPLAS IDENTIDADES EXISTENTES NO EXÉRCITO ROMANO DA ANTIGUIDADE TARDIA (SÉC. IVD.C.): UM ESTUDO DA OBRA DE AMIANO MARCELINO

Bruna Campos Gonçalves

(UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Campus Franca)

A interação com outros povos trouxe um rico manancial cultural para o Império Romano, principalmente no âmbito militar, aumentando não só as fileiras do exército, como também, a diversidade dentro do território romano. Na presente comunicação buscaremos analisar as múltiplas identidades que existiram dentro do exército romano da Antiguidade Tardia, principalmente do século IV d. C. Para tanto, analisaremos a obra do autor antioquiano Amiano Marcelino, que ao escrever sua narrativa, *Res Gestae*, fez inúmeros apontamentos sobre as interações culturais existentes entre os romanos e os povos ao seu redor. Por ter feito parte dos protectores domesticis, Amiano pode participar de inúmeras campanhas militares, tendo assim, adquirindo grande conhecimento sobre os assuntos bélicos e podendo, também, aprender um pouco mais sobre outros povos e suas regiões. Outro ponto destacado pelo autor tardo antigo é a grande ajuda que o Império Romano recebe dos estrangeiros para proteger as fronteiras territoriais, seja por voluntariado ou por negociações de paz. Dessa maneira, procuraremos observar a inter-relação entre as diferentes culturas e como essa diversidade auxiliou na formação de um exército romano-bárbaro.

**PRÁTICAS DE LECTURA Y ESCRITURA DE LA ELITE PAGANA
TARDORROMANA. EL CASO DEL EMPERADOR JULIANO Y SU
CORRESPONDENCIA CON EL FILOSOFO JAMBlico, DENTRO DEL MARCO
DE UNA COMUNIDAD INTERPRETACIÓN.**

Cristian Oscar Astellano

(UBA - Universidad de Buenos Aires)

En la sociedad romana Tardo imperial, la cultura literaria desempeñó un papel de gran relevancia en la determinación de la posición de un individuo en el orden social, como resultado de este proceso, el prestigio social de la producción literaria creció en forma continuada durante el período en estudio. Representante de esta cultura, el Emperador Juliano será uno de los más importantes personajes de este periodo, ejerciendo una actividad literaria ampliamente documentada a través de sus cartas. El objeto de este trabajo, es desentrañar de su correspondencia epistolar (más específicamente, la dirigida al filósofo neoplatónico Jamblico), aquello que nos permite identificar a este autor como integrante de una verdadera comunidad de interpretación, entendiendo a esta como un conjunto de integrantes, entre los cuales se plantean circuitos de comunicación específicos, y quienes van a compartir un conjunto de pautas y principios culturales afines, en este caso, los de la tradición literaria clásica pagana.

A QUERELA SOBRE AS MULHERES NO REINO CASTELHANO (SÉCULO XV)

Danielle Oliveira Mércuri

(UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Campus Franca)

As composições do Libro de las claras e virtuosas mugeres (1446), dos tratados En defensa de virtuosas mujeres (1445) e Triunfo de las donas (1440), respectivamente, por Álvaro de Luna, Diego de Valera e Juan Rodriguez del Padrón são representativas de um anseio que parece ter-se tornado comum no reino castelhano do século XV, pelo menos entre grande parte dos que se dedicaram a escrever sobre as mulheres: compor uma boa memória sobre elas. Dito de outro modo, esses tratados escritos por esses nobres colocam em relevo a vontade compartilhada por eles de não só impedir que as memórias e os feitos das mulheres do passado caíssem no esquecimento, mas também, e sobretudo, o desejo de que, acerca das mulheres, não se pronunciasse unicamente a aviltante palavra. Para percorrer, porém, tal caminho, esses nobres não puderam se eximir de travar um embate contra aqueles que, desde longa data, ou mesmo contemporaneamente a eles, insistiam em relegá-las ao olvido ou ao vitupério. Tendo isso em vista, interessa-nos nessa apresentação analisar quais foram os motivos que conduziram esse debate em terras castelhanas, isto é, temos o fito de questionar quais foram as singularidades dessa querela no reino de Castela. Temos o fito, pois, de indagar como e por quê em um curto espaço de tempo foi produzido por incentivo régio castelhano e, sobretudo, sob os auspícios da então rainha Dona Maria e do rei Juan II, um conjunto de textos cujo mote era a oposição ao vilipêndio dirigido às mulheres.

COSMOLOGIA E IDENTIDADE NA ESCANDINÁVIA DA ERA VIKING

Johnni Langer

(UFPB - Universidade Federal da Paraíba - Campus I - J. Pessoa)

A proposta da comunicação é trazer aos acadêmicos brasileiros um primeiro contato com uma tendência recente nos estudos escandinavos, especialmente arqueológicos: tratar a cosmologia como um conceito analítico e empírico, na mesma categoria que o mito e a religião. Aprofundaremos algumas questões teóricas baseadas especialmente em Catherine Raudvere, Anders Andrén, Anders Kaliff, entre outros. Como exemplo temático para compreendermos a cosmologia como um sistema de identidade nórdica, analisaremos algumas narrativas sobre gigantes e a construção da figura do "outro".

REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE IDENTIDADE RELIGIOSA NA GALIZA DO SÉCULO VI.

Juliana Bardella Fiorot

(UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"- Campus Assis)

Neste trabalho analisaremos o conceito de identidade vinculando-o ao sistema religioso cultivado pelos habitantes da Galiza no século VI. Para atingirmos nossos objetivos partimos do pressuposto de que a identidade constrói-se nas relações estabelecidas entre indivíduo, espaço e sociedade. Estes três elementos são responsáveis pelo desenvolvimento de um processo de significação onde o indivíduo, que está em permanente contato com o mundo, busca elementos dotados de valores no espaço que satisfaçam seus interesses. As pessoas que partilham destes mesmos valores agrupam-se, e acabam formando uma comunidade que identifica-se especificamente com determinados elementos.

Nosso intuito é analisar o processo de construção da identidade religiosa tendo em vista o sistema de crenças da Galiza que estavam vinculados especialmente ao espaço natural e que eram de suma importância para a manutenção desta sociedade. Consideramos que o homem é um ser religioso e por ter esta condição ele vivenciará, ao longo de sua existência, inúmeras experiências com o sagrado que possibilitarão a construção de sua identidade religiosa. Este conceito passa a ser construído quando a experiência com o sagrado é satisfatória e atende as convicções religiosas do indivíduo ou de um grupo. Sendo assim, trabalharemos com o sermão *De Correctione Rusticorum*, escrito no século VI por Martinho, bispo de Braga. Este sermão é uma obra pastoral que reflete a preocupação do clero com a manutenção das crenças pagãs. Ao condenar a religiosidade dos galegos o bispo de Braga acaba fornecendo-nos importantes dados sobre as crenças existentes no período e como estas mantiveram-se fortes mesmo com a constante interferência da Igreja. Acreditamos, assim, que a religiosidade praticada pelos galegos fazia parte de um processo mais amplo, o da construção da identidade religiosa daquelas populações.

O TRATADO DO AMOR CORTÊS E AS RELAÇÕES ENTRE OS SEXOS NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO DISCURSO

Ligia Cristina Carvalho

(UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"- Campus Assis);

Ao nos debruçarmos sobre a questão do amor cortês e das relações entre os sexos na Europa Medieval, mais precisamente na França no século XII, o Tratado do

amor cortês, escrito por André Capelão, torna-se exemplar por ser uma obra literária normativa sobre o discurso amoroso. A obra é composta em três partes sendo que, na primeira e na segunda, o autor procura fornecer os preceitos fundamentais do amor cortês e, de forma aparentemente oposta, na terceira parte expõe quais os males provenientes do amor e ensina os meios para libertar-se dele. Essa aparente contradição interna à obra diz respeito principalmente à representação da mulher que, depois de ser exaltada, é vilipendiada pelo autor. No que concerne às temáticas do amor e do sexo feminino, as posições opostas são defendidas por André Capelão com o mesmo vigor. Escrito num período histórico no qual as relações entre os sexos eram permeadas pelas normatizações da Igreja, que considera o ato sexual como fonte do pecado e, assim, amonesta os fiéis contra os pecados da carne, o Tratado deve ser analisado como um enunciado que apresenta conjuntamente o discurso religioso e o discurso cortês, colocando em cena o conflito ideológico da sociedade medieval. Para tal análise, seguiremos a perspectiva teórico metodológica da Análise do Discurso.

IDENTIDADES E SEXUALIDADES NA LITERATURA ESCANDINAVA MEDIEVAL

Luciana de Campos

(UFPB - Universidade Federal da Paraíba - Campus I - J. Pessoa)

A literatura escandinava medieval majoritariamente as Sagas Islandesas apresentam algumas personagens femininas que são fundamentais para se entender determinados comportamentos femininos que escapam aquele que nos é apresentando no restante da literatura composta na mesma época no restante da Europa: a donzela sempre bela e frágil que espera o cavaleiro para lhe salvar. As mulheres retratadas nas Sagas - tomamos como exemplo Hervor da saga homônima - recebem treinamento bélico sempre oferecido por um homem da família, usam roupas masculinas e empreendem aventuras que seriam, via de regra, somente vividas por homens.

O nosso objetivo nessa comunicação é, além de analisar a identidade feminina nas Sagas traçar um paralelo com algumas figuras da Mitologia Clássica como Pentésiléia, Camila e Atalanta.

Analisaremos os aspectos tanto sexuais como aqueles relativos a construção de uma identidade feminina que, mais do que apenas apresentar personagens literárias, mostram aspectos da vida feminina na Escandinávia da Idade Média.

RITO, MITO E MEMORIA NO MUNDO ESCANDINAVO PRÉ-CRISTÃO

Munir Lutfé Ayoub

(PUCSP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

O presente trabalho tem um caráter introdutório que pretende o apontamento de teorias e o desenvolvimento da apresentação de uma historiografia que possibilite apontamentos para trabalhos futuros com os mitos e ritos do mundo nórdico.

Pretendemos assim apresentar estudos que desde os anos 1980 e 1990 possibilitam a compreensão da religião e os ritos nórdicos pré-cristãos como responsáveis pela construção da memória deste povo e por meio desta a construção do território destes homens.

A primeira teoria a ser considerada é a do historiador Jan Assmann a respeito da memória cultural, memória compreendida como partilhada pelo coletivo durante inúmeras gerações muito além dos homens que pelo primeiro momento a vivenciaram, sobrevivendo apenas por mecanismo que a tornavam de possível rememoração. Mecanismo que podiam variar de sociedade para sociedade incluindo as memórias escritas ou orais que poderiam ser recontadas e acessadas por meio de rituais, lugares, objetos e monumentos. Seria assim uma memória preservada não no campo do individual, mas sim pelo campo do social por meio de especialistas que teriam a responsabilidade de cultivar e ensinar esse tipo de memória.

Teoria que pela primeira vez possibilita a compreensão das práticas ritualísticas e dos monumentos e lugares formados por estes povos como portadores e facilitadores da construção da memória dos mitos e das histórias genealógicas que conectavam por muitas vezes os reis e chefes locais escandinavos a seus ancestrais e geravam identidade a esse grupo nórdico legitimando assim os poderes sociais presentes entre estes homens.

Outra teoria inovadora que mudou a forma de compreendermos a arqueologia foi a iniciada nos anos 80 por arqueólogos como Christopher Chippendale, Michael Shanks e Mats Burström sobre o foco cronológico da arqueologia que buscava separar as coisas e fatos por períodos bem estabelecidos pensando apenas cada período por suas próprias construções e monumentos. Esse novo pensamento arqueológico busca a compreensão da múltipla-temporalidade do passado partindo do princípio de que se os resquícios do passado estão presentes até hoje estavam também no decorrer desta temporalidade e influenciaram e foram formados assim por esses múltiplos tempos históricos.

A última teoria que apontaremos é proveniente de estudos de antropólogos como Malinowski e levariam o estudo da criação da memória a novas compreensões. Pela análise de Malinowski os mitos e ritos revestiam e formavam o território com significados

de rememoração na intenção de torna-los algo familiar. Locais como montanhas, bosques, antigos monumentos e objetos passavam a habitar a memória coletiva como portadores de certa mística que poderia ser conectada com a morada de determinados deuses ou ainda o local de presença dos ancestrais. Os territórios revestidos por compreensões míticas motivariam e explicariam a proximidade entre estes homens e o numinoso.

REPRESENTANDO XAMÃS E FEITICEIRAS NA EUROPA SETENTRIONAL: UMA COMPARAÇÃO ENTRE A LITERATURA ISLANDESA MEDIEVAL E O RELATO LAPPONIA DE JOHANN SCHEFFER

Pablo Gomes de Miranda

(UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

O objetivo do nosso trabalho é traçar um estudo comparativo entre as representações dos praticantes mágicos das sagas islandesas, escritas a partir do século XIII, e do relato do pesquisador Johann Scheffer intitulado *Lapponia: id est, regionis Lapponum et gentis nova et verissima descriptio*, publicada em 1673. Entre as diversas práticas mágicas que surgem nas narrativas das sagas islandesas, principalmente nas Sagas dos Reis (*Konungasögur*), a feitiçaria, *Seiðr*, parece ocupar um espaço estritamente reservado às mulheres, trazendo feminilização aos homens que a pratique. Tais representações nos parecem estar intimamente ligadas ao povo Sámi que ocupa as regiões lapônicas mais ao norte da Noruega, Suécia e Finlândia (sendo identificado como Finn nessas fontes), povo que tradicionalmente reserva aos homens a operação de algumas práticas mágicas que se assemelham ao *Seiðr* da literatura islandesa, principalmente quando identificado na figura do Xamã da prática *Noiade* descrita na obra de Johann Scheffer. Apesar de haver uma lacuna temporal considerável entre as fontes apresentadas e de ambas apresentarem olhares que não privilegiam os povos Sámi, o confronto dessas obras de diferentes naturezas podem nos lançar a novos questionamentos sobre a natureza das representações em torno das práticas mágicas na Escandinávia medieval.

O IMPÉRIO ROMANO DO SOFISTA FILÓSTRATO: FRONTEIRAS E IDENTIDADE GREGA NAS VIAGENS PARA A ÍNDIA DA "VIDA DE APOLÔNIO DE TIANA" (SÉCULO III D.C.)

Semíramis Corsi Silva

(UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Campus Franca)

A obra de natureza biográfica *Vida de Apolônio de Tiana* foi escrita por Flávio Filóstrato, sofista grego que viveu de meados do século II a meados do século III d.C. Filóstrato teve contato próximo com o poder imperial romano no período dos primeiros imperadores da dinastia dos Severos, Septímio Severo e Caracala, e ocupou cargos públicos em Atenas. Esta comunicação objetiva apresentar interpretações de passagens da *Vida de Apolônio de Tiana*. Visamos, com isso, mostrar como um sofista grego, inserido nas estruturas de poder do Império Romano na época da dinastia dos Severos (193 - 235), período em que essa obra foi escrita, percebe a Índia nas relações estabelecidas por seu personagem, o sábio viajante Apolônio, em viagem por esse espaço. Em tal viagem Apolônio mantém contato com brâmanes e reis indianos e há descrições de povos e de aspectos geográficos locais. Buscaremos mostrar como nessas passagens há a construção de fronteiras identitárias e a afirmação da identidade e da paideia grega do autor, Filóstrato, em meio a suas representações do outro projetadas no protagonista de sua biografia e em suas próprias narrações. Além disso, pretendemos analisar a possibilidade da viagem de Apolônio para a Índia ter sido real ou uma criação do sofista, refletindo sobre a ótica e os possíveis anseios de Filóstrato em relação com características do contexto severiano em que viveu e escreveu. Vinculamo-nos aos estudos da Nova História Cultural, que permitem novas abordagens centradas nos contatos político-culturais, fronteiras identitárias e representações.

IDENTIDADE CRISTÃ NICENA E SEXUALIDADES NA ANTIGUIDADE TARDIA A PARTIR DE UM DISCURSO AGOSTINIANO DE FINS DO SÉCULO IV

Wendell dos Reis Veloso

(UFRuralRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

Diversos pensadores utilizam a hipótese de que elementos ligados às sexualidades são capitais nos processos históricos de (re)ordenamento social. Desta maneira, entendemos as sexualidades como elementos estruturantes no projeto político de identidade cristã "oficial" formulado pelas elites eclesiásticas da Antiguidade Tardia que defendiam a vertente nicena do cristianismo. Grupos de destaque estes, dos quais Aurélio Agostinho (354-430), bispo de Hipona, era uma das "vozes" autorizadas de maior prestígio, mesmo ainda em momentos próximos à sua conversão no último quartel do século IV (386). Destacamos que neste trabalho o vocábulo sexualidades faz referência não apenas ao intercuro sexual, mas também aos desejos e às fantasias associadas ao sexo. Sentimentos estes que podem reverberar em sexualidades tidas

como desviantes ou mesmo na renúncia à sexualidade. O que chamamos de projeto político de afirmação do credo declarado o correto a partir do Concílio de Nicéia (325) é de suma importância para as elites episcopais da Antiguidade Tardia porque uma das principais características deste período é a profusão de possibilidades de interpretação do credo cristão. Inclusive, a partir do século IV houve um acirramento da perseguição aos cristãos, mas, desta vez, efetuada por eles mesmos, com o propósito de eliminar os supostamente desviantes. Isto foi possível porque neste período ocorre a paulatina aproximação entre os poderes políticos protocolares do Império Romano e os representantes do credo niceno. Esta aproximação resultou na declaração desta crença como a oficial do Império Romano (380), e foi fundamental para que no processo hierárquico de constituição das identidades cristãs do período, o credo niceno ocupasse o lugar de referência - o "nós" do binômio "nós-outros", o qual se refere aos elementos mais primários do estabelecimento das identidades sociais - e declarasse os demais como os destoantes, os "outros". Isto posto, pretendemos apontar a maneira como as sexualidades eram percebidas e como tal percepção incidiu em concepções de normalidade e de desvio, as quais serviriam para reforçar a identidade nicena. Teoricamente nos pautaremos na História Sociocultural das Religiões, entendendo todas as manifestações religiosas como produto cultural, portanto, sem hierarquizações, sejam estas institucionalizadas ou declaradas falsas, a exemplo do maniqueísmo - credo cujos representantes são os principais interlocutores de Agostinho no século IV. Antes, são estas classificações elaboradas pelos detentores do discurso que nos interessa analisar. Metodologicamente nos valeremos das análises da obra agostiniana "Confessiones" (397). Há de se sublinhar que menções acerca das sexualidades, por vezes, não se encontram no discurso do bispo de maneira objetiva. Logo, seguiremos as proposições de Carlo Ginzburg e por meio de uma metodologia indiciária daremos atenção aos detalhes, por vezes negligenciados na hermenêutica histórica.

Tema:

Temática Livre

NOTAS SOBRE O SENTIDO COMUM EM TOMÁS DE AQUINO E ARENDT

Ricardo Gião Bortolotti
UNESP/Assis

Pensadores de diversas épocas e escolas buscaram esclarecer o que se entende por “realidade”. Realistas e nominalistas debateram, cada qual com seu quinhão de verdade, acerca dessa noção. Malabarismos conceituais foram criados, mas, mesmo diante dos estratagemas da ciência, ainda partimos de um consenso geral para nossas atividades práticas. Assim, sabemos que um fenômeno não é fruto da imaginação singular, porque há um consenso que atesta a sua veracidade. Na esfera social, por exemplo, nas atividades coletivas dos homens em sociedade, partimos do chamado “senso comum”, possível da pluralidade da organização humana, das várias opiniões que se cruzam e formam a rede social. Em outros termos, pode-se dizer que o senso comum, objeto dessa comunicação, corresponde ao juízo emitido sobre os mais diversos assuntos do plano humano. Não exige, pois, esquemas mentais como o da ciência, que parte da quantificação do real. O senso comum está mais para o *sentido* de nossas ações do que para o seu *significado*, o qual pode ser atribuído à atividade científica. Ora, para essa discussão, selecionamos o diálogo entre dois autores: Tomás de Aquino e Hannah Arendt. Esta última, com o foco central de suas preocupações no juízo emitido na esfera política; Tomás de Aquino, ao falar de um “sexto sentido”, que forneceria unidade a todos os outros. Na verdade, percebemos a “mesma realidade” por que o contexto é o mesmo a todos, embora cada percepção possa variar na apresentação de seu objeto, ou seja, objetos percebidos em perspectivas diferentes. Assim, propomo-nos expor o que se entende por senso comum, partindo do pensamento de dois autores: Tomás de Aquino e Hannah Arendt.

O DESEMPENHO DE PLÍNIO, O JOVEM, EM TRÊS CONTENDAS TESTAMENTÁRIAS: AS DEFESAS DE ARRIONILLA, JUNIUS PASTOR E ATTIA VIRIOLA

Dominique Monge Rodrigues de Souza

(UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Campus Franca)

O objetivo de nossa apresentação é discorrer sobre as características, disposição física, procedimentos processuais, legislação e relevância do Tribunal dos Centúviro durante os séculos I e II d.C. Utilizaremos como documentação as obras Cartas e o Panegírico a Trajano, ambas de autoria de Plínio, o Jovem, senador romano de origem equestre, que atuou nesta corte de justiça tanto na qualidade de magistrado (*decemuir stlitibus iudicandis*) como advocatus. Os processos sob a jurisdição desse tribunal tinham como característica disputas testamentárias. Esses processos poderiam ter o seu início nas contendas por propriedades de indivíduos que morreram sem deixar um testamento ou na contestação da partilha dos bens legados. No que tange a nossa documentação, Plínio, além de mencionar diretrizes legais que norteavam a elaboração

de testamentos, nomeação dos herdeiros e taxas, nos legou informações sobre o desenvolvimento de processos no Tribunal dos Centúviro, uma vez que divulga em suas cartas a sua intensa atividade judicial nessa corte, destacando a sua atuação em três casos: defesas de Arrionilla, Junius Pastor e Attia Viriola. Além de analisar os relatos referentes a esses processos, é nosso intento também relacionar o estudo desse tribunal com o ambiente político-administrativo do Principado, período este marcado por intensas negociações e compartilhamento do poder entre Senado e Imperadores.

LACTÂNCIO NAS EPÍSTOLAS DE SÃO JERÔNIMO

Douglas Raphael Machado Gobato

(UEM - Universidade Estadual de Maringá)

Renata Lopes Biazotto Venturini

(UEM - Universidade Estadual de Maringá)

Tradutor e copista cristão, São Jerônimo é nossa principal fonte de informações sobre Lactâncio, retórico romano que viveu entre os séculos III e IV. Jerônimo nasceu em Estridão, em 347. Sobre sua juventude, não dispomos de muitas informações, sabemos, contudo, que entre os anos de 359 e 367 teria ido a Roma para estudar, tendo adquirido ali sua formação humanística. No final de sua estadia na capital, Jerônimo conheceu o batismo, seguindo então para a Gália, onde buscou colocar-se a serviço do Estado. Desistindo de sua carreira em Tréveris, acabou se decidindo pela vida monástica, o que o levou para a Antioquia e em seguida para o deserto da Síria, onde passou dois anos em isolamento. De volta a Antioquia, dedicou-se ao aprendizado do grego e hebraico, estabelecendo as bases de sua atividade como tradutor. Seu desejo pela aprendizagem o levou para Constantinopla, onde conheceu o patriarca Gregório de Naciaceno, de quem aprendeu os segredos da exegese alegórica. Após a renúncia de Niciaceno, em 381, Jerônimo retorna ao Ocidente, onde se torna secretário do papa Damaso em Roma.

O contato com Damaso é particularmente interessante no que diz respeito as informações sobre Lactâncio, pois em uma correspondência para Jerônimo, datada de 384, o pontífice emite seu julgamento sobre o texto de Instituições Divinas do retórico latino, o que nos permite avaliar a recepção do principal escrito de Lactâncio pouco mais de cinquenta anos após ter sido redigido.

No ano seguinte a morte do papa, em 385, Jerônimo regressa ao Oriente, assentando-se na Palestina. Os anos seguintes, foram de intensa dedicação a sua atividade literária, publicando traduções e comentários bíblicos. Esses anos, também

foram cercados de controvérsias doutrinárias, criando tensões entre Jerônimo e outros bispos da época até sua morte em 419.

No epistolário de São Jerônimo, escrito entre 374 e 419, encontramos oito referências a Lactâncio, feitas pelo próprio Jerônimo ou por algum de seus destinatários. O retórico latino, viveu em um momento de transformações políticas, econômicas e sociais, além dos embates ideológicos que marcaram a crise do Império Romano nos séculos III e IV. São Jerônimo atribui uma variedade de escritos a Lactâncio, que abordam temas como geografia, filosofia e métrica. Além de compêndios de cartas. Todos esses foram perdidos. Possuímos apenas os textos escritos após a conversão do retórico latino, com destaque para suas Instituições Divinas, que conciliam um ataque às religiões politeístas e as principais correntes filosóficas da antiguidade a uma exposição da doutrina cristã. O autor escreve esse texto em um momento de efervescência cultural em que o cristianismo lutava por legitimidade. Nesse sentido, a partir das menções que encontramos nas cartas de São Jerônimo, buscamos compreender o caráter de Lactâncio enquanto pensador cristão e a recepção que seus escritos tiveram no seio da nascente ortodoxia nos séculos IV e V.

A "LINGUAGEM COMUM" ENTRE AS ENTIDADES ASSOCIATIVAS NA JUDEIA DO SÉC. II A.C.

Fernando Mattioli Vieira

(UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"- Campus Assis)

A partir do séc. III a.C., ocorre uma série de mudanças na estrutura da sociedade judaica oriundas sobretudo de sua situação política em relação aos governos vizinhos. Na primeira metade do século seguinte, os atritos resultantes de sua política externa diminuem e é formado um governo autoritário que em pouco tempo cria uma base estrutural forte, sem a interferência direta de governos estrangeiros. As fontes do período mostram que foi com esse cenário social que ocorreu a multiplicação de entidades associativas de naturezas diversas em território judaico. Por sua vez, o que chama a atenção acerca desses grupos é o fato de possuírem uma "linguagem comum" quando comparados. A presente comunicação visa apresentar uma possibilidade para explicar as causas que teriam levado com que as entidades associativas daquele período tivessem práticas e representações mais uniformizadas, deixando de lado inclusive o uso da violência física.

AS FACÇÕES DO CIRCO: ENTENDENDO SUA PARTICIPAÇÃO SOCIAL E POLÍTICA NO IMPÉRIO ROMANO

Francisco Fontanesi Gomes

(UNESP - Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho"- Campus Assis)

Esta apresentação de trabalho irá tratar de uma ideia de projeto ainda em desenvolvimento que visa compreender melhor o que são as "facções do circo", conhecidas por serem grupos de torcedores nas corridas de biga que ganharam mais relevância principalmente a partir do principado de Augusto. O que chama a atenção é que essas facções começam a ter destaque na situação política do Império, muitas vezes estando à frente de revoltas sendo a mais conhecida a "Revolta Nika" que aconteceu no império romano do oriente durante o governo do imperador do oriente Justiniano no ano de 532 D.C. A singularidade dessas facções é que apesar de serem aparentemente apenas grupos de torcida, havia diferenças quanto ao pensamento de cada uma das facções, principalmente relacionados às suas origens sociais. Os dois grupos mais conhecidos, os verdes e os azuis, tinham características sociais bem diferentes entre si, os azuis eram mais conhecidos por serem compostos de grandes donos de terra e até mesmo alguns nobres, já os verdes eram compostos por pessoas de uma camada na hierarquia social inferior como comerciantes e camponeses. A ideia aqui é apresentar o que foi descoberto até agora sobre a origem dessas facções, as suas relações com a política imperial e até onde chegava a sua participação e sua dinâmica na política e na sociedade romana. Para tanto, será apresentado um panorama geral de fontes que vão desde a época dos primeiros imperadores até o terceiro e o quarto séculos depois de Cristo, assim como também apresentar autores que trabalham em suas pesquisas essas facções.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A SEÇÃO DO POEMA DE RERUM NATURA DEDICADA À PROCISSÃO DE MAGNA MATER EM ROMA

Maria de Nazareth Eichler Sant'Angelo

(UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro)

Interessa-nos abordar, na presente comunicação, um tópico bastante controverso no campo de estudos dedicados ao De Rerum Natura: a presença de divindades romanas no poema, considerando as convicções epicuristas de Lucrécio, e a sua intenção de realizar uma crítica filosófica à religião pública romana. O poeta e filósofo romano descreve, no Livro II (vv. 600-660) do DRN, a procissão da imagem de Magna Mater em Roma. Interrogaremos os propósitos ou intenções de Lucrécio ao realizar a descrição literária do culto à deusa romana.

Vindo da Frigia, o culto à estrangeira Cibele, domesticada como Magna Mater, foi trazido à Roma no contexto das Guerras Púnicas e crise instaurada pela invasão de Aníbal. A imagem da deusa chegou à península pelo porto de Óstia, em 204 AEC e, em 191 AEC, teve seu próprio templo dedicado no Palatino, colina associada à ancestralidade e perpetuidade da urbs e às suas mais veneráveis tradições. Os cultos em sua honra foram gradativamente incorporados ao calendário cívico-religioso romano. O festival das Megalensia, no qual estavam incluídos os ludi megalenses, ocorriam entre 4 e 10 de abril. Outro rito associado a Magna Mater era a lauatio, o banho ritual de sua imagem no rio Almo.

Discutiremos que a perplexidade diante da descrição lucreciana da procissão da imagem da deusa, cuja beleza poética foi comentada e transmitida, com entusiasmo, pela tradição literária latina ocidental, resulta de dois fatores correlacionados. Em primeiro lugar, é preciso levar em consideração a incompreensão a respeito de alguns princípios da doutrina epicurista e, principalmente, das características assumidas pela mesma ao longo do seu processo de recepção por parte da elite romana do período final da República. Em segundo, é necessário superar a recusa, de parte da crítica, em compreender o epicurismo romano a partir do caráter coextensivo e não-contraditório das diferentes formas discursivas disponíveis na Roma tardo-republicana.

É, efetivamente, o esclarecimento da dinâmica de interação, no período, entre o discurso religioso e o literário, que nos permitirá avançar no entendimento do passo lucreciano referente a Magna Mater. Afinal, a mesma literatura romana que se constituiu, no século I AEC, em confronto com as filosofias helenísticas, era uma forma de conhecimento religioso per se, uma vez que através dela se definiam, se codificavam e se transmitiam as práticas e os conhecimentos do sistema religioso romano. Lucrécio pertenceu à elite romana de seu tempo, e fez dela o público-alvo de seus versos epicuristas. Na condição de agente de aculturação da elite, a literatura romana do século I AEC se afirmou como meio da mesma exercer seu poder e agir sistematicamente sobre a religião romana, modificando-a.

OS IMPERADORES PAGÃOS: HISTÓRIA, RELIGIÕES E A ENTRADA DO CRISTIANISMO NO IMPÉRIO ROMANO.

Nathany Andrea Wagenheimer Belmaia Amador

(UEL – Universidade Estadual de Londrina)

Monica Selvatici

(UEL – Universidade Estadual de Londrina)

Nos primeiros séculos de nossa era, aos poucos o cristianismo conseguiu se organizar como instituição, se fortalecer e alcançar posição de religião dominante no Império Romano. No entanto, este processo não foi simples tão pouco rápido. Lutas incessantes atravessaram toda história do Império, de um lado cristãos, monoteístas, carregando consigo apenas em Deus e um profeta, Jesus, de outro, o paganismo, adversário que tinha a seu favor o tempo, tempo arraigado nas tradições, nas crenças, divindades que remontam a tempos muitas vezes incalculáveis, e a multiplicidade de Deuses e manifestações. Uma realidade tão estruturalmente bem constituída ao longo de tanto tempo não poderia ser facilmente modificada de forma radical. Este trabalho busca fazer uma incursão na história do paganismo no Império Romano através das resoluções dos Imperadores pagãos, discursos, atitudes e resoluções no que diz respeito ao âmbito religioso de 30 a.C. até meados do século IV.

A PÍSTIS DE PLATÃO: PROBLEMATIZAÇÃO DA ESTRUTURA DRAMÁTICA DOS DIÁLOGOS

Rafael Virgílio de Carvalho

(UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"- Campus Assis)

O antigo termo grego pístis significava "confiança ou boa fé em alguém" e referia-se, no que tange ao campo filosófico do Mundo Grego Antigo, ao vínculo existente entre discípulo e mestre. Talvez a sua mais famosa expressão tenha sido a relação que Platão manteve com Sócrates, mesmo após a morte de seu mestre. O início do desenvolvimento filosófico de Platão foi profundamente marcado por esse vínculo, nomeadamente conhecido como fase socrática ou da juventude. Todavia, é muito provável que tal influência tenha percorrido todo o percurso filosófico platônico, tanto em sua maturidade quanto na velhice. Tal hipótese pode ser sustentada, principalmente, pelo uso do personagem de seu mestre em quase todos os seus diálogos. Pensando nisso, a estrutura dramática dos diálogos platônicos surge como terreno profícuo a ser explorado em busca de indícios sobre a pístis de Platão.

CAÇA ÀS FEITICEIRAS: O MEDO EM RELAÇÃO À MULHER E A GRANDE PERSEGUIÇÃO.

Talita da Costa Plum

(UFMA - Fundação Universidade Federal do Maranhão)

O Tribunal do Santo Ofício, nascido durante os séculos XII e XIII (instituído oficialmente pelo Papa Gregório IX em 1229), compõe sua trajetória desde a Idade

Média Central até meados do século XIX. Sua atuação se torna mais acirrada durante os séculos XIV-XVI, quando a perseguição contra os considerados inimigos da Igreja, denominados hereges, é posta como prioridade, e as medidas tomadas tornam-se bastante rigorosas. O presente trabalho tem como objetivo analisar uma das maiores perseguições cometidas pela Inquisição: a caça às feiticeiras. Diante da tamanha problematização que tal tema acarreta, busca-se focar na questão do discurso contra o sexo feminino, mais especificamente contra a "natureza" de sua sexualidade, dando destaque para a demasiada importância deste mesmo discurso, de forma que essa perseguição alcançasse patamares tão avassaladores. Além disso, serão mostradas as visões concebidas sobre o uso de magia em diferenciadas épocas dentro do medievo, concomitantemente, os eventos que incentivaram esse medo coletivo perante as ditas feiticeiras, e de que maneira esse sentimento teve grande parcela de responsabilidade no vasto número de mulheres incendiadas pela fogueira.

A PRESENÇA DO MITO PAGÃO NAS IGREJAS ESCANDINAVAS DO SÉC XII

Valmir Azevedo dos Santos Junior

(UFPA - Universidade Federal do Pará)

Este estudo tem como objetivo atestar a presença da mediação cultural de acordo com o que foi proposto por Paula Montero, acerca da conversão indígena na Amazônia, mas aplicada à realidade da Escandinávia durante a cristianização.

Na Noruega, os poderes seculares e religiosos trabalharam juntos no período das construções das igrejas de madeira. Com a conversão na primeira metade do século XI, os altos oficiais eclesiásticos residiam permanentemente na corte real (ainda pagã). Esta prática continuou por quase um século e meio, até a criação, em 1152, de uma sé metropolitana independente em Niðáróss que buscava desenvolver uma igreja mais independente possível. A decisão de usar Sigurðr como um símbolo provavelmente surgiu a partir da estreita cooperação da Igreja e do rei no início desse período; Ele também tornou possível a aplicação de um emblema real de uma maneira que era aceitável tanto para clérigos nativos quanto para a população de espírito independente.

É duvidoso que a lenda Sigurðr tenha sido usada na ornamentação da igreja a menos que pudesse ser harmonizada com os conceitos simbólicos do período. Felizmente um documento existente, "In dedicatione Templi" lança luz sobre a forma simbólica em que clérigos noruegueses interpretaram suas igrejas de madeira no momento em que estavam sendo construídas. O "sermo" (preservado no manuscrito do

pergaminho AM 619 4º) foi editado para publicação por Gustav Indrebv em Gamal norsk bomiliehok (INDREBØ. 1931), e segundo o sermão, a porta era interpretada como passagem do mundo profano para o mundo sagrado, ficando os símbolos pagãos do lado de fora da porta, onde os homens deveriam deixar suas "antigas crenças e superstições". O Dyr e o hurð (porta e entrada) são descritos como possuindo um significado simbólico para além da sua função ostensiva no mundo visível. A entrada foi vista não apenas como a passagem divina à presença sagrada, mas também como o ponto onde a defesa espiritual do interior sagrado vulnerável foi posicionada. O simbolismo da porta da igreja aparece no costume escandinavo medieval sobre o batismo, que foi realizado em toda a Escandinávia no limiar da igreja. Desta forma, não era permitido a um espírito imundo entrar e colocar em risco a área do sagrado. E é precisamente aqui na entrada que Sigurðr foi esculpido como um protetor simbólico da igreja. A teoria de mediação cultural de Paula Monteiro pode muito bem ser aplicada a realidade da cristianização da Escandinávia, desde que se considerem as suas particularidades. A forma com que se deu a conversão dos nórdicos aconteceu numa relação de alteridade e através da ressignificação de símbolos e mitos nórdicos, tendo muitas vezes paralelos com a análise de Paula Monteiro da conversão indígena. Assim como o cristianismo penetrou na vida dos homens do norte, símbolos do paganismo passaram a fazer parte da identidade cristã norueguesa.

MOEDAS ROMANAS NA ESCANDINÁVIA: RESIGNIFICAÇÕES E FUNÇÕES

Vítor Bianconi Menini

(UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

A influência do Passado romano em sociedades contemporâneas ou simultâneas ao Império é única a cada povo atingido por Roma. O foco desse estudo, fruto de uma Iniciação Científica, foram as interações romanas, diretas e indiretas, sofridas na Escandinávia. Inserido no debate sobre Antiguidade Tardia, este projeto tenta compreender, por meio das relações Roma e Mundo Bárbaro, quais eram as funções das moedas do Império e suas ressignificações em fora dele. O uso de cultura material se restringe à a Dinamarca e a ilha de Götland na Suécia.

Tema:

Igreja, Sociedade e Poder na Idade Média

Local: Sala 5 do prédio de História

A ESCOLÁSTICA NA HISTORIOGRAFIA DA CIÊNCIA

Amélia de Jesus Oliveira

(UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

A antiga imagem da Idade Média como a idade das trevas parece estar completamente ultrapassada contemporaneamente na história da ciência. Contudo, no transcurso dos últimos cem anos, a substituição dessa imagem se processou de modo bastante gradual, gerando inúmeras controvérsias quanto à real contribuição dos medievais para o desenvolvimento da ciência. Isso se aplica especialmente à análise do que ficou conhecido como escolasticismo. Neste trabalho, analisamos as perspectivas históricas de Pierre Duhem (1861-1916) e George Sarton (1884-1956) acerca dessa tradição. Apesar de vistos como muito próximos na literatura historiográfica em virtude de suas perspectivas continuístas, os dois estudiosos medievais partilham de algumas premissas, mas não chegam às mesmas conclusões, o que parece decisivo para a influência que exerceram posteriormente. A análise das divergências entre seus pontos de vista e da recepção de seus trabalhos revela a gradativa mudança ocorrida na história da ciência em suas poucas décadas de existência enquanto disciplina independente.

O CONFRONTO POLÍTICO DO BISPO GUÐMUNÐR COM OS GOÐAR, NA ISLÂNDIA DO SÉCULO XIII.

André Araújo de Oliveira

(UFMA - Universidade Federal do Maranhão)

Essa comunicação tem como intuito apresentar o confronto político do bispo Guðmunðr com os poderes seculares locais os Goðar. A cristianização da ilha foi iniciada pela allþing, assembleia geral, de 999, em um processo de longa duração no qual o impulso inicial dado pelo rei Norueguês Oláfr Tryggvason abriu as portas para a atividade episcopal. A primeira sede episcopal islandesa foi implementada em 1056 em Shálholt pelo bispo Ísleifur Gissurarson, essa sede abriria espaço para um papel mais presente do clero na sociedade islandesa, ainda seguidora da religiosidade pré-cristã escandinava. A análise do confronto político do Guðmunðr com a elite local se dará por meio da análise de sua saga a Guðmundar saga biskups, a saga do bispo Guðmunðr. Essa saga narra a vida de Guðmunðr Arason (1161 - 1237), o quinto bispo da segunda diocese da Islândia, Hólar. A documentação analisada demonstrará como o bispo se

utilizou da sua influência para sedimentar o clero na Islândia. Uma ilha com influências da religiosidade pré-cristã, mesmo quase 200 anos da sua conversão oficial.

A ESCRITA COMO INSTRUMENTO HIEROCRÁTICO: AS NUANÇAS DA ESCRITA INQUISITORIAL DE BERNARD GUI (1261?-1331)

André Pereira Rocha

(UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo)

Este trabalho tem por objetivo apontar questões e refletir acerca de aspectos específicos da produção escrita do inquisidor e bispo francês Bernard Gui (1261?-1331). Durante todo o século XIII, a Igreja Romana passou por inúmeras transformações, como consequências dos processos comumente conhecidos de "reforma gregoriana", das quais muitas delas acabavam por rediscutir e redimensionar os espaços de ação das esferas espiritual e temporal. Ao fim do XIII e início do século XIV, as disputas entre monarcas franceses e papado, principalmente entre Filipe o Belo e Bonifácio VIII, trouxeram novos rearranjos para a igreja do reino francês e para a região do Languedoc. Gui, inquisidor de Toulouse entre 1307 e 1323 - posteriormente nomeado bispo de Túy, mas acabando por exercer ainda ações de sua função anterior -, produziu ao final deste período o conhecido "Manual do inquisidor". Entretanto, mais do que um documento jurídico, de funcionamento dos instrumentos legais disponíveis para a Igreja naquele dado contexto, ele também representa a difusão de discursos específicos dentro dessas tensões. Assim, principalmente através dos conceitos de "auctoritas" e "potestas", é possível discutir as relações de jurisdição entre os poderes secular e espiritual, não somente inseridos no âmbito legal dos inquisidores, mas também da construção do poder hierocrático do papado, no qual se promulgava a ideia de legitimidade de domínio papal sobre estes dois poderes.

O EPISCOPADO NA GALIZA: PARADOXOS ENTRE A RELIGIOSIDADE POPULAR E O CRISTIANISMO OFICIAL

Cláudia Trindade de Oliveira

(UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"- Campus Assis)

O principal propósito deste artigo é discutir a importante questão relativa à interação entre cristianismo oficial e os paganismos no período inicial da Idade Média. Mais do que isso, faz-se necessário pensar a história desses movimentos a partir das relações entre o poder espiritual e o poder secular e como subproduto das mudanças

culturais, sociais e econômicas do período. O tema será abordado com base na análise de alguns documentos eclesiásticos e como principal referencial adotamos a metodologia analítica. Para tanto, fazemos uso de cânones conciliares e de um sermão do final do século VI. Entre as questões examinadas, um ponto importante será constituído por algumas reflexões a respeito do ambiente espiritual e da religiosidade no período da Alta Idade Média presente no interior da Península Ibérica, mais especificamente na região da Galiza. A intenção é verificar de que maneira o episcopado pretendeu organizar a sociedade de acordo com as prerrogativas morais cristãs por meio de uma prática normativa a partir de uma documentação que demonstra uma tentativa de legitimação da fé cristã por parte dos bispos e o modo como estas autoridades ligaram à finalidade política, valores cristãos.

AS ASTÚCIAS DO DIABO: FEITIÇARIA NA IDADE MÉDIA E NO MALLEUS MALEFICARUM SOB O PONTO DE VISTA FOUCAULTINO (SÉCULO XV).

Crislayne Dátima dos Anjos

(UEL – Universidade Estadual de Londrina)

A abordagem proposta neste artigo é interpretar o conceitos e práticas relacionados entre bruxaria e seu vínculo com a figura do Diabo presentes no *Malleus Maleficarium*, importante obra que serviu para instruir o processo de caça às bruxas, na passagem do século XV para o XVI. Utilizaremos o pressuposto estabelecido na tipologia elaborada por Michel Foucault, onde o mesmo analisa a distinção entre a feiticeira e a possessão, como instrumento de auxílio na interpretação da obra primária citada. Desta forma, analisaremos o texto produzido pelos inquisidores Heinrich Kramer e James Sprenger através do importante o curso ministrado no Collège de France Os Anormais. A partir de uma ótica foucaultiana, buscaremos abordar como a instituição religiosa se posicionou e quais mecanismos utilizou para estabelecer ainda mais sua hegemonia frente à sociedade medieval.

UMA ANÁLISE POLÍTICO-RELIGIOSA E ADMINISTRATIVA DA ATUAÇÃO DO IMPERADOR TEODÓSIO II NOS CONCÍLIOS DE ÉFESO I (431) E ÉFESO II (449) A PARTIR DOS ACTA CONCILIORUM OECUMENICORUM.

Daniel de Figueiredo

(UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Campus Franca);

A documentação que se dispõe, na atualidade, sobre o governo do imperador Teodósio II (408-450) é uma das mais ricas acerca de um imperador romano da

Antiguidade Tardia. Suas ações frente à administração do Império Romano do Oriente, já separado administrativamente da porção ocidental, na primeira metade do século V d.C., podem ser perscrutadas tanto por meio dos registros oficiais, produzidos ao longo dos seus quarenta e dois anos de governo, quanto por meio de relatos contemporâneos e posteriores elaborados por cronistas que se engajaram em descrever aquele período, sobretudo dando ênfase aos conflitos teológicos que emergiram durante a sua administração. Em vista dos documentos que chegaram até nós, o mais representativo desses conflitos parece se tratar da disputa teológica que teve início no ano de 428, entre os bispos Cirilo de Alexandria e Nestório de Constantinopla, e seus respectivos seguidores. Esse conflito ficou conhecido pela historiografia como Controvérsia Nestoriana e esteve relacionado a ideias teológicas divergentes acerca da natureza do corpo do Cristo encarnado, com desdobramentos nas esferas político-administrativas do poder imperial e da hierarquia eclesiástica em construção.

A imagem que se construiu acerca das ações de Teodósio II no gerenciamento desse conflito foi bastante retratada pela historiografia como a de um governante suscetível de ser manipulado pelos seus cortesãos e negligente na condução da política eclesiástica. A partir das cartas imperiais e de membros da hierarquia eclesiástica preservadas na obra *Acta Conciliorum Oecumenicorum*, editada por Eduard Schwartz, pretendemos demonstrar nesse trabalho que embora Teodósio II estivesse inserido na intrincada rede do mercado de influências que caracterizou sua administração, ele conduziu o conflito na hierarquia eclesiástica de modo a perpetuar as tensões entre as facções ciriliana e nestoriana em disputa e, desse modo, manteve-as sob controle. Longe de ser caracterizado como um governante de pouca habilidade política, entendemos que ora favorecendo essa ou aquela corrente doutrinária, Teodósio II freou, também, a emergência de uma facção ciriliana ou nestoriana forte no interior da administração imperial, representada por altos funcionários da Corte imperial em Constantinopla, que poderiam ameaçar a sua autoridade e os seus interesses de governante. Manobrar a diversidade, seja na hierarquia eclesiástica, seja no núcleo da administração imperial, parece-nos a estratégia adotada por Teodósio para manter a unidade imperial em torno de si, diferentemente daquela imagem que foi construída de um governante inconstante e manipulável.

**O CAMINHO DAS ALMAS: O IMAGINÁRIO LIGADO AO ALÉM NO
PROGNOSTICUM FUTURI SAECULI, DE JULIÃO DE TOLEDO
(642-690 D.C.).**

Germano Miguel Favaro Esteves

(UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"- Campus Assis);

Juliano de Toledo (642-690 d.C.), cuja vida e escritos influenciaram de maneira considerável tanto a teologia do reino quanto a cristandade Ocidental, nasceu na cidade de Toledo, foi nomeado bispo da sede toledana em 672 d.C., é tido até hoje como um dos últimos grandes bispos da Hispânia Visigoda. Considerada uma de suas mais importantes obras, o *Prognosticum Futuri Saeculi* (Prognóstico dos séculos futuros), escrito em 688 d.C., configura-se como uma obra teológica voltada para a escatologia cristã. Com uma composição esquemática, Julião aborda especificidades da vida pós-morte, da alma, e dos lugares do além. De acordo com o bispo de Toledo, nem todas as almas após a morte do corpo recebem sua destinação final, algumas delas são apartadas para receber a purificação por seus pecados, imperfeições que impedem o acesso à perfeita purificação que teria por destino o paraíso. Julião afirma a existência de um estado post mortem de purificação, em que as almas poderiam livrar-se de seus pecados por meio do fogo. Nosso intuito neste trabalho é traçar considerações sobre o discurso e o imaginário ligado ao caminho que pode ser percorrido pelas almas no além, segundo o citado prelado toledano.

CONSTANTINO I NA HISTORIOGRAFIA E NA CULTURA MATERIAL: AS RELAÇÕES DE PODER ENTRE ESTADO E IGREJA DA ANTIGUIDADE TARDIA AO MEDIEVO

Jefferson Ramalho

(UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas);

Esta comunicação tem por objetivo demonstrar a efetivação do processo de aliança entre o império romano e a religião cristã no início do século IV de nossa era, a considerável variação de informações contidas nas fontes - escritas ou não - contemporâneas ao próprio processo e os efeitos dessa relação de poderes no início da chamada Idade Média. Por meio de um olhar que pretende ser crítico, não faremos apenas um exercício comparativo desses documentos, mas também identificaremos algumas formas de legitimação do poder através do discurso e verificaremos até que ponto essas fontes serviram de modelo para outras produções culturais de momentos posteriores. Amparando-nos tanto em referenciais teóricos como Michel Foucault, Jacques Derrida e Paul Veyne como em um diálogo interdisciplinar com a arqueologia, faremos uma leitura de algumas representações do imperador Constantino. Entendemos que a partir desses exercícios, possamos identificar o quanto a história de

uma personagem é composta de subjetividades, variantes, intenções políticas e construções intencionalmente delimitadas. Para tanto, os documentos que analisaremos serão trechos dos escritos do primeiro biógrafo de Constantino chamado Eusébio de Cesareia, alguns relevos do Arco do Triunfo construído em Roma em honra a este imperador, quatro estátuas datadas do próprio século IV que representam a sua imagem e algumas moedas cunhadas em seu governo, tanto antes como depois de sua adesão à religião dos cristãos.

AS REPRESENTAÇÕES DOS VÂNDALOS NA OBRA DE GREGÓRIO I (590-604)

João Paulo Charrone

(UFPI - Universidade Federal do Piauí);

Nesta comunicação trataremos exclusivamente da "memória" e não das relações entre o pontífice Gregório I (590-604) e as diversas entidades políticas e culturais contemporâneas a ele. Tal personagem é apontado por muitos historiadores com o último pontífice da Antiguidade e, por outros, como o primeiro papa verdadeiramente medieval. A perspectiva adotada aqui, contudo, será fazer um levantamento literário da produção gregoriana, procurando analisar o modo como o pontífice representava os vândalos. Tal grupo germânico era distante temporalmente do mundo de Gregório I. Dito de outra forma, o reino africano dos vândalos sobreviveu por mais de um século, desde o desembarque na costa norte africana, na esteira de Genserico (429), até a derrota do rei Gelimero (534) para o general Belisário, no contexto do processo de reconquista empreendida pelo imperador Justiniano. De acordo com Bottiglieri (2008, p. 81), tal nação ficou marcada pela historiografia tardo-medieval pelas invasões e as incursões realizadas no solo itálico e as perseguições, muitas vezes violentas, infligidas ao clero católico. Vale a pena lembrar que os vândalos eram arianos.

ASPECTOS DA RELIGIOSIDADE POPULAR EXPRESSOS NOS SERMO AD POPULUM DE CESÁRIO DE ARLES (SÉCULOS V E VI)

Thiago Fernando Dias

(UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"- Campus Assis);

A história da Gália galo-romana antes do século VI é marcada por vários fluxos, por vezes pacíficos, por vezes violentos, de "invasões". Os francos, ainda que tenham sido os últimos, foram os que lograram maior êxito. O período posterior ao século VI,

nesta região, é marcada pela história de uma conversão, a de Clóvis, um rei guerreiro que entre os anos 481 e 511 conseguiu consolidar boa parte do território da Gália aos francos. Essa conversão estabeleceu uma aproximação entre a monarquia e a Igreja e, para consolidar essa aliança, foi indispensável o auxílio de figuras importantes como padres, monges e bispos. Nesse momento, de combate aos resquícios de uma tradição e construção de uma nova religião, desponta Cesário, Bispo de Arles, que através de seus sermões procurou cristianizar os considerados pagãos e extirpar suas práticas religiosas. Porém, a cristianização não ocorreu imediatamente, foi um processo longo e gradual onde vários elementos se embatiam e confluíam para uma nova religiosidade popular. Assim, a presente comunicação apresentará algumas características dos *Sermo ad populum*, de Cesário de Arles, sobretudo, sua visão acerca da religiosidade popular e as crenças referidas como pagãs praticadas